ANO 9 Nº94 2002 R$ 7,00
BOOKMAKERS
MACMANIA
Dicionários e corretores ortográficos para Mac
Faça do seu email uma arma
O que você não pode esquecer de salvar na hora de reformatar seu HD
PowerBook Titanium Combo: agora sim!
Office para Mac OS X: finalmente!
Kodak DCS 760, a megacâmera digital
Memória RAM em chaveiro
Show de impressoras
Testamos 8 jatos-de-tinta A3 e A4

As Cartas Não Mentem

Chega de iMac, X, DVD!

Meu nome é Cecília e tenho 12 anos, todos passados em companhia de um Macintosh. Até ano passado, o Mac daqui de casa era meio velhinho, mas agora temos um G4 Cubo... que eu uso quase mais do que o meu pai. De uns tempos pra cá, a Apple e a Macmania têm me surpreendido muito. Foi um acontecimento estranho atrás do outro! A Apple lançou aquele "horror de padaria" (que parece um pão de queijo), potente e muito feio; vocês começaram a falar de apenas três coisas: o novo iMac, o Mac OS X e o queimador de DVD. O novo iMac é potente, não nego, mas ainda existem outros computadores sendo vendidos e estes também merecem algum espaço na revista. O Mac OS X, devo dizer que me decepcionou. O layout é horrível, por sorte é possível mudar para o Classic; deve ser um OS potente, mas o que é um computador sem um layout, no mínimo, compreensível? E sobre o queimador de DVD: admitam que a era do DVD ainda não chegou e que o VHS ainda vai durar bastante tempo.

Cecília Soares
ceb-soares@uol.com.br

Em sua homenagem, Cecília, não publicamos nada sobre o novo iMac neste mês. Mentira: não publicamos porque não conseguimos colocar as mãos no único exemplar do iMac de tela plana, que estava no Brasil no começo de março. O bicho já chegou com a agenda lotada e, infelizmente, passar um tempo na Macmania para que pudéssemos compartilhar nossas opiniões com os leitores não estava entre suas prioridades. Torça para que a Apple Brasil encontre um tempinho para cedê-lo para nossos testes a tempo para a próxima edição.
Não vamos discutir se o iMac ou o Mac OS X são feios ou bonitos; afinal, gosto é gosto. O que importa para a gente é que eles, assim como o SuperDrive, são o que há de mais novo no mundo Mac, e é nossa obrigação falar a respeito deles. Claro que não vamos esquecer a grande maioria dos leitores com seus iMacs coloridos, Performas e G3 azuis. Temos vários artigos programados para ensinar como tirar o máximo do seu Mac "clássico". Aguarde.
Ah, e não se iluda: o VHS morreu, sim.
E já foi tarde.

Pisando no balde

Como é sua duocentésima vez, não vou corrigir e sim esculachar: a maçã invertida nos laptops só foi corrigida nos iBooks brancos e no G4 Titanium, e não no Powerbook G3 FireWire, seus malas! Não tem desculpa, pois foi uma "correção" ao Rodrigo Grecchi *(Macmania 92);* portanto, a mala que respondeu deveria checar. Aproveito para pedir mais capricho nas matérias, pois joguinho e glossário é pra mongos! Pô. Quem sabe, informar sobre acessórios e periféricos "para PC", bem mais baratos, que podem ser usados em Mac, por exemplo.

Eduardo Galvão
galvs@conex.com.br

Tá vendo só? Isso é o que dá confiar na memória. Realmente, você tem razão: a corrigida na maça foi bem depois do PowerBook G3. Ponto para você.
Quanto à sua sugestão, estamos preparando essa matéria para uma edição futura. Aqui é assim: leitor pede, a gente faz. Pode demorar, mas faz.

Dicionário de DTP

Gostaria de agradecer pela imensa força, atenção e excelente trabalho que realizaram – Heinar, o Mario AVP *(audio, video e photo)* e o nosso tipógrafo Claudio Rocha – na edição dos termos do Dicionário de DTP. Cheguei a ficar com inveja de tamanha síntese e clareza do conteúdo. Ficou muito agradável a leitura (li inteiro novamente), além de uma ótima apresentação visual. Estão todos de parabéns. O livro está em processo de impressão, e se não for para as livrarias ainda em março, no máximo no início de abril estará na área. Por parte da Macmania já surgiram os "efeitos colaterais". Hoje recebi mais de 20 emails no endereço que publicaram. Espero que, por parte dos leitores, o retorno para vocês também seja superpositivo.

Jairo Willian Pereira
jairowillian@uol.com.br

Vários leitores acharam o dicionário muito útil. Só um achou que era coisa de mongo, mas esse não conta. Em breve devemos repetir a dose com outras áreas, como vídeo e áudio digital.

Preço caro demais

Por que toda vez que a Apple lança um hardware novo, mesmo que não se altere os preços nos EUA, sempre há um "reajuste" por aqui? Mesmo com a alta do dólar e tarifas de importação, acredito que não se justifica tamanho aumento para os novos produtos. Seria essa a melhor estratégia de ganho de mercado? Tenho um Mac há três anos. Na época, paguei em torno de R$ 2.990, sendo que esse era o melhor modelo deles. Depois de ver o preço dos novos iMacs, fico me perguntando: qual é a da Apple?

Cassio Val Miyamoto
cavlmt@hotmail.com

Há três anos, o dólar e o real estavam na proporção de 1 para 1, e nós éramos felizes e não sabíamos. O pior é que nem adianta reclamar, pois a Argentina manteve essa paridade e deu no que deu. Mas acredite, é melhor reclamar em Brasília do que em Cupertino. Aproveite que estamos em ano de eleições.

Perdida no meio dos CDs

Preciso da ajuda de vocês. Trabalho também em uma editora, e meu maior problema é a busca de arquivos em meus becapes nos CDs. Etiquetei todos, iniciando do 0; então gostaria que me indicassem um programa de banco de dados para eu cadastrar tudo o que tem nos CDs, com um sistema de busca. Por exemplo: Quero achar o arquivo "David Rocha"; então digito a palavra e ele me diz que está no CD 06. Sei que existe um software da Iomega que seria perfeito, só que não consigo nomear os CDs com o nome ou número que quero; ele já nomeia com o nome que está gravado no CD.

Adriana
anuncios@motorpress.com.br

Existem dezenas de programas para isso. Nós indicamos o DiskTracker, o CD Finder e o iView. Todos eles podem ser encontrados no site www.versiontracker.com

Explicando o preto

Gostaria de esclarecer uma informação que acredito estar em parte equivocada, publicada no Dicionário de DTP da Macmania. No que se diz a respeito de "Preto", segundo o livro *Produção Gráfica,* de Lorenzo Baer (Editora Senac), e não só no livro mas como ouvi do próprio mestre, que foi meu professor no Curso Superior de Tecnologia Gráfica do SENAI "Theobaldo de Nigris", o "K" de CMYK se deve ao seguinte:
"O preto é representado pela letra K no lugar de B (Black) para não criar confusão com o B do azul (Blue), como muitas pessoas insistem em chamar o Cyan. De acordo com a colocação, o K vem de *Key sketch,* o traçado-chave nas artes-finais. A finalidade do traçado preto é definir a posição das cores marcadas nos *overlays*... do *key sketch;* a letra K é também chamada de *key plate,* a fôrma impressora, quase sempre do preto, que serve para orientar o registro das imagens em quadricomias."
O trecho acima faz parte do referido livro (página 108), que poderia ser até mostrado e comentado nas páginas da Macmania, já que é uma excelente ferramenta para produtores gráficos e pessoas interessadas na área.

Ariel Vido
ariel.f@terra.com.br

Já mostramos e comentamos o livro do professor Lorenzo na Macmania 68, mas mesmo assim agradecemos seu valoroso esclarecimento, sem o qual nosso humilde dicionário ficaria irremediavelmente incompleto.

Pai padrasto

Macmania, Heinar, Mario, Tony, Tom, Márcio, qualquer um, me ajudem! Meu pai quer mudar para um PC, diz que nosso iBook já está velho e acabado e que um PC (1,6 gigahertz, 512 MB de RAM, CD-ROM LG 52x e placa GeForce 2) vai substituir o lugar do iBook, do Macintosh ou da Apple. Agora que lançaram o novo iMac, ele até está pedindo para as outras pessoas comprarem para ver se ele deve se arriscar, porque o iMac DV dele também não está lá essas coisas (e por que ele tem o direito de usufruir de um Mac e nós não, pergunto eu?). Tenho dois irmãos, que também não concordaram com a idéia (no início, porque quando falaram de "mais joguinhos" se entregaram, a gentalha).
Sabe de uma coisa? Eu não entendo como ele, junto com meu tio, trouxeram o Macintosh para Goiás e agora querem jogar para os filhotes deles a porcaria do PC. Façam de tudo, mas convençam ele a ficar com o meu Mac. POR FAVOR!

Renato de Paula Mesquita
renatodpmesquita@yahoo.com

Que tal propor para o seu pai que ele fique com o pecezão joiado e deixe o tal iMac DV para você? Pra começar, convença seus irmãos a brigarem por um PlayStation 2. Se o que eles querem é jogatina, que seja numa máquina decente. Depois, diga para o seu pai que seu sonho é ser cineasta ou programador de Java e que o Mac é a melhor plataforma para isso. Dê indiretas de que, se não for assim, você poderá ficar frustrado e confuso sobre qual carreira seguir e provavelmente continuará morando com ele até os 35 anos. Só não fale, sob hipótese alguma, que você sonha em ser Web designer. Isso pode ter o efeito oposto. Seu pai pode ficar preocupado demais e resolver tirar seu Mac e ainda te botar numa escola militar.

Palpitações papais

Sou usuário Mac há uns 4 anos, além de comprador e leitor assíduo da Macmania desde o número 72. Apesar de não ser publicitário nem trabalhar com arte digital, lido com imagem na área da saúde e sei bem das repercussões que os estímulos visuais podem determinar sobre o corpo humano.

Acompanhei com grande descaso as várias críticas dirigidas à excelente revista quanto ao excessivo uso de modelos femininos nas capas. E assim persistiu minha indiferença até alguns dos últimos exemplares, quando resolvi me posicionar, pelo menos parcialmente, a favor dos protestos. Não me entendam mal: não compartilho os mesmos sentimentos de "revolta", "desgosto" ou talvez até "cobiça" de alguns leitores ao se depararem com belas mulheres. Simplesmente, como profissional da saúde, acho que algumas precauções e medidas preventivas devem ser tomadas.

Tenho 30 anos, não fumo, não tenho história pessoal ou familiar de doença cardiovascular e hipertensão, mas tenho sofrido de palpitações e dores no peito ao me deparar com algumas das capas da Macmania (principalmente as de número 85 e 91, com a "Divina Papa"). Imagino o efeito que poderiam provocar sobre corações mais fracos e pouco acostumados com imagens tão intensas. Que tal fornecerem descontos em um plano de saúde ou seguro de vida a preços módicos para esses leitores? Talvez algo mais simples, como amostras grátis de vasodilatadores coronarianos ou digoxina acompanhando a revista?

Exijo medidas preventivas imediatas antes que algum leitor morra abraçado a uma Macmania com um "sorriso satisfeito estampado no rosto".

As capas femininas têm sido uma amostra concentrada de beleza impressa em papel, capaz de fazer o velho Gutenberg se mexer no túmulo. Continuem sempre expondo essas "fabulosas máquinas" que tudo têm em comum com o design provocante e voluptuoso que cada vez mais caracteriza os produtos da Apple. Parabéns à equipe pelo bom gosto e classe, tanto na escolha das beldades como na composição das capas, não esquecendo do conteúdo objetivo e extremamente útil da revista. E para os críticos descontentes com corações mais fracos... quem sabe um check-up urológico???

Lucio Luzzatto
lucioluzzatto@mac.com

O email do doutor já está publicado, pessoal. Anotem e deixem perto do Mac antes de visitar nosso site, que agora conta com os exclusivos "making ofs" das sessões de fotos das capas. Preparem seus corações.

Mac OS/2?

Eu estou com uma dúvida: ouvi falar sobre um sistema operacional chamado OS/2. Seria o Mac OS? É possivel instalar um sistema operacional do Mac, como o OS X, em um PC normal, tipo AMD K2 de 500 MHz? Se isso for possivel, qual seria uma boa configuração para rodar o Mac OS?

Leandro
lbr@terra.com.br

O OS/2 foi um sistema operacional desenvolvido pela IBM quando percebeu a burrada que tinha feito ao entregar a faca, o queijo e o guardanapo a uma tal de Microsoft, que foi responsável por desenvolver o sistema operacional do IBM-PC. Em vários aspectos, era bem mais avançado que o Windows da época, mas deu com os burros n'água. Tinha multitarefa preemptiva e memória protegida, o que prova que isso não é tudo. Quanto ao Mac OS, desculpa aí, mas só roda em Mac mesmo.

Pastas sumidas

Notei que, toda vez que crio uma nova pasta a partir do Internet Explorer, surge um erro que nas versões anteriores do Mac OS não acontecia. Tentarei ilustrar a situação: estou em um página com uma relação de cinco links para PDF. Quero salvá-los e crio um diretório para esse fim. Salvo o primeiro arquivo na pasta HD/documentos/pdf e, quando vou salvar o segundo arquivo, acontece o problema. O browser me exibe a caixa de diálogo apontando para HD/documentos. Simplesmente ignora a última pasta que criei. O que pode ser?

Wellington Saamrin
wellington@njobs.com.br

Com certeza, isso é resultado do estilo quick 'n'dirty *de programar, popularizado por um certo William Gates III. Em tempo: na versão para o OS X, eles consertaram o bug.*

A saga do AppleWorks

Li a resposta dada ao Sr. Pedro Pinheiro, Macmania 93, e verifico que vocês são muito jovens para saber a verdadeira história do AppleWorks e do TotalWorks.

Em 1986, eu adquiri um TK 3000. Esse TK era um Apple II fabricado no Brasil. Junto com o TK veio o TotalWorks, em disquete de 5 1/4". Mais tarde, adquiri nos Estados Unidos o AppleWorks, também em 5 1/4", que instalei no TK 3000. IMPORTANTE: continuei usando todos os trabalhos que eu tinha gravado com o TotalWorks, sem perder uma só vírgula. Isso inclui texto, banco de dados e planilha. Depois de algum tempo, adquiri o programa ClarisWorks 3 e um drive de 3 1/2" e instalei tudo no TK 3000. IMPORTANTE: continuei usando todos os arquivos que eu tinha gravado com o TotalWorks e o AppleWorks, sem qualquer adaptação. Isso inclui texto, banco de dados e planilhas de cálculo.

O ClarisWorks 3, o TotalWorks e o AppleWorks, em 8 bits, são completamente compatíveis, com os mesmos comandos. Para mim eles são iguais. Usei-os muito tempo sem notar qualquer diferença.

Final feliz: usei o TK 3000 de 1986 até novembro de 2001, quando ganhei o Performa 6300, onde o programa instalado é o ClarisWorks 7.1.2P (32 bits). Aos poucos, estou transferindo todos os arquivos do TK 3000 para o Performa, com uma única dificuldade: nos textos, tenho de corrigir as letras acentuadas e os "ç", mas sem perder uma só vírgula. Quanto ao banco de dados, eu sempre digitei sem acentos e "ç", por isso nada tenho a corrigir. Meu marido transferiu textos, bancos de dados e planilhas que ele iniciou no TK 3000 para o Performa. Do Performa ele passou para o iMac, onde estão funcionando. Para um final ainda mais feliz: vendi o TK 3000 e o novo dono o está usando para ler uns disquetes de 5 1/4" antigos. É, o TK 3000 de 1986 ainda está vivo.

Evelena Boening
evelena@via-rs.net

Fascinante. Descobrimos recentemente que até existe uma versão do AppleWorks para Windows, mas a Apple não faz muito barulho sobre ela, que é vendida apenas diretamente ao mercado educacional nos EUA.

Bomba do leitor

De repente, meu InDesign 2.0 (no Mac OS 9.2) achou que o designer estava obsoleto e quis dar um "tapa" no visual. Para isso, incorporou David Carson e fez essa maravilhosa composição tipográfica. Quem disse que computador não tem senso estético, hã, hã?

Marck Al
skillfox@mac.com

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Patrono: *David Drew Zingg*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Departamento Comercial: *Artur Caravante, Francisco Zito*

Gerência de Assinaturas: *Fone: 11-3341-5505*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*

Capa: *Ilustração: Ed*

Redatores: *Daniel Roncaglia, Márcio Nigro, Sérgio Miranda*

Assistentes de Arte: *André Cesário, Thaís Benite, Valquíria Gottardi*

Revisora: *Julia Cleto*

Colaboradores: *Alexandre Boëchat, Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos H. Gatto, Carlos Ximenes, Céllus, Daniel de Oliveira, Douglas Fernandes, Fargas, Fido Nesti, Gabriel Bá, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, Jean Galvão, João Velho, Junião, Luciana Terceiro, Luiz F. Dias, Marcelo Martinez, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Orlando, Pavão, Rafael Coutinho, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Samuel Casal, Silvio AJR, Tom B*

Fotolitos: *Input*

Impressão: *Copy Service*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 577 CEP 20560-000 – Rio de Janeiro/RJ Fone: 21-879-7766*

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda.*
Rua Topázio, 661 – Aclimação
CEP 04105-062 – São Paulo/SP
Fone/fax: 11-3341-5505

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
arte@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

A MACINTOSHIZAÇÃO DA TV

Mel Lisboa (gostoosaaaaaaa!) roubando uma jóia em frente a um iMac azul. Herson Capri acessando a Internet de dentro do barco num Titanium. É, os Macs tomaram de assalto a mídia eletrônica brasileira. Na Globo, a novela Desejos de Mulher arregaça, especialmente nos dois cenários da revista "Estilo Mulher". Mas nada é mais engraçado do que a cena em que Glória Pires mostra seu dotes informáticos dando um ⌘Option Esc no iMac Snow travado da amiga.

ROSEANA SARNEY NÃO USA MAC

Mas na propaganda de TV dela aparecia um iBook branco.

FALA QUE EU TE ESCUTO

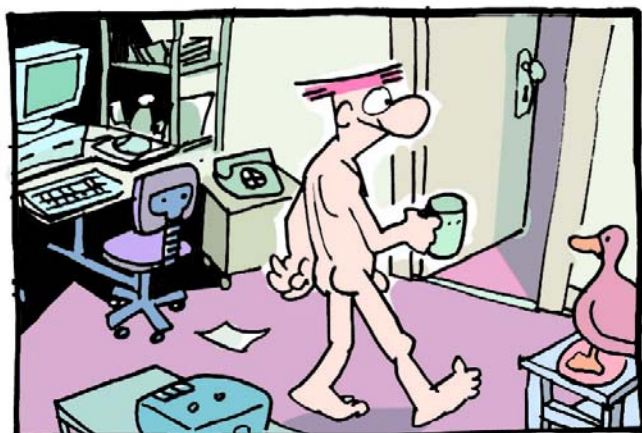
Minha Nossa Senhora! Chutaram a santa e colocaram um Apple Cinema Display no lugar. Dizem que o Bispo Macedo foi iluminado pelo Senhor e exorcizou o PC feioso do cenário. Valeu, Rafael Savi.

BIG BROTHERBAND BRASIL

A videografista clubber Estela ganhou um G4 parrudo para fazer uma animação em Flash. Virou a noite, cumpriu a tarefa, mas não adiantou. Expulsaram a macmaníaca do Big Brother. Sacanagem!

Mande sua colaboração para arte@macmania.com.br ou para a Editora Bookmakers: Rua Topázio, 661 - São Paulo - SP - CEP 04105-062.

Oi, Hugo! Sou a Sharon Stone. Por favor vista-se! Eu, a Uma Thurman e a Cameron Diaz temos que filmar e não podemos desconectar com você desse jeito.

www.laerte.com.br

O novo homem da Apple no Brasil

__Javier Vargas,__ recém-nomeado como gerente geral da Apple para a América Latina e Caribe, resumiu o que pretende fazer no cargo: "vamos dar lucro". Parece um desafio grande, mas ele não se assusta. Sua intenção é fazer a Apple virar um bom negócio por aqui. Segundo ele, esse é o primeiro passo para a empresa poder pensar em novas ações como – quem sabe? – a manufatura local. Javier Vargas trabalhou durante muito tempo na Adobe. Antes disso, foi gerente geral para a América Latina da Aldus – empresa criadora do PageMaker e FreeHand e co-responsável, junto com a Apple, pela revolução do Desktop Publishing. Mexicano, ele andou afastado do mundo Macintosh por alguns anos, mas está de volta. "Trabalhei com vários modelos de computadores Apple, desde o Apple II, passando pelo Classic e outros", disse. Hoje, ele voltou à plataforma, para fazê-la crescer no Brasil.

O que você pretende fazer na Apple Brasil?
Meu irmão me fez essa pergunta. Ele me disse: "qual será o seu legado para a Apple?" Quero sair daqui depois de dois, quatro, cinco anos. Quero ser conhecido como a pessoa que conseguiu fazer a Apple aqui dar lucro. Acho que é um desafio interessante, um desafio grande. Estive antes na Adobe, e, apesar de não ser um macmaníaco, me faria bem ser reconhecido assim.

Você é usuário de Mac?
Fui, deixei de usar durante um tempo e voltei agora. Conheço o Macintosh, mas acho que, para mim, o valor que posso agregar à Apple é meu conhecimento sobre a América Latina.Vejo tudo como um negócio, precisamos crescer, ter opções de compra, mais participação de mercado, oferecer softwares em português para Mac. Afinal, os desenvolvedores não vão se envolver com a plataforma se não houver um mercado maior. Para isso é importante, para mim, que as revendas Apple sejam um sucesso. Assim, a Apple Brasil, a Apple América Latina e a Apple como um todo vão ter sucesso.

> "Nossa prioridade: aumentar a participação de mercado"

Quais os principais problemas que você vê aqui?
Problemas, nenhum. Oportunidades, muitas. O mercado da Apple é de 5% dos usuários globais. Nós temos que atingir uma parte desses 95% que não têm computadores Apple.

Sim, mas lá nos Estados Unidos a realidade é diferente. A marca é muito conhecida e tal...
Claro, mas aqui no Brasil e na América Latina, nossa marca também é conhecida. A diferença é que lá as pessoas tem uma experiência maior de tocar a máquina. Na América Latina não existe tanto este tipo de experiência.

Mas, por exemplo, aqui no Brasil, mesmo nos mercados cativos da Apple, como o de editoração eletrônica, tem muito PC; a Apple ainda tem que crescer muito de volta nesse mercado.
Isso acontece no Brasil, na América Latina e nos Estados Unidos também. As realidades dos mercados aqui e nos EUA não são muito diferentes. Temos que recuperar esses mercados aqui e lá também. Há quatro anos, as pessoas começaram a migrar de plataforma, e o trabalho nos Estados Unidos tem sido de recuperar esses nichos da Apple. Aqui na América Latina também não é diferente. Essa mudança foi causada, em grande parte, por causa de preços. Quem usa Apple adora nossos produtos. Muitas vezes, é por questões de custo que se mudou para os PCs. Eu sou um exemplo disso: trabalhei numa empresa que decidiu mudar os laptops de Mac para Wintel. Agora que estou na Apple, voltei a usar Macs, que eu adoro. O processo de convencimento dos Macs é muito mais fácil.
Outra oportunidade para nós é o mercado educacional. Nos Estados Unidos, a Apple tem cerca de 40% de participação de mercado. Na América Latina, a Apple não tem uma participação tão grande. Acho que aí está uma grande oportunidade par nós. Como vamos fazer isso? Ainda estamos estudando e fazendo planos. Mas uma coisa é certa: temos que treinar as revendas, para que elas saibam como vender para esse mercado. Muitas pessoas acham que o preço é a forma de vender, mas não é verdade. O que temos que fazer é deixar as pessoas tocarem, sentirem a tecnologia. Pronto, está convertido!

Você falou em preço. Essa é, justamente, a principal reclamação dos macmaníacos: que as máquinas da Apple estão chegando muito caras. Sabemos que os custos de importação são muito altos e a única solução para isso seria a Apple montar os computadores aqui no Brasil. A Apple pretende abrir uma fábrica aqui?
Não, não temos planos. E a Apple não fala de planos futuros. Falamos de coisas de agora. Preço é importante, mas a questão principal não é o preço, mas o custo/benefício. Se você comparar o iMac com um produto que tem a mesma configuração, velocidade de processamento, os programas que vem incluídos no iMac (FireWire, SuperDrive, etc.), o PC vai sair mais caro.

Sim, nos EUA o Mac é mais competitivo. No Brasil, a questão é diferente. Empresas que montam aqui, como a Dell, acabam tendo uma vantagem comparativa. O usuário sabe que existe uma grande vantagem em comprar um Mac, mas na hora da compra... Veja o novo iMac, por exemplo. Os leitores ficaram apaixonados, mas agora que eles sabem o preço que vai custar no Brasil (R$ 9 mil), ficam com aquela sensa-

> "A questão principal não é o preço, mas o custo/benefício"

ção de sonho impossível, de que nunca vão conseguir comprar.
Uma BMW custa US$ 36 mil nos EUA, mas não vai custar os mesmos US$ 36 mil no Brasil. Nós, mexicanos, entendemos perfeitamente o que você quer dizer. A culpa então é de quem, do usuário, da revenda ou do distribuidor? Claro que eu gostaria de ter a solução para isso, mas isso depende mais da situação econômica e fiscal do país. Quero arranjar soluções, mas isso é uma coisa tipo "a galinha e os ovos". Enquanto não tivermos um crescimento expressivo, não tenho como justificar novas ações.

Como montar os Macs aqui?
Como qualquer nova ação. Nós temos que pensar em várias soluções. Analisar tudo.

Software disponível também é importante. Como você vê isso? Já existe algum plano?
Estamos começando a conversar, quero trabalhar com mais desenvolvedores e também com os usuários finais. Como já disse, queremos entrar mais no mercado educacional e ampliar a quantidade de programas compatíveis com Mac. Nós conversamos constantemente com todos os desenvolvedores de Macintosh. São mais de mil desenvolvedores para Mac. Estamos conversando com eles para convencê-los a ter interesse na América Latina. Parte do meu trabalho é isso: convencer que o mercado da América Latina é bom. Estamos com alguns planos em andamento, mas ainda não podemos falar nada. O desenvolvimento agora, com o Mac OS X, vai ser muito melhor; vai facilitar muito o desenvolvimento para a plataforma.

Quais as prioridades para a Apple no Brasil?
Aumentar a participação de mercado, aumentar a participação de mercado e aumentar a participação de mercado. Eu estive uns tempos longe do mercado Apple e, agora que voltei, posso dizer que a situação é muito melhor do que eu imaginava. Honestamente. Nossa equipe é ótima, muito comprometida, todos têm esse compromisso. Ainda temos muitas oportunidades de crescer, mesmo com todo o crescimento que já tivemos no Brasil nos últimos anos. Em novembro e dezembro, a Apple abriu nos EUA o conceito das AppleStores, as lojas de rua. Foram mais de 800 mil pessoas passando pelas lojas; muitas delas nem mesmo tinham contato prévio com o Mac.

Mas como será trazido esse conceito de loja para o Brasil? Já temos uma experiência com uma loja, a MacMouse, que está num ponto excelente em São Paulo, mas a gente não sente da Apple um comprometimento em fortalecer esse tipo de negócio.
Pretendemos implementar esse conceito na América Latina, mas de uma forma "tropicalizada". Por enquanto, não teremos AppleStores fora dos EUA. Mas pretendemos encontrar parceiros para que possamos desenvolver algo parecido por aqui. O ideal é fazer isso nos shoppings, em locais de muito tráfego, como é nos Estados Unidos. Não temos planos concretos agora, mas para o segundo semestre deveremos ter algo resolvido.

"Não há coisa pior do que um cliente insatisfeito"

A Apple tem alguma intenção de participar de eventos como a Fenasoft?
A Apple é suficiente em si mesma para fazer um evento que seja mais interessante. Algo que seja mais importante para o mercado, que seja bom para as revendas e também para nós. Do meu ponto de vista, com minha experiência, acredito que os Road Shows sejam muito melhores para nós, do ponto de vista de negócio. Eu tenho que valorizar a minha verba de marketing, e prefiro gastar num evento que me dê o melhor retorno. O Road Show é mais focado para o nosso usuário, ele vai se sentir mais confortável. Não há coisa pior do que um cliente insatisfeito. Um evento feito por alguém que não seja da Apple não vai pensar nesses aspectos. E o Road Show é nosso, podemos controlar e pensar no que é melhor.

HEINAR MARACY e SÉRGIO MIRANDA

Na berlinda da pirataria

Disney se volta contra a Apple e a acusa de incentivar a cópia ilegal

Tem gente que não gosta nada dessa nossa facilidade em ficar andando pra lá e pra cá com iPods cheios de MP3 e resolveu acusar a Apple de incentivar a pirataria. O primeiro a reclamar foi **Michael Eisner,** chefão da Walt Disney Company. Numa reunião no Senado norte-americano, o executivo botou a boca no trombone, acusando fabricantes de computador de promover suas máquinas como um meio fácil para a cópia de CDs ou DVDs. Usou como exemplo a campanha publicitária da Apple que diz *"Rip. Mix. Burn"* ("grave, mixe e queime"). No comercial, um rapaz entra num teatro onde estão vários músicos famosos (De La Soul, Barry White, Iggy Pop, George Clinton e outros) e escolhe um a um quem entra no CD que ele vai montar. Eisner usou palavras fortes para criticar a propaganda da Apple, como "roubo" e "pirataria".
O Senado americano está estudando uma lei para forçar fabricantes de computadores a criar e adotar tecnologias que não permitam a duplicação de mídias que tenham direitos autorais resguardados, como CDs e DVDs. Se não bastasse isso, nos EUA um consultor de informática viu um rapaz roubando softwares de uma loja da CompUSA com um iPod. Ele se achegou a um Mac e, com o cabo FireWire, plugou o iPod no Mac e copiou alguns programas para o tocador (que, entre outras coisas, é um HD portátil de 5 GB). Vai ver, ele levou ao pé da letra o aviso que vem no iPod – "não roube música" – e viu que dava para pegar outras coisas em vez de MP3. Enquanto isso, Steve Jobs deu uma entrevista ao jornal *Wall Street Journal* afirmando que as gravadoras não estão facilitando a vida de quem gosta de música e quer levá-la para onde quiser. Segundo Jobs, "quem comprou legalmente um CD de música deve ter o direito de fazer com ele o que quiser".
Agora sim, o circo está armado, pronto para pegar fogo.

Photoshop 7 chegou!

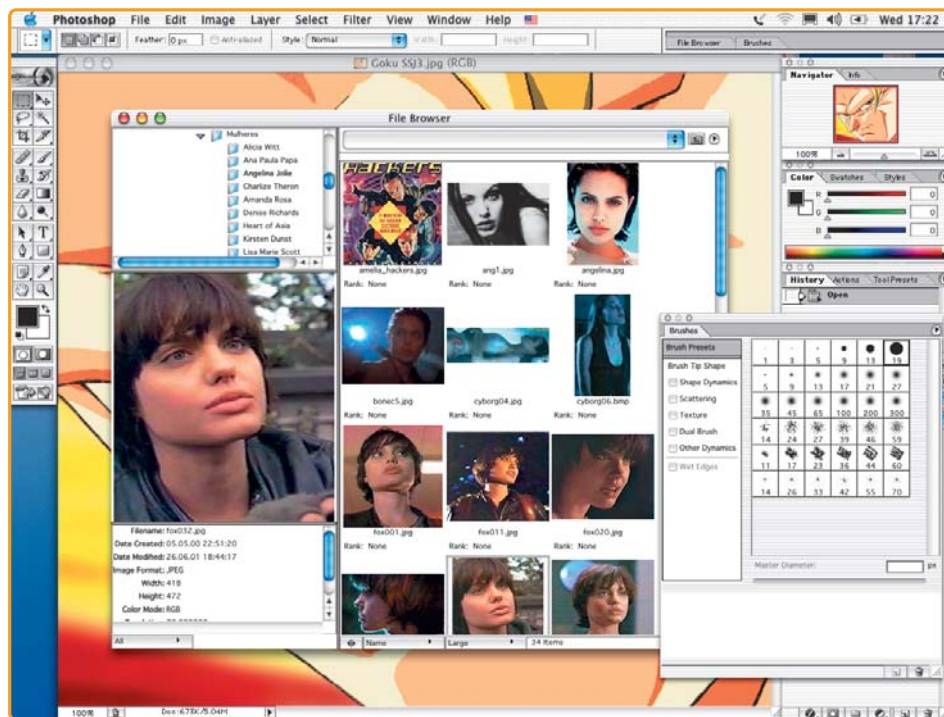
À venda no site da Apple

O **Photoshop 7** já está à venda no site da Apple para o mercado americano. Porém, não entre ainda em estado de euforia absoluta, pois, segundo a Adobe, o programa só chegará ao Brasil no meio do ano. Além de rodar nativamente no OS X (e também no 9.1), uma das novidades é o File Browser, janela para navegar visualmente pelas imagens gravadas no HD sem precisar pular para o Finder. A interface é similar à do shareware ACDSee. Você pode listar os arquivos por nome, dimensão, tamanho, tipo, resolução, perfil de cor, data de modificação e informação de *copyright*. E criar seu próprio sistema hierárquico para identificar e agrupar imagens.

Outras novidades são um novo sistema de *brushes*, um comando "Auto Color" para correção mais confiável de cores e o Healing Brush, uma variação do carimbo que facilita remover poeira, riscos e rugas de fotos. O novo plug-in Pattern Maker seleciona qualquer área de uma imagem e gera automaticamente uma textura contínua, sendo útil para criar padrões realistas a partir de elementos escaneados como pedra, tecido, madeira ou areia.

O preço do Photoshop 7 no Brasil deverá ser em torno de US$ 845 (US$ 211 para atualização).

Adobe: www.adobe.com/products/photoshop

Apple: www.apple.com/macosx/applications/photoshop

Agora, usuários do OS X também podem entupir o HD sem precisar abrir o ambiente Classic

Um novo Flash para novos tempos

Demorou um pouco, mas a Macromedia finalmente lançou um Flash compatível com Mac OS X. Rebatizado como **Flash MX** (e não Flash 6.0), o programa traz várias novidades: vídeo interativo, novas ferramentas de design, uma grande quantidade de *templates* (modelos prontos) disponíveis, editor de ActionScripts personalizável e compatibilidade com QuickTime e Windows Media Player, entre outras. Com a nova versão, os vídeos em formato Flash não precisarão de um aplicativo externo para visualização, além de aceitarem o codec Sorenson Spark e todos os padrões utilizados pela Internet. O Flash MX é "carbonizado" (compatível com o Mac OS X e também com o Mac OS 9.x) e estará à venda no site da Macromedia, por US$ 499. Usuários registrados pagam US$ 199.

Macromedia: www.macromedia.com

Macmaníacos também pagam imposto

Cansado de ter que usar um PC (ou o Virtual PC) para fazer sua declaração de Imposto de Renda? Então, proteste! O pessoal do **CIPSGA** (Comitê de Incentivo à Produção de Software GNU ou Alternativo) organizou um abaixo-assinado para mostrar sua "insatisfação com a obrigatoriedade imposta pela Receita Federal a todos os usuários de computador de utilizar o sistema operacional Windows para fazer a declaração do Imposto de Renda". Segundo o texto, existem muitos usuários de outras plataformas, como Mac OS e GNU/Linux. E manda avisar: "não cabe ao Estado determinar que sistema nós devemos utilizar. Cabe, porém, oferecer opções diferenciadas, respeitando a diversidade e o gosto dos usuários." O objetivo é que a Receita Federal disponibilize um software multiplataforma já para 2002. Se quiser participar, basta ir ao site e assinar. Até o fechamento desta edição, mais de 3.500 pessoas já o haviam feito. É claro que isso não resolve tudo, mas que ajuda, ajuda.

CIPSGA: www.cipsga.org.br

Petition.com: www.petitiononline.com/ir2002/petition.html

Usuários de Mac e Linux fazem abaixo-assinado para não ter que usar o Windows para pagar o IR

iMac na estrada

Macmaníacos e não-macmaníacos preparem-se: o **Apple Solutions Road Show** — evento que acontece duas vezes por ano e passará por cinco capitais brasileiras — já está com data marcada para começar.
E, para alegria de todos e felicidade geral da nação, o novo iMac G4 terá presença garantida na primeira fila.
O Road Show, segundo Rodrigo Pellicciari, gerente de produto da Apple, é uma grande oportunidade de usuários e não- usuários de Mac conhecerem as novas tecnologias da Apple. Serão workshops (Vídeo, Web e Mac OS X), palestras e estandes de parceiros Apple com produtos para Mac, como programas, periféricos e outros. Mas, sem sombra de dúvida, a grande atração será mesmo o iMac G4, que chega oficialmente para venda em 10 de abril.
Apple Brasil: www.apple.com/br

Datas do Road Show

Fortaleza: 4 de abril
Curitiba: 9 de abril
Belo Horizonte: 11 de abril
Rio de Janeiro: 16 de abril
São Paulo: 18 de abril

O ***Try & Buy*** ("Experimente e Compre") é uma estratégia de marketing que remonta ao nascimento do Macintosh. Para divulgar o seu revolucionário lançamento, a Apple deixava que alunos, professores e formadores de opinião passassem horas (ou dias) brincando com um Mac 128k. Diz a lenda que o próprio Steve Jobs foi entregar um Mac em mãos ao Stone Mick Jagger, que não entendeu muito para que servia aquela coisa.
A idéia é simples: nada melhor para mostrar as vantagens de usar um Mac que deixar o potencial usuário mexer no equipamento. As AppleStores americanas nada mais são que uma extensão desse conceito.
Como você pode ver na entrevista com Javier Vargas, nesta edição, a ordem na Apple é reproduzir o conceito no Brasil. E a coisa já começou. Em março, a Apple realizou um evento-piloto na loja da Fast Shop do Shopping Ibirapuera, em São Paulo, onde clientes da loja foram convidados a trazer suas fitas de vídeo digital para serem editadas no iMovie.
"O evento foi um sucesso. Teve gente vindo do interior de São Paulo para participar", disse Antonio Carlos Galvão, coordenador de varejo da Apple Brasil. Segundo ele, já estão programados eventos semelhantes em outras lojas da Fast Shop para abril. Dependendo do resultado, esse tipo de ação deverá ser realizado em outras redes de varejo que trabalham com Mac.

iMacs roubaram a cena na Fast Shop

Mac: provou, comprou

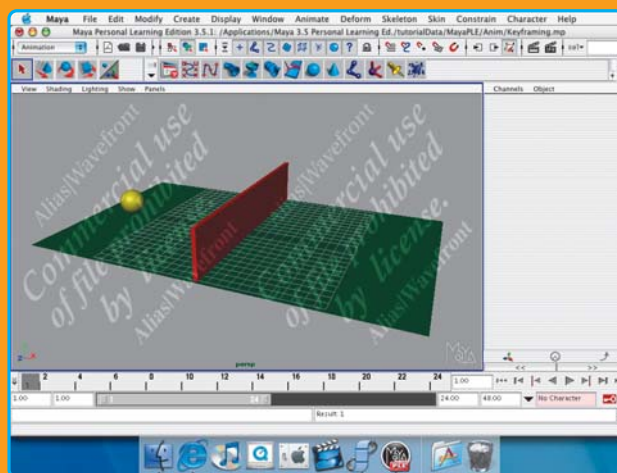
Apple Ensino

A Apple, mostrando que o mercado educacional do Brasil é mesmo uma prioridade para ela, realizou uma promoção inédita no país: reduziu em R$ 1 mil ou mais os preços do iMac e iBook, sendo que a compra pode ser parcelada em até dez vezes. Quer mais? O comprador ainda ganha uma impressora de presente.
A promoção **Apple Ensino,** apenas para estudantes e professores, vale nas lojas Fast Shop e FNAC e continuará até o final dos estoques. Por isso, é bom correr. Fazem parte da promoção o iMac 500 MHz e o iBook 500 MHz com CD-ROM. O iMac teve o preço reduzido de R$ 3.990 para R$ 2.990, sendo possível parcelar o pagamento em dez vezes de R$ 356,50. O preço do iBook baixou ainda mais, passando de R$ 5.270 para R$ 3.990, ou dez parcelas de R$ 475,70. Além disso, acompanha o iMac uma impressora Lexmark Z22. O iBook, além da impressora, vem com uma mala simpática para o pequeno e uma bateria extra. Para participar da promoção, basta ir a uma loja Fast Shop ou Fnac com o comprovante de matrícula (estudantes) ou comprovante de salário (professores).

Maya de graça!

Depois de saturar site da Alias|Wavefront, o famoso programa de 3D e animação aparece no seu iDisk

Foi uma das melhores notícias para os macmaníacos que adoram animação 3D: uma versão gratuita para Mac OS X do **Maya**, o consagrado software de animação 3D. Mas essa notícia também teve seu lado ruim: foram tantos os acessos que o download do programa ficou fora do ar por alguns dias. Porém, quem tem uma conta no iTools (o conjunto de serviços de Internet da Apple) pode se preparar: dentro do iDisk, o disco virtual do iTools, há uma cópia do Maya Personal Learning Edition para download imediato. O arquivo compactado está dentro da pasta Software/Mac OS X Software/What's New.
O Maya, da Alias|Wavefront, é utilizado em quase todos os filmes hollywoodianos que contêm computação gráfica. O Maya Personal Learning Edition é uma versão *full* que coloca uma marca d'água nos trabalhos produzidos com ele. No site da Alias|Wavefront, além do programa (cerca de 150 MB) é possível baixar plug-ins e ver tutoriais.

Alias|Wavefront: www.aliaswavefront.com/freemaya
iTools: http://itools.mac.com

A versão de graça serve só para treino, pois carimba todos os *renders* com um aviso de "uso comercial proibido"

Volta às aulas!

Tudo bem que você prometeu no Réveillon que iria voltar a estudar e aprimorar suas técnicas para usar melhor o seu Mac. Mas, no fundo, você mesmo sabia que só depois do Carnaval ou da Páscoa a promessa talvez seria cumprida. Então, não vacile: o momento da volta é agora em abril, até porque depois fica tarde demais para este semestre.

A novidade é que estudar o Mac também está ao alcance dos macmaníacos de estados como Pernambuco e Minas, que podem aprender em sua própria terra com as novas escolas localizadas em todos os cantos do país. Confira, então, a nova atualização do nosso tradicional Tabelão de Cursos para Mac.

Escola	Sistema Operacional	Ilustração Digital	Editoração Eletrônica	Web	Vídeo e Multimídia	Edição de Imagens	Outros
Archi Design 19-3236-7143 Authorized Training Center	Mac OS 9 - 8h R$ 150						VectorWorks Básico - 20h R$ 395 VectorWorks Avançado 20h R$ 450 Strata 3D Pro - 20h R$ 395 Art•Lantis Render - 12h R$ 250
CAD Technology 11-3849 8257 20h R$ 395	Mac OS - 8h R$ 150			Flash - 12h R$ 295 Dreamweaver + Fireworks 20h - R$ 395			VectorWorks Básico - 20h R$ 395 VectorWorks Avançado - 20h R$ 450 Art•Lantis - 12h R$ 250 Strata 3D - 20h R$ 395 LightWave 3D - 40h R$ 895
Cursos Arco 11-3865-0553							VectorWorks Avançado 30h R$ 130 + 2x R$ 170
DRC 11-3168-2123 Authorized Training Center	Mac OS 9 + iTools 13h - 4x R$ 40 Mac OS X - 12h 4x R$ 50 Mac OS X Server - 8h 4x R$ 47,50	Illustrator - 20h 4x R$ 80 FreeHand - 20h 4x R$ 80	QuarkXPress - 20h 4x R$ 80 InDesign - 20h 4x R$ 80	Dreamweaver - 20h 4x R$ 80 Flash - 20h 4x R$ 95 Dreamweaver + Flash - 40h 4x R$ 157,50 Efeitos Especiais Flash - 12h 4x R$ 45 Flash + Efeitos - 32h 4x R$122,50 Action Scripts - 20h 4x R$ 97,50 PHP no Mac OS X - 12h 4x R$67,50 eCommerce + WebObjects 40h 4x R$ 450	Director - 20h 4x R$ 105 Lingo - 16h 4x R$ 90 QuickTime VR - 12h 4x R$ 67,50 iMovie - 8h 4x R$ 35 Final Cut Pro - 40h 4x R$ 210 DVD Studio Pro - 20h 4x R$ 147,50 FCP + DVD - 60h 4x R$ 300 Premiere - 20h 4x R$ 122,50 After Effects - 20h 4x R$ 117,50 Premiere + After - 40h 4x R$ 224,75 Compressão Video - 8h 4x R$ 45 FCP + After Effects - 60h 4x R$ 275	Photoshop 20h 4x R$ 80	FileMaker - 20h 4x R$105 4th Dimension - 20h 4x R$ 120 Combo DTP - 60h 4x R$ 217,50
Escola Dom Bosco 81- 3228-1444 Authorized Training Center	Mac OS 9 - 20h R$ 200 Mac OS X - 30h R$ 300 Mac OS X Avançado 16h R$ 160	FreeHand 28h R$ 280	QuarkXPress - 28h R$ 300		Final Cut Pro 2 - 30h R$ 300	Photoshop - 28h R$ 280 Photoshop Avançado 28h R$ 280	Introdução à Gráfica - 24h R$ 280 Impressão Offset - 30h R$ 300 Inglês Informatizado 150h R$ 10/hora
Grafsoft 11-5505-3559							ArchiCAD - 32 h R$ 420 (2x) Estudantes têm 20% de desconto
Graph Work 11-288-1304	Mac OS - 12h R$ 180	Illustrator 24h R$ 375 FreeHand 24h R$ 375	QuarkXPress - 24h R$ 375 PageMaker - 24h R$ 320 Editoração no Mac 66h R$ 850 InDesign - 28h R$ 520	Dreamweaver - 28h R$ 427 Flash - 42h R$ 739	Director - 42h R$ 760	Photoshop - 35h R$ 405 Photoshop Avançado 18h R$ 375 Tratamento de Imagem 28h R$ 712	

Impacta 11-3285-5566 ATC Authorized Training Center	Mac OS 9 - 24h R$ 440 Mac OS X Client 24h R$ 650	Illustrator 16h R$ 485	QuarkXPress - 40h R$ 570		After Effects - 8h R$ 250	Photoshop - 40h R$ 580 Photoshop Avançado 24h R$ 420 CorelDRAW - 40h R$ 550 CorelDRAW Avançado 40h R$ 595	
Informac 31-3241-5583	Mac OS - 6h R$ 200	FreeHand 18h R$ 250	QuarkXPress - 20h R$ 250			Photoshop - 22h R$ 250	Mac OS + Quark + FreeHand + Photoshop 66h - R$ 500
Mac Ceará Treinamentos 85-224-5422 ATC Authorized Training Center	Mac OS 9 e X 8h R$ 150	FreeHand - 16h 3x R$ 127 Illustrator - 20h 2x R$ 125		Fireworks - 16h 3x R$ 140 Dreamweaver - 24h 2x R$ 300 Flash - 16h 3x R$ 120	Final Cut Pro 2 + iMove 24h 3x de R$ 150	Photoshop - 20h 2x R$ 125	VectorWorks - 20h 2x R$ 125
Mac Company 11-3676-0184	Mac OS 9 - 8h Mac OS X - 8h (Preços a definir)	Illustrator - 8h FreeHand - 8h		Dreamweaver - 8h Flash Animação e Interatividade para Web - 8h Flash Efeitos especiais - 8h	Director - 8h DVD Studio Pro - 8h	Photoshop - 8h	
Macinrio 21-2295-4545	Mac OS 9 - 6h Valor Individual R$ 250 Grupos acima de 3 pessoas R$ 200 (por pessoa)	Illustrator - 15h Individual R$ 500 Grupos R$ 300	QuarkXPress - 15h Individual R$ 500 Grupos R$ 300 PageMaker - 15h Individual R$ 500 Grupos R$ 300 Acrobat - 15h Individual R$400 Grupos R$250			Photoshop - 15h Individual R$ 500 Grupos R$ 300	
Macmouse 11-3086-3915	Mac OS Básico 8h R$ 150 Mac OS X 8h R$ 180	Illustrator 20h R$ 390	QuarkXPress - 20h R$ 390	Flash - 20h R$ 490 Dreamweaver + Fireworks 20h R$ 490	Final Cut Pro - 20h R$ 740 Final Cut Pro Avançado - 10h R$ 650 DVD Pro - 20h R$ 600	Photoshop 20h R$ 390	
Senac 11-3866-2500 ATC Authorized Training Center			Diagramação e Editoração Eletrônica 56h - R$ 792	Superweb - 96h R$ 1450			Produção Gráfica - 72h R$792 Criação de peças promocionais no Computador - 60h R$ 900 Técnico em Computação Gráfica 848h R$ 5.400
Sirius 11-3021-4133	Mac OS - 6h R$ 165 Todos os cursos são individuais	Illustrator 15h R$ 412,50 FreeHand 15h R$ 412,50	QuarkXPress 15h R$ 412,50 PageMaker 15h R$ 412,50			Photoshop - 27h R$ 742,50	Gráfica Geral 9h R$ 247,50
Takano 11-3277-6633	Mac OS 9h R$ 95	Illustrator 26h R$ 221 FreeHand 26h R$ 300	QuarkXPress - 35h R$ 332 PageMaker - 30h R$ 332			Photoshop - 26h R$ 332	Produção Gráfica - 40h R$440 Criação e Design - 40h R$ 440 Mac OS + QuarkXPress +Illustrator + Photoshop - 96h R$ 730 ou 4x R$ 200
Universidade Veiga de Almeida 21-2574-8851 ATC Authorized Training Center	Introdução ao Mac 12h R$ 100 Mac OS 9 20h R$ 360 Mac OS X Introdução 12h R$ 100 Mac OS X - 24h R$ 360 Mac OS X Server 32h R$ 800	Illustrator 40h R$ 720 FreeHand 32h R$ 600	QuarkXPress - 32h R$ 600 InDesign - 40h R$ 720	Web Design - 20h R$ 400 Fireworks - 32h R$ 600 Dreamweaver - 40h R$ 720 Flash Nível 1 - 40h R$ 720 Pacote FormaçãoWeb Designer 140h R$ 3.000 Flash Nível 2 - 40h R$ 900 WebObjects - 32h R$ 600	Introdução ao Vídeo Digital - 12h R$ 100 iMovie - 12h R$ 120 Final Cut Pro - 40h R$ 1.000 DVD Studio Pro - 32h R$ 800 Vídeo Digital Formação - 60h R$ 1.500	Photoshop 40h R$ 720 Imagem Digital 40h R$ 1.000	AppleScript - 20h R$ 450 RealBasic - 32h R$ 800 Java 2 - 32h R$ 800 ColorSync - 12h R$ 160
Upgraph 11-283-0133 0800 121 993 (ou-tros estados)		Illustrator 20h R$ 360 FreeHand 20h R$ 360	PageMaker - 40h R$ 720 QuarkXPress - 20h R$ 360 InDesign - 20h R$ 379			Photoshop - 40h R$ 854 Painter - 20h R$ 379 CorelDRAW - 40h R$ 720	Design de Embalagens 40h R$ 440

Archi Design archi.design@terra.com.br, **CAD Technology** cursos.cad@cadtec.com.br, **Cursos Arco** cursos@arco.arq.br, **DRC** drc@drc.com.br, **Escola Dom Bosco** secretaria.edb@salesianosrec.org.br, **Graph Work** gwork@gwork.com.br, **Impacta** impacta@impacta.com.br, **Informac** igrafico@terra.com.br, **Macinrio** macinrio@macinrio.com, **Mac Ceará Treinamentos** treinamento@macceara.com.br, **Mac Company** vendasmac@macompany.com.br, **Macmouse** ctd@macmouse.com.br, **Senac** cca@sp.senac.br, **Takano** curso@cursotakano.com.br, **Universidade Veiga de Almeida** cdd@uva.br, **Upgraph** treinamento@upgraph.com.br

do pixel à t
Testamos oito impressoras para quem não quer só ver o seu trabalho na tela
SAMUEL

por Daniel Roncaglia

Que monitores e telas de LCD me perdoem, mas impressora é fundamental.

Verdade seja dita: mais dia ou menos dia, você vai precisar de uma.

Um trabalho gráfico feito no Mac só se encerra realmente com a impressão do arquivo.

Aquele desenho irado deve poder ser fixado no papel para o deleite das futuras gerações.

De nada serve tirar belíssimas fotos na câmera digital e só deixá-las guardadas em seu HD, onde ninguém mais pode ver.

Nisso tudo, todo mundo concorda.

O problema é: **qual impressora?**

Papel A3 ou A4?

As opções no mercado são múltiplas e os fabricantes lançam novos modelos a cada temporada. Para confundir mais, todos eles são muito parecidos uns com os outros. Para algumas marcas, o ciclo de vida de um modelo é de apenas seis meses.

É de deixar qualquer um perdido, até porque cada usuário tem sua necessidade específica. Dependendo do uso pretendido, a impressora mais cara nem sempre é a melhor escolha.

Para ajudar o macmaníaco indeciso que pretende comprar uma jato de tinta, resolvemos comparar oito modelos (impressoras a laser merecem uma matéria à parte). Escolhemos os quatro principais fabricantes (HP, Canon, Epson e Lexmark), que juntos respondem por cerca de 90% do mercado mundial de impressão a jato de tinta. Para cada fabricante solicitamos dois modelos:

• Um para papel A4 (o tamanho de uma folha de papel sufite comum), de tipo intermediário (nem o mais caro nem o mais barato), dirigido ao mercado doméstico e de pequenos escritórios.

• Outro com capacidade para imprimir no formato A3, com o dobro da área do A4 e tamanho um pouco menor que um jornal *standard*. Esse tamanho extra é necessário para muitos trabalhos gráficos profissionais, como provas de peças publicitárias e embalagens.

A Lexmark, que não produz impressoras A3, mandou duas A4: a Z43 e a Z52.

Jato de tinta ou Laser?

Oh, dúvida cruel. Impressoras a laser são bem mais caras, mas têm um custo por página impressa cerca de dez vezes menor. Enquanto um cartucho de jato de tinta pode ter capacidade para algumas centenas de cópias, um cartucho de toner para laser imprime milhares.

Os preços das lasers caíram drasticamente nos últimos tempos. Hoje já é possível achar algumas por menos de mil reais. Elas também são mais rápidas e mais precisas (e não precisa esperar a folha de papel secar...), mas têm o grave defeito de serem em preto e branco. Laser colorida existe, mas não sai por menos de R$ 8 mil.

Em contrapartida, a qualidade de impressão das jato de tinta coloridas melhorou assombrosamente de uns anos para cá. Com a explosão das câmeras digitais e a abundância de imagens de todo tipo e qualidade baixáveis da Internet, a briga entre as impressoras jato de tinta é para saber quem oferece a melhor “qualidade fotográfica”. Nenhuma chega verdadeiramente perto de uma impressão em minilab digital *(comentado nas Macmanias 72 e 91)*, nem são tão fidedignas com arquivos PostScript quanto as laser. Mas, alimentadas com papel adequado, não fazem feio.

Nossos testes

Para os testes, usamos um Power Mac G4 de 867 MHz, com 256 MB de memória, que rodava tanto o Mac OS X quanto o Mac OS 9.2. Fizemos dois testes de velocidade: um em preto e branco e outro colorido. Para o teste em P&B, usamos um texto no Word com 7 páginas e diversas fontes. O colorido é a folha de teste que você vê reproduzida junto de cada impressora.

Também testamos a qualidade de impressão em papel comum e fotográfico, assim como quanto cada impressora deixa de margem, além de outros itens como ruído, compatibilidade com o OS X, consumo de papel etc. Quanto à velocidade, não se iluda: a proclamada pelos fabricantes é a velocidade “ideal” de uma impressão repetitiva de uma mesma página de texto puro. Isso é bem diferente das condições de impressão do mundo real. Não espere imprimir um livro de cem páginas em quinze minutos, como a propaganda nos leva a crer.

USB Printer Sharing

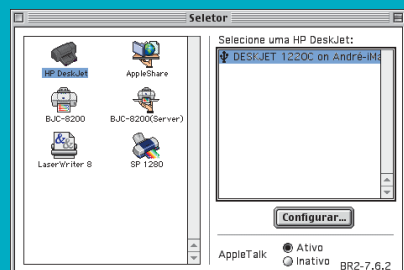
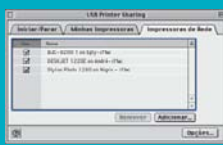
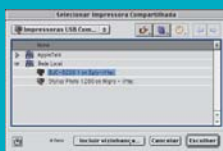
Compartilhe sua impressora via rede

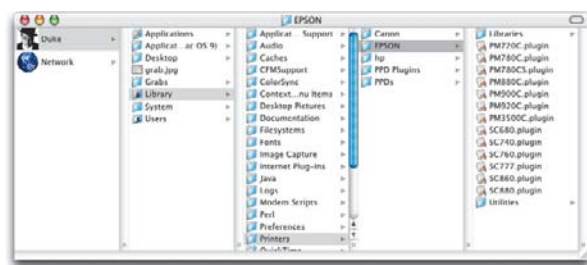
Com a explosão do USB na plataforma Mac, todo mundo passou a usar periféricos baseados nesse padrão. Quem mais se beneficiou foram os fabricantes de impressoras, que adotaram o USB mais rápido do que você pode dizer USB. Porém, depois de algum tempo percebeu-se que as vantagens das impressoras USB (principalmente as populares jato de tinta) batiam de frente com um problema: a impossibilidade de conectá-las em rede nos Macs.
A Apple conseguiu contornar o problema com um painel de controle do sistema, o USB Printer Sharing, que permite disponibilizar uma impressora USB numa rede Ethernet. Dentre as impressoras testadas, as HP, Epson e Canon são compatíveis com o USB Printer Sharing; as da Lexmark não funcionaram.
O USB Printer Sharing, por enquanto, não funciona no Mac OS X (dizem que na versão 10.2 ele estará de volta), mas é possível usá-lo no ambiente Classic. Mas não se esqueça: é preciso ter instalado o driver da impressora compartilhada no Mac onde ela está plugada e também no outro de onde se pretende imprimir.
Caso contrário, você não a enxergará no Seletor (Chooser).

1 Configurando sua impressora para compartilhamento

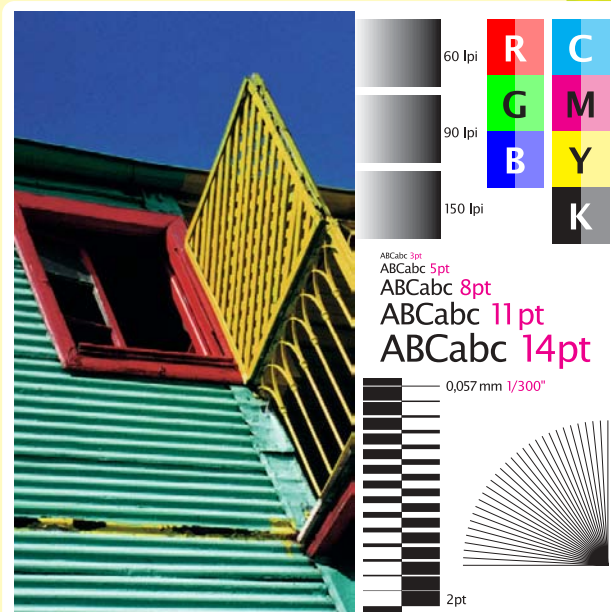
2 Achando as impressoras disponíveis na rede

3 Criando uma lista de impressoras da rede no seu Mac

4 Selecionando a impressora pelo Chooser

Compatibilidade

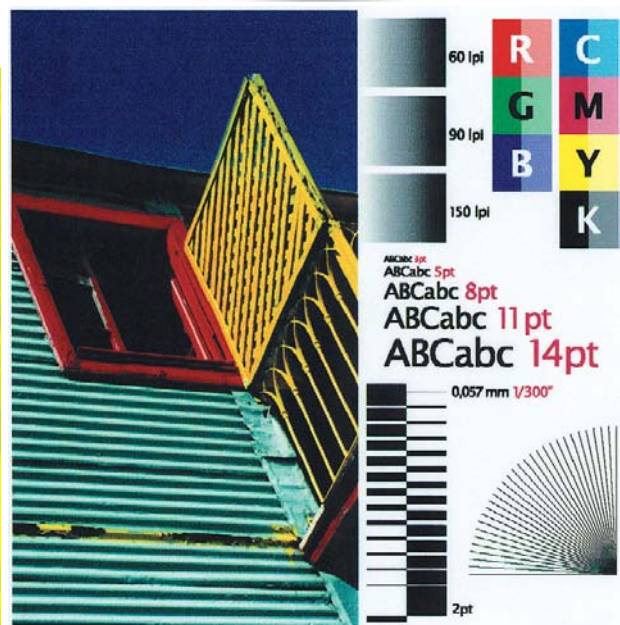
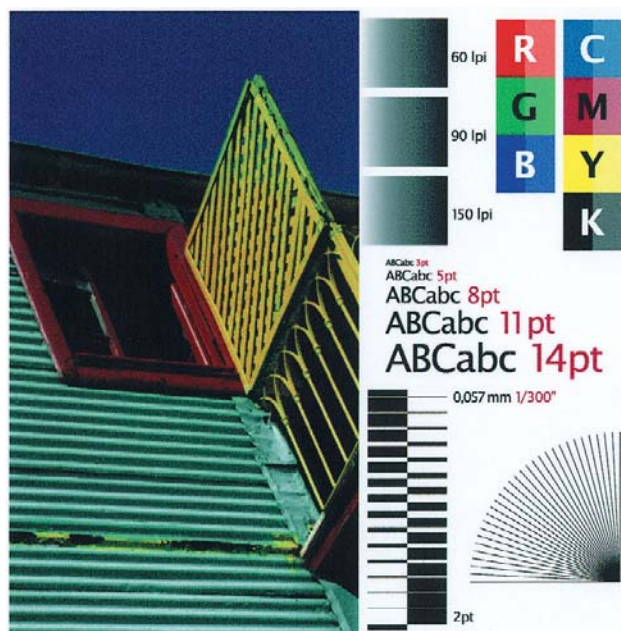
A boa notícia para os macmaníacos é que quase todas as impressoras atuais têm porta USB, sempre acompanhadas da velha porta paralela, que ainda é obrigatória no mercado PC. Dos oito modelos testados, apenas a Canon BJC-8500 não tinha porta USB. O que na verdade não foi problema, já que existem no mercado cabos conversores paralela/USB. A Epson, por exemplo, vende um por R$ 275,00. Outra preocupação dos usuários de Mac é saber se a impressora desejada é compatível com o Mac OS X. De novo, apenas a Canon BJC-8500 não dispunha de *driver* (software específico da impressora) para o OS X. A outra impressora da Canon, a BJC-8200, e todas as impressoras da HP e Epson funcionaram no OS X sem nem mesmo ser preciso instalar o driver. Isso acontece porque o sistema novo já vem com drivers instalados para a maioria das impressoras disponíveis. Para ver a listas dos drivers pré-instalados no OS X, vá à pasta `/Library/Printers`. Estão todos lá, agrupados bonitinhos em pastas por fabricante. Rotineiramente, novos drivers são disponibilizados pelo Software Update.

Para as impressoras da Lexmark, no entanto, foi preciso baixar o driver direto do site da empresa, já que o CD que acompanha a impressora não contém ainda o driver para o OS X.
É aconselhável baixar o driver para Mac OS X para todas as impressoras. Mesmo sendo compatíveis, alguns recursos podem não funcionar. Na HP Deskjet 1220c, por exemplo, não é possível imprimir em A3 sem uasr o programa original.

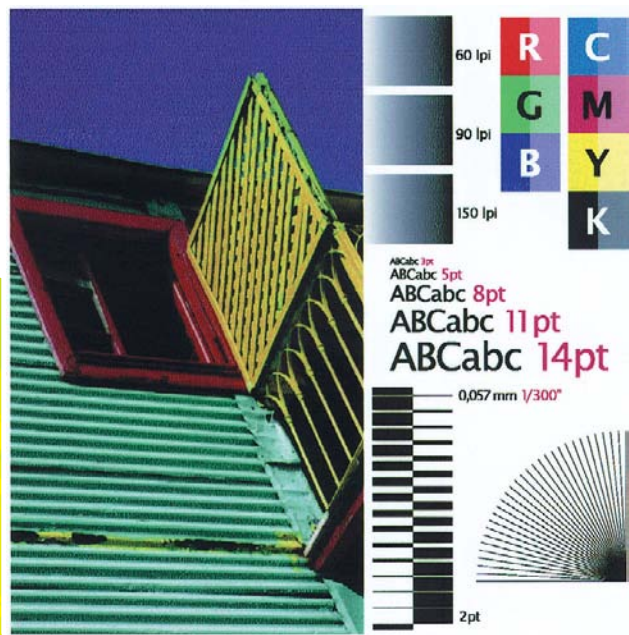
Como funciona a folha de teste

Nossa folha universal de teste de impressão é um documento PDF contendo uma foto (para referência de reprodução de cor) e textos e elementos vetoriais (para referência de definição).
Não tome as nossas amostras das impressoras como exemplos reais, porque o processo de scan, separação de cores e impressão degrada os detalhes e a saturação das cores. As amostras reproduzidas na revista, a despeito dos nossos cuidados tradicionais com o acabamento, invariavelmente ficam mais feias que as reais. Mas servem adequadamente para comparações diretas entre si.
As três escalas de degradê assinaladas como “60 dpi/90 dpi/150 dpi” aparecem iguais para as jato de tinta porque todos os testes foram feitos no modo *default* de cada impressora, que é o *scatter* (micropontos de tinta) e não a reticulagem, como ocorre nas impressoras laser.
Todos os testes foram feitos no papel *glossy* (brilhante) da HP e, no geral, são consideravelmente mais escuros que os resultados que se obtêm com papel comum fosco.
Os modos de impressão “econômicos” e “rápidos” disponíveis nos drivers das impressoras de jato de tinta produzem imagens ainda mais pálidas, a sua aparência exata variando de um modelo para outro.

Canon

Atualmente, a atuação da Canon no Brasil é mais direcionada para o mercado corporativo, concentrando na marca Elgin as opções de impressoras para usuários domésticos. Isso provavelmente deve mudar com a recente inauguração de uma fábrica própria em São Paulo. A BJC-8200 (R$ 1.420) não é exatamente para quem só imprime trabalhos escolares e fotos da família. Não é das mais rápidas, e sua qualidade de cores no papel fotográfico deixou um pouco a desejar. Em compensação, obteve bons resultados na impressão em papel comum, pois pode imprimir até em 1200 x 1200 dpi (pontos por polegada). Os micropontos ficam realmente invisíveis na impressão em qualidade máxima. É uma boa opção para quem quer imprimir páginas diagramadas com boa precisão de texto. A "qualidade fotográfica" mesmo só se atinge depois de dar um tapa nos ajustes de cores, no software da impressora. Um diferencial da BJC-8200 é ter seis cartuchos separados de tinta colorida. Assim, quando uma cor acabar antes das outras, não será preciso trocar todos os cartuchos. O suporte da cabeça de impressora também é descartável. A margem deixada por essa impressora é a menor e mais homogênea dentre todas.

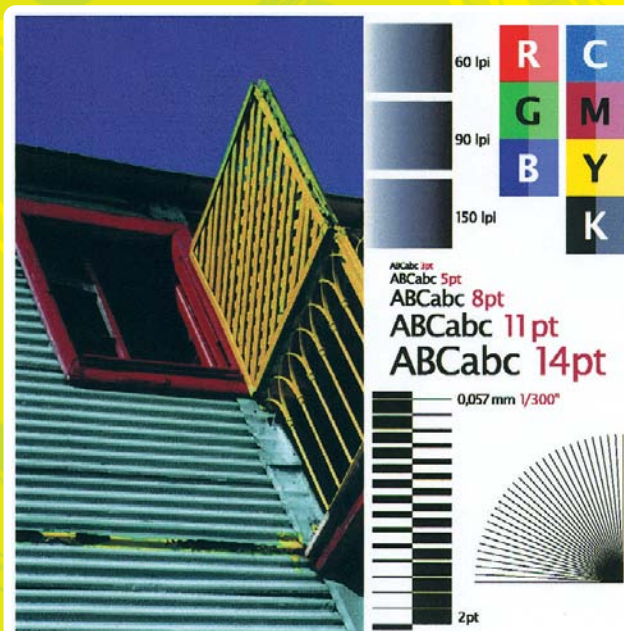
BJC-8200

BJC-8500

Se você tem espaço sobrando na sua mesa e dinheiro disponível, a melhor opção é a BJC-8500, a "mastodonte" (19 quilos) da Canon. Segundo a empresa, é um novo lançamento no Brasil. No entanto, por não ter porta USB, não funcionar no Mac OS X e ter um design begezão quadrado, parece já ter pelo menos uns três anos. A velocidade também não é seu forte; em qualidade de impressão, mesmo com os oito cartuchos de cor, o resultado não fica claramente melhor que os das outras. Segundo a empresa, ela é ideal para profissionais em DTP que queiram uma idéia fidedigna da saída de seu trabalho. Mas, pelo preço de R$ 8.542, já chega perto demais de outras opções, como as impressoras de cera da Tektronix *(testamos uma na edição 90)*. Sua grande vantagem é a versatilidade. Tem três modos de alimentação: por uma bandeja na frente da impressora; por trás e por cima; e por trás e sem bandeja, permitindo a impressão em rolo. Além disso, imprime em folhas maiores que A3. Enfim, imprime qualquer coisa, até grandes faixas e banners. Mas ela tem seus problemas. Quando a BJC-8500 fica parada por alguns minutos, os cartuchos entram em modo "sleep". E toda vez que é acordada, ela faz uma limpeza interna; assim, ela gasta mais tinta se não for usada continuamente. Além disso, é preciso trocar alguns toners, de acordo com o tipo de impressão que se vai fazer. Fora isso, ela venceu nas categorias "vibração do copo de café" e "barulho". Quando em ação, parece um terremoto...

Epson

A Stylus Photo 780 é uma impressora que surpreende pelo tamanho. Tem um belo design, arredondado e simpático, com tampa azul translúcida lembrando os velhos iMacs. Seu desempenho em qualidade e velocidade é muito parecido com o da Stylus Photo 1280, sua irmã mais cara. Não imprime em preto e branco tão rápido quanto os modelos da Lexmark, mas ficou em primeiro lugar em velocidade na impressão colorida, junto com a 1280.

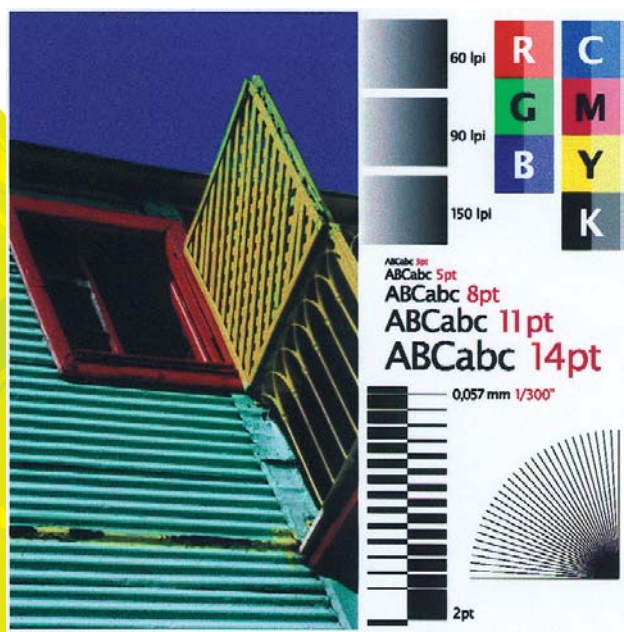
As Epson foram as únicas a imprimir a imagem de teste em menos de um minuto. Tanto a 780 quanto a 1280 têm driver em português (de Portugal) para o Mac OS clássico, e funcionam direto no Mac OS X, sem precisar baixar software algum.

A 780 não se mostrou das mais silenciosas, mas não é nada que acorde o vizinho se você resolver imprimir de madrugada. Aliás, esse parece ser o público certo da 780: o usuário doméstico com pouco espaço em casa e que quer uma impressora que não dê trabalho. Não é ideal para escritórios, pois os cartuchos (um colorido e um preto) acabam num piscar de olhos.

Além de custar R$ 2700 a mais que a 780 e ter a vantagem de imprimir em tamanhos A3 (e isso vale muitos pontos), a 1280 tem como carta dentro da manga a possibilidade de imprimir em rolo de papel contínuo. De brinde com a impressora, vem um rolo de papel fotográfico de 10 cm de largura. Não é fácil usar esse recurso; é um pouco complicado acertar as margens (perdemos boa parte do papel só nas tentativas), mas é como andar de bicicleta – uma vez aprendido, nunca mais se esquece.

Fora isso, a 1280 é sem dúvida uma impressora profissional. O alto custo justifica-se pelo seu desempenho. No teste de velocidade colorida, ela teve o melhor desempenho dentre todas. Fora a qualidade de 2880x720 dpi, que, diferentemente das de 2400x1200, disfarça perfeitamente os pontos de tinta. Entretanto, essa resolução ultrafina parece ser a causa do pior problema da 1280. Na hora de imprimir no papel fotográfico, a tinta borra com facilidade. Mais do que nunca, é preciso paciência. Não é nem preciso tocar na área impressa para borrar; é só deixar o papel na vertical que a tinta escorre. Mas, quando secas, as fotos parecem reveladas em laboratório.

O design também enche os olhos. A tampa preta e sua largura exagerada e profundidade pequena dão à impressora uma certa imponência. Ótima opção para artistas gráficos que querem algo além dos limites do formato A4.

Stylus Photo 780

Stylus Photo 1280

DeskJet 930c

A DeskJet 930c, como a maioria das impressoras da HP, pode ser classificada como robusta. Sua personalidade é típica de escritório. Seu desenho parece ter sido feito para demonstrar profissionalismo. E leva a grande vantagem de ter um preço bem em conta (R$ 499). Essa foi a única participante deste teste com alimentação de papel apenas na parte frontal, o que economiza um bom espaço em uma mesa apertada. A qualidade e a tonalidade das cores da DeskJet 930c ficaram muito próximas das do modelo "Pro", a Deskjet 1220c. Infelizmente, nossa 930c apresentou um dos mais irritantes defeitos em uma impressora: engolir papel. Por causa de seu sistema de captura de folhas, é muito fácil o documento ficar enroscado nas engrenagens. Aliás, atrás da impressora há uma porta que ajuda a tirar papéis enroscados. Parece que a possibilidade do defeito estava prevista na concepção do produto. Nos testes de velocidade, descontamos alguns segundos porque o papel enroscou três vezes para imprimir sete páginas.

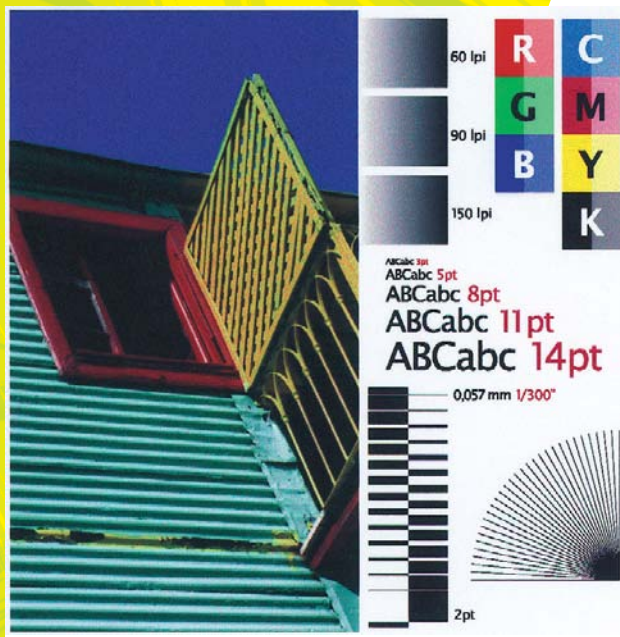
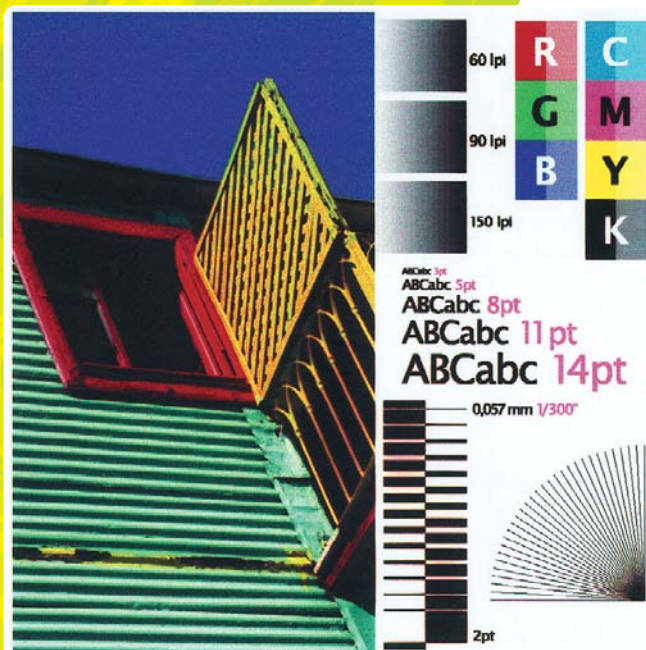
Com ar profissional, a DeskJet 1220c é um objeto fácil de se apaixonar. Com a cor escura, corpo compacto e bandejas espaçosas, o desenho da impressora cria um equilíbro desajeitado, seja lá o que isso queira dizer.

A DeskJet 1220c foi a impressora de mais fácil instalação e uso: muito intuitiva. A velocidade não é a esperada para um produto desse preço (R$ 1.899) e porte. Não ficou nos últimos lugares de nosso teste, mas também não ficou nas primeiras colocações. Mas a qualidade de impressão é simplesmente impecável. Apenas a margem branca nos prints é um pouco maior do que gostaríamos.

Na impressão em A3, a 1220c foi a que deu menos trabalho para a adaptação para esse formato. Dispõe de alimentação de papel traseira, que permite imprimir papel em rolo, apesar de não vir com um suporte especial como a da Epson. No entanto, foi preciso baixar o driver para usar esse recurso.

Em suma: é uma impressora ideal para quem precisa imprimir em larga escala, grandes formatos e boa qualidade.

DeskJet 1220c

Lexmark

Z52

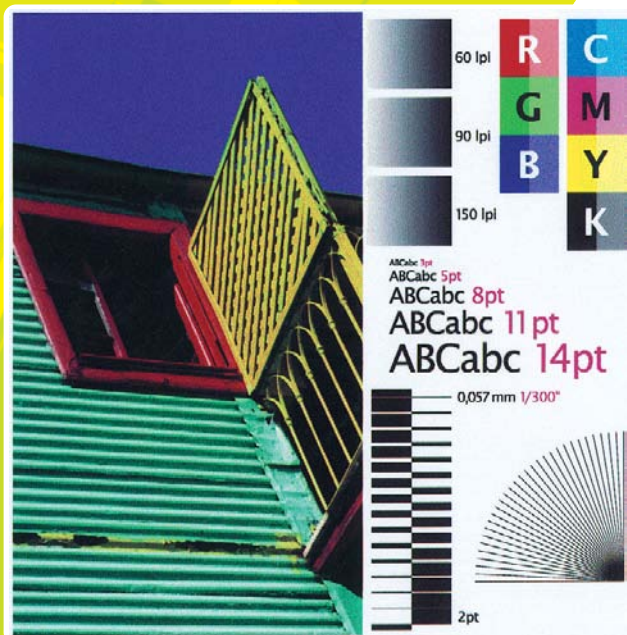
As impressoras Z43 e Z52 são boas para quem precisa soltar muito texto. Nos testes, quando imprimiram em preto e branco, as duas foram as mais rápidas. No entanto, quando o arquivo era colorido, a Z43 foi a mais lenta dentre as oito testadas, e a Z52 foi a quinta.

A Z43, que é o mais novo lançamento da marca, surpreende por sua leveza. Parece que ela é só a carcaça. Mas não é uma impressora de brinquedo, conclusão a que se chega no primeiro contato. A maior virtude dela é, sem dúvida o preço (R$ 349). Mas nem por isso ela deve ser descartada e taxada de ruim. Se você só imprime trabalhos escolares e algumas receitas culinárias para a sua mãe, não precisará de mais do que a Z43 oferece. Até porque ela tem uma das melhores resoluções máximas (2400x1200 dpi) entre as impressoras testadas. Além disso, foi a única a já vir de fábrica com um cabo USB.

Mesmo sendo o modelo de ponta da Lexmark na área de jato de tinta, a Z52 não é o que se pode chamar de profissional. Até porque o preço está ao alcance de qualquer amador. Fácil de usar e de instalar e com apenas dois botões, ela não tem segredo. A Z52 foi a campeoníssima em nossos testes de velocidade em preto e branco.

O maior defeito achado foi a facilidade que a tinta tem para borrar no papel comum. Quem já sofreu com esse problema bem na hora da entrega de um trabalho sabe como pode ser chato. O preço do cartucho também não é dos mais amigáveis, chegando a 25% do preço da impressora inteira: R$ 94,50 o preto e R$ 110,90 o colorido.

A qualidade é considerável com 2400x1200 dpi, mas a calibragem dos cartuchos deu algum trabalho. Nada muito difícil, mas foi preciso fazer algumas tentativas até chegar lá. E você ainda tem que ir até a Internet e baixar o driver para o Mac OS X (esse sistema está deixando a gente mal acostumado...).

Fora os problemas, a Z52, assim como a Z43, atende às necessídades da maioria do povo. E a Z43 tem a vantagem de ser a mais barata de todas.

Z43

A escolha é sua

	Nota	Prós	Contras	Preço	Preços dos cartuchos	Tamanhos de papel aceitos	Contato
Canon BJC-8500		Três portas de alimentação de papel; robustez; versatilidade	Muito cara; desempenho não foi o melhor; lenta; variedade complexa de cartuchos	R$ 8.542	R$ 54 (cada)	Carta, A4, A3 e A3+	Elgin www.elgin.com.br 0800-126999
Canon BJC-8200		Boa qualidade de impressão de textos e gráficos no papel comum; cartuchos separados	Preço um pouco alto para a categoria; lenta	R$ 1420	R$ 49 (cada)	Carta e A4	
Epson Stylus Photo 1280		Impressão em rolo; ótima qualidade e velocidade de impressão	Rolo é complicado de manusear; borra com facilidade no papel fotográfico	R$ 3199	RS 76 (preto) R$ 95 (cor)	Carta, A4, A3 e 10x15 em rolo	Epson www.epson.com.br 11-4196-6350
Epson Stylus Photo 780		Bonito design; pequena; boa qualidade e velocidade	Os cartuchos não duram tanto; não é muito silenciosa	R$ 499	RS 76 (preto) R$ 68 (cor)	Carta e A4	
HP Deskjet 1220cxi		Alimentador de papel alternativo; facilidade de uso do papel A3; bom preço	Um pouco lenta; margens muito grandes	R$ 1.899	R$ 90 (preto) R$ 98 (cor)	Carta, A4 e A3	HP www.hp.com.br São Paulo: 11-3747-7799 Demais regiões: 0800-157751
HP Deskjet 930c		Vale quanto custa; robusta; buffer grande	Papel enrosca com facilidade; cartucho caro	R$ 499	R$ 90 (preto) R$ 98 (cor)	Carta e A4	
Lexmark Z43		Rápida na impressão P&B; bom custo/benefício em relação à qualidade; preço honesto	Os cartuchos são caros; a tinta borra com facilidade; foi preciso baixar o driver para o Mac OS X	R$ 349	R$ 94,50 (preto) R$ 110,90 (cor)	Carta e A4	Lexmark www.lexmark.com.br 11-3046-6265
Lexmark Z52		A mais rápida na impressão P&B; fácil de usar; preço justo	Foi preciso baixar o driver para o OS X; os cartuchos são muito caros	R$ 499	R$ 94,50 (preto) R$ 110,90 (cor)	Carta e A4	

	Portas	Resolução máxima (dpi)	Velocidade máxima em P&B (ppm)**	Velocidade máxima em cores (ppm)**	Buffer	Programas incluídos	Cartuchos incluídos	Software/ manual em português?	Roda no ambiente Classic ou direto no OS X?
Canon BJC-8500	Paralela e serial	1200x1200	5	4	1 MB	Driver	8	Não/Sim	Não. Só no sistema 9 e anteriores
Canon BJC-8200	USB e paralela	1200x1200	3	3	80 KB	Driver	6	Não/Sim	Sim*
Epson Stylus Photo 1280	USB e paralela	2880x720	9	Foto 10x15 cm: 54 segundos	256 KB	Driver, PhotoImpression, Qbeo, Film Factory e Photoshop 5 LE	2 (P&B e cinco cores)	Sim/Sim	Sim*
Epson Stylus Photo 780	USB e paralela	2880x720	8	Foto 10x15 cm: 54 segundos	32 KB	Driver, Epson Creative	2 (P&B e cinco cores)	Sim/Sim	Sim*
HP Deskjet 1220cxi	USB e paralela	2400x1200	11	9,5	8 MB	Driver	2 (P&B e três cores)	Sim/Sim	Sim*
HP Deskjet 930c	USB e paralela	2400x1200	9	7,5	4 MB	Driver	2 (P&B e três cores)	Sim/Sim	Sim*
Lexmark Z43	USB e paralela	2400x1200	12	6	512 KB	Driver e Personal Print Gallery	2 (P&B e três cores)	Não/Sim	Sim
Lexmark Z52	USB e paralela	2400x1200	15	7	512 KB	Driver	2 (P&B e três cores)	Sim/Sim	Sim

*No Mac OS X não é preciso instalar driver **ppm = páginas por minuto; valores fornecidos pelos fabricantes

Dizer qual é a melhor de todas não é fácil. A escolha depende do tipo de uso que você faz de uma impressora. Por isso, abstenho-me dessa questão.
Gastar fortunas para imprimir arquivos simples sem muitos detalhes é queimar dinheiro. Também não adianta alguém que imprime muito economizar na impressora se os cartuchos novos custarem o olho da cara. O importante quando você for comprar é fazer, dependendo de suas necessidades, uma equação entre preço, qualidade e frequência de uso.
Além dos modelos testados, vários fabricantes têm pelo menos cinco outras opções. Vale dar uma pesquisada nos respectivos sites para ver se você pode encontrar uma impressora que se encaixe perfeitamente às suas necessidades. Enfim, só não imprime quem não quer. M

DANIEL RONCAGLIA
Tem a impressão de que não fez nenhum trocadilho infame com a palavra "impressão" neste artigo.

“Com ou sem acento?”

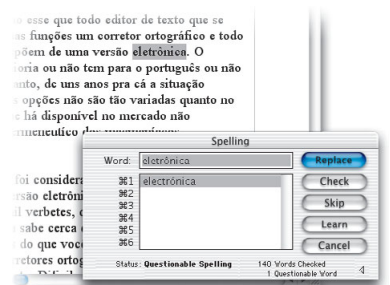
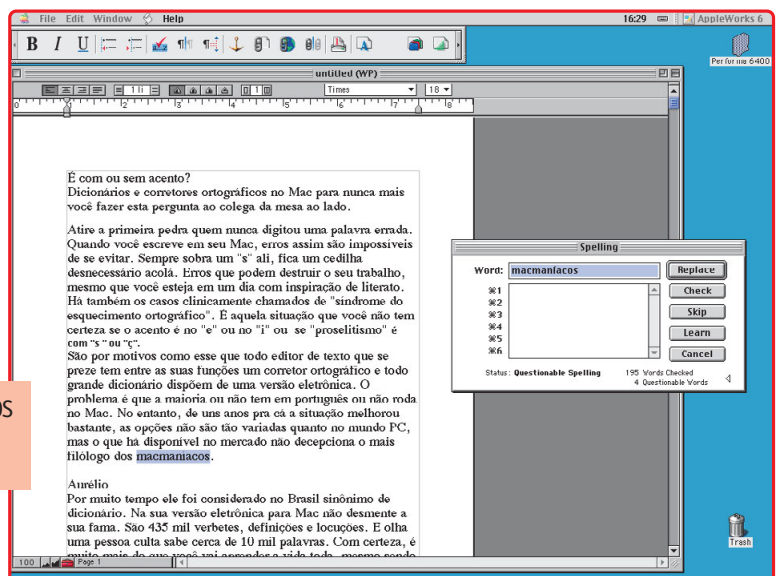
Dicionários e corretores ortográficos no Mac: você sabia que existem tantos?

Atire a primeira pedra quem nunca digitou uma palavra errada. Quando você escreve em seu Mac, erros de digitação são impossíveis de evitar. Sempre sobra um “s” ali, fica uma cedilha desnecessária acolá. São erros bobos assim que podem destruir o seu trabalho, mesmo que você esteja com inspiração de literato. Há também os casos clinicamente chamados de “síndrome do esquecimento ortográfico”. É aquela situação em que você não lembra de cabeça se aquele “a” leva crase ou se “bagaça” é com “ss” ou “ç”. É por motivos como esse que todo editor de texto que se preze tem entre as suas funções um corretor ortográfico, e todo grande dicionário dispõe de uma versão eletrônica. O problema é que o Mac, embora seja um computador largamente utilizado em editoras e agências de publicidade, sempre foi muito fraco em termos de corretores ortográficos. No entanto, de uns anos para cá a situação melhorou bastante. As opções não são tão variadas quanto no mundo PC, mas o que há disponível no mercado não decepciona o mais filólogo dos macmaníacos.

AppleWorks

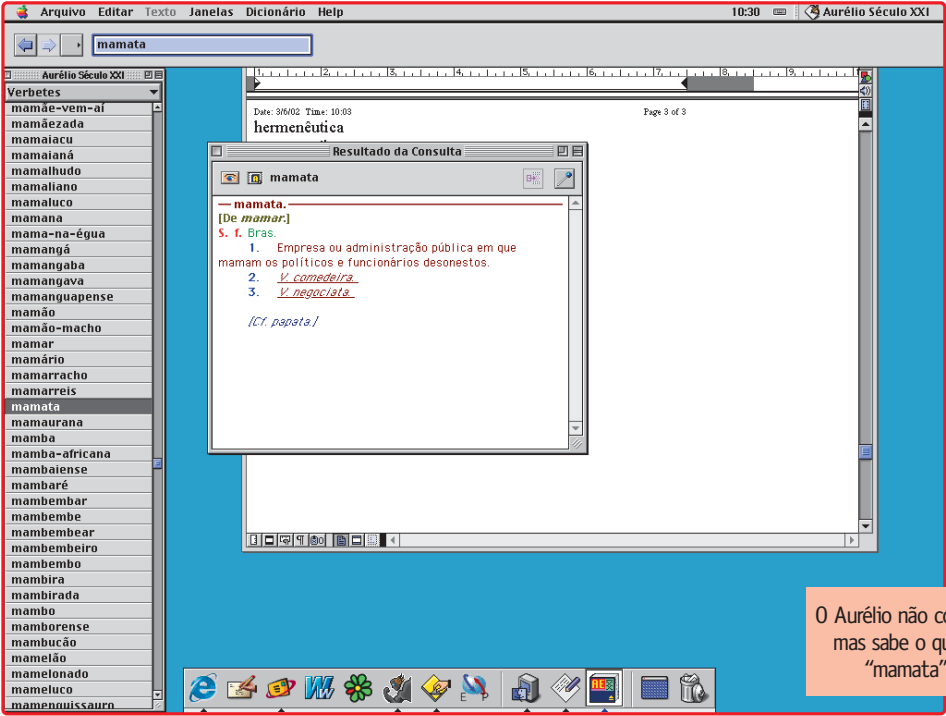
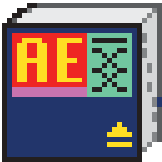
O conjunto de aplicativos para escritório da Apple tem corretor ortográfico para português. Não há segredo para usar: no Writing Tool (menu Edit), selecione o português como dicionário padrão. É só teclar ⌘+= para o corretor funcionar. Mesmo tendo um bom vocabulário incluído, o dicionário do AppleWorks apresenta um problema fatal: contém palavras em português de Portugal, mesmo com o nome de “Ortografia Português-Brasil”. Vocábulos como “detetive”, “vôo”, “idéia”, “eletrônica” ou “correção” são acusados como incorretos, e o programa sugere grafar “detective”, “voo”, “ideia”, “electrónica” e “correcção”. Você até pode acrescentar à mão as palavras brasileiras no dicionário do usuário, mas não consegue remover as portuguesas. Assim sendo, dá pra usar, mas é meio chato.

O corretor funciona em quase todos os aplicativos do pacote, tanto na versão do Mac OS clássico quanto na do OS X. Agora, a parte chata: para obter o dicionário em português, não vale ter a versão em inglês e tentar baixá-lo pelo site da Apple. O verificador só está disponível nos pacotes completos vendidos em português, que segundo algumas revendas, estão meio difíceis de encontrar. Que tal fazer um abaixo-assinado para a Apple Brasil liberar o dicionário para usuários do AppleWorks em inglês?

Cuidado com as diferenças dialetais de grafia

Funciona no Mac OS X e no sistema clássico também

Aurélio Século XXI

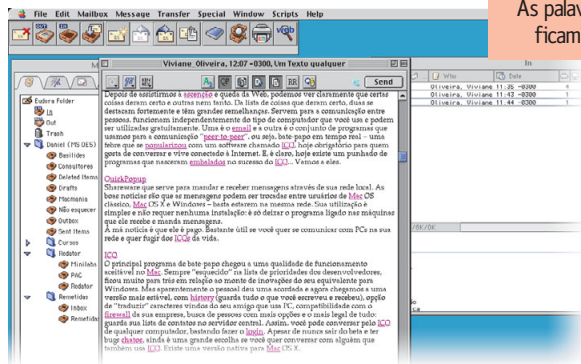
Por muito tempo, ele foi considerado sinônimo de dicionário no Brasil. A sua versão eletrônica para Mac não desmente a fama. São 435 mil verbetes, definições e locuções. E dizem que uma pessoa culta sabe cerca de 10 mil palavras. Com certeza, é muito mais do que você vai aprender a vida toda, mesmo sendo um rato de biblioteca. E é a única opção do tipo para macmaníacos, enquanto o Houaiss e o Michaelis não chegam em sua versão eletrônica para o Mac. Dos dicionários para o Mac, é sem dúvida o mais completo e mais bem acabado. Dificilmente uma palavra não estará nele. Sua integração com o Mac OS é muito boa. Para instalar, é só arrastar o ícone do programa do CD para o HD. Depois que você se acostuma com o Aurélio virtual, fica muito mais prático e fácil do que consultar o "tijolão" na sua versão física. O único problema dele é não poder ser utilizado como corretor ortográfico, o que reduz sua utilidade.

Um função interessante é a sua capacidade de procurar palavras pelo sufixo ou prefixo. É só digitar "*logia", por exemplo, que vem uma lista com palavras terminadas assim. Ideal para pretensos poetas que não sabem rimar. A opção serve também para resolver palavras cruzadas: basta entrar com coisas como "a++s+". Esse código, por exemplo, acha todas as palavras com cinco letras que começam com "a" e têm "s" na quarta posição. A área de transferência *(clipboard)* é editável e o dicionário contém um editor de texto bem completo. Faz de tudo: abre e salva arquivos e permite até incluir imagens e movies. Não tem corretor automático, mas para consultar uma palavra é só dar um duplo clique. Por enquanto ele só roda no sistema clássico, mas há boatos de que em breve sairá uma versão para o Mac OS X.

O Aurélio não corrige, mas sabe o que é "mamata"

	AppleWorks	Aurélio	Eudora	Excalibur	Nisus Writer	Ultralingua	Word 98
Avaliação	[3 mãos]	[4 mãos]	[3 mãos]	[5 mãos]	[3 mãos]	[4 mãos]	[2 mãos]
Léxico brasileiro?	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não
Pode usar vários dicionários ao mesmo tempo?	Não	Não tem corretor ortográfico	Sim	Sim	Não	Não tem corretor ortográfico	Não
Porcentagem de acerto*	58%	96%	30%	74%	24%	52%	58%
Pró	Funciona em quase todos os programas do pacote; aceita novas palavras	O mais completo; bem adaptado para o Mac	Grátis; faz parte de cliente de email	Revisa o clipboard; compatível OS X; converte dicionário em arquivo texto	Leve; possibilidade de incluir palavras novas	Fácil de usar; traduz do inglês para o português e vice-versa	Completo; muitas funções; sublinha erros de digitação
Contra	Precisa comprar todo o pacote; português de Portugal	Sem corretor ortográfico	Dicionário fraco	Português de Portugal	Poucos termos no dicionário original	Não há definições das palavras	Versão antiga; português de Portugal
Onde encontrar	www.apple.com.br 11-5503-0090	www.lexikon.com.br 21-2537-8770	www.eudora.com	www.eg.bucknell.edu/~excalibr/excalibur.html	www.nisus.com	www.iebras.com	www.microsoft.com.br
Preço	R$ 199	R$ 69	Versão com propaganda é grátis; sem propaganda, custa US$ 39,95	Grátis	US$ 79,95 (programa); US$ 19,95 (dicionário)	R$ 47,20	Não está mais à venda

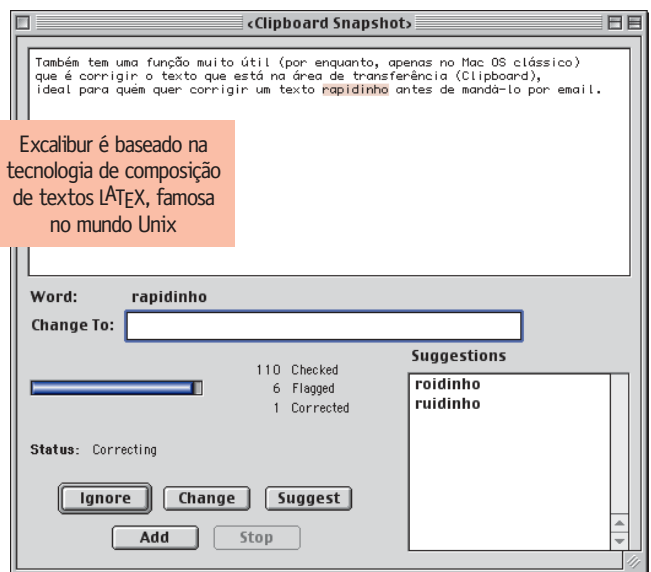
*Baseada em uma lista de 50 palavras: *boazuda, bulhufas, capicua, ciberespaço, clarabóia, compartilhar, deletar, detetive, entica, entomofilia, epistemologia, esculápio, estapafúrdia, fato, filologia, folgazão, formatar, fotogrametria, gandola, hagiografia, hermenêutica, hifenização, inconstitucionalmente, inflexão, irresignável, jazigo, logística, macharrão, macintosh, mamata, maniçoba, misturar, obtemperar, organdi, organoléptico, oxímoro, paradoxo, paramilitar, piaba, pragmático, prevaricador, prosopopéia, proxeneta, resma, surreal, tergiversar, tricobezoar, turíbulo, viaduto, víscera, xumbrega.*

Eudora

Já é batido dizer que o email é uma ferramenta de comunicação rápida, etc. e tal. Mas essa velocidade pode criar o vício de não se corrigir corretamente os textos das mensagens. Eu mesmo às vezes nem releio o que escrevi. Quando se está conversando com um amigo, erros de ortografia não são problemas. Mas em assuntos profissionais, a coisa pode complicar. Um corretor em português embutido no cliente de email é a melhor saída para os preguiçosos inveterados.

As palavras duvidosas ficam sublinhadas

A opção para nossa língua é o Eudora 5 *(leia mais sobre ele na Macmania 92)*. Suprema vantagem é o fato de o programa e o dicionário serem de graça. Ou melhor: você tem que aturar uma pequena janela de propaganda; mas se você não quiser poluir a sua tela, é só pagar US$ 39,95. Para usar o corretor em português, é só ir até a página de línguas estrangeiras do site do Eudora e baixá-lo (www.eudora.com/techsupport/mac/42dictionaries.html). Para instalar, coloque os dois pequenos arquivos do português na pasta Spelling Dictionaries, dentro da Eudora Stuff. A correção é feita de modo automático. Como no Word, as palavras erradas são sublinhadas em vermelho. No entanto, também existe um modo manual. É só trocar na opção Settings do menu Special. O bom é que dá para usar mais de um dicionário de língua ao mesmo tempo.
Quanto ao léxico, ele é razoável; só fica a dever em uma ou outra palavra mais difícil. É possível acrescentar as suas próprias palavras.

Excalibur

Um corretor ortográfico facílimo de usar, com uma extensa base de palavras, compatível com o Mac OS X e totalmente de graça. Difícil de acreditar, mas ele existe: é o Excalibur. O vocabulário está em português de Portugal, mas o programa permite converter seus dicionários em arquivos de texto (genial!). Ou seja, basta alguém (você, por exemplo) com saco para traduzi-lo para o "brasileiro". De resto, ele funciona às mil maravilhas, abrindo e corrigindo textos do Word, BBEdit e outros processadores de texto (não abre do AppleWorks). Também tem uma função muito útil (que por enquanto só funciona no Mac OS clássico), que é corrigir o texto que está na área de transferência (Clipboard). Ideal para quem quer checar um texto rapidinho antes de mandá-lo por email.

Excalibur é baseado na tecnologia de composição de textos $\LaTeX$, famosa no mundo Unix

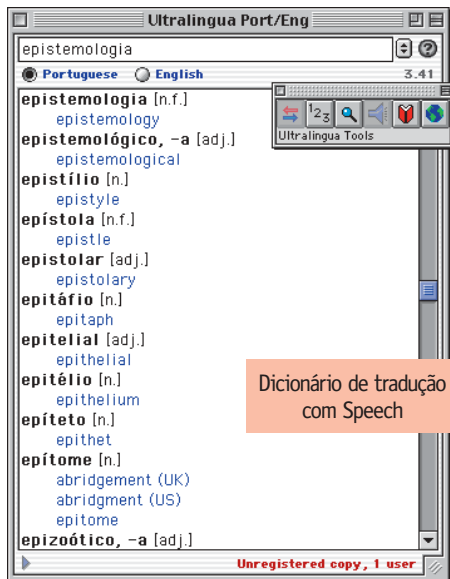
Nisus Writer

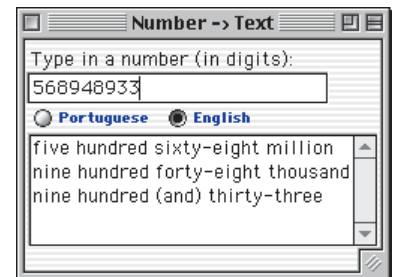
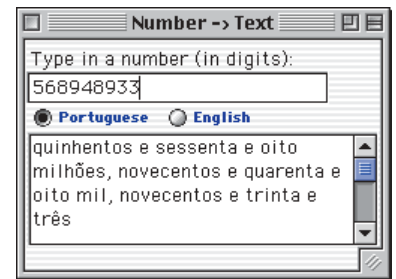
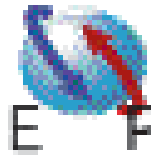
Entre os editores de texto para Mac, o Nisus é o que melhor alia simplicidade com funcionalidade. Além de ser relativamente barato, só o fato de contar com um corretor ortográfico em português e ocupar pouco espaço na memória o torna a melhor opção para quem não aguenta mais usar o Word. O Nisus está em sua versão 6.5; ainda não roda no Mac OS X.

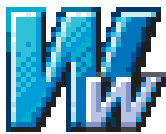
A biblioteca original do corretor para português é a mais pobre dentre as que testamos. Termos como "mamata" ou "prosopopéia" não estão na sua lista. No entanto, é possível adicionar novas palavras no "dicionário do usuário". Depois de incluir a nova palavra, ela constará como se fosse parte do dicionário original, para qualquer outro arquivo no qual você pedir para dar uma checada. Com algum tempo de uso, você terá um dicionário formado na maior parte pelos termos e nomes mais utilizados por você. Só é preciso cuidado para não incluir palavras erradas.
Além de tudo, o Nisus conta com um belo contador de palavras, que calcula o tamanho médio das frases e parágrafos, e uma ferramenta de busca/troca que dá nó em pingo d'água. Para fazer a verificação ortográfica é simples: tecle ⌘G ou vá ao comando Check Spelling, no menu Tool. Se o corretor acusar que a palavra não existe, mas você tem certeza de que ela está certa, é só clicar em Add.

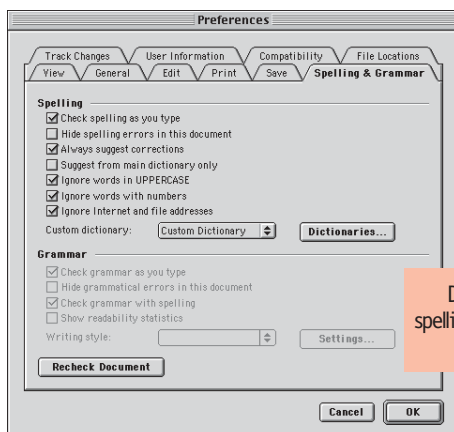
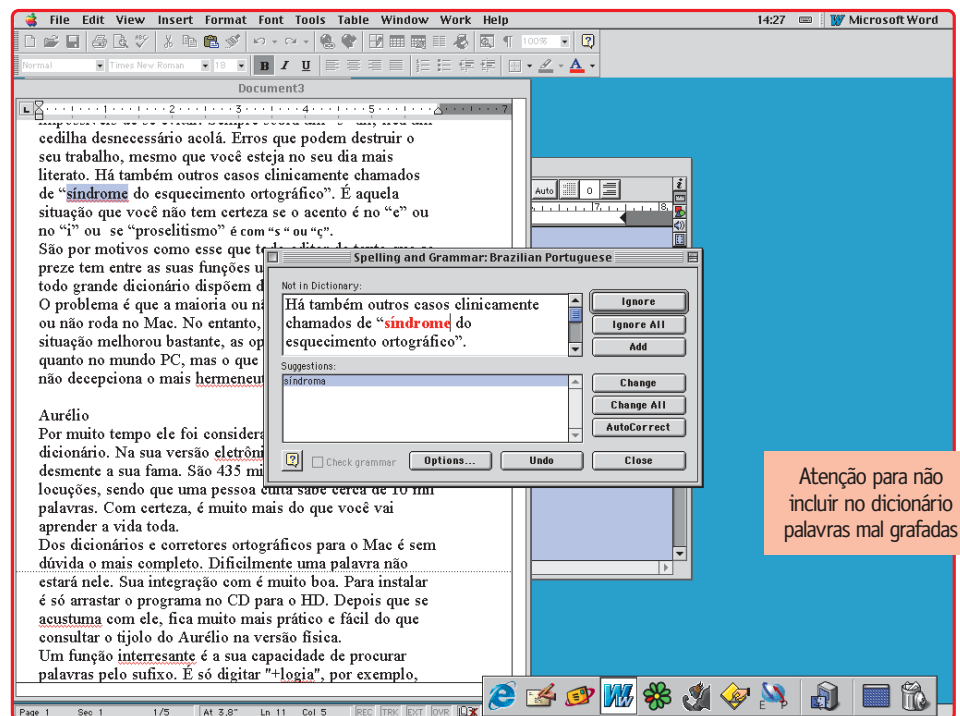
Nisus: o anti-Word

Ultralingua

Dicionário de tradução com Speech

No mercado educacional norte-americano, o dicionário Ultralingua é bem cotado no setor de aprendizado de línguas. A versão português-inglês, feita pelo IEBRAS, tem cerca de 250 mil palavras traduzidas. A vantagem é que ele inclui termos técnicos, gírias e expressões idiomáticas. A desvantagem é que não há definições das palavras e só existe a tradução para o inglês. No entanto, ele é uma boa ajuda na hora de tirar dúvidas ortográficas ou para saber como se escreve por extenso "568.948.933" em inglês.

Usá-lo é o ato mais simples que se pode imaginar. Há um campo para digitar a palavra e embaixo um lugar para a tradução. Escreva a palavra e aparecerá a correspondente em inglês. O programa roda tanto no sistema clássico como no OS X. O Ultralingua utiliza até o Speech do Mac OS para você treinar a pronúncia. É possível baixar uma versão demo e usar de graça por 30 dias.

Word 98

O pacote Office da Microsoft já tem até versão para o OS X *(leia matéria nesta edição)*. Mas quem quiser tirar a prova dos nove e passar o corretor ortográfico em português nos seus textos terá que usar o antigo Office 98

mesmo. Esta é a única versão para Mac do mais famoso editor de texto que inclui um dicionário na nossa língua. O Word 98 não está mais à venda, mas mesmo assim, resolvemos incluí-lo nesta matéria para ver se alguém na Microsoft se lembra de que um dia ele já teve dicionário em português e não seria um trabalho tão avassalador torná-lo compatível com a versão atual.

O modo como ele faz a correção dos textos é conhecido de todos. No processo de escrita, ele vai sublinhando em vermelho as palavras que o programa desconhece ou julga estarem erradas. A vantagem é que já dá para ir corrigindo o que está errado durante o próprio processo da digitação. Mas, com o tempo e para aqueles que escrevem mais fluidamente, o recurso se torna um pouco chato. O recomendável é desabilitar esse e outros "autômatos" do Word, como mudar automaticamente para caixa alta (maiúscula) a primeira letra de cada frase. É possível incluir novas palavras no dicionário, como no Nisus. O maior problema é o mesmo do AppleWorks: tem palavras em português de Portugal. Como não é uma versão nova, esse software só roda no sistema clássico. Existe uma gambiarra que faz o dicionário funcionar (aos trancos e barrancos) no Entourage, do Office 2001; mas se você estiver tão desesperado, vale mais a pena usar outro dos programas aqui comentados.

Atenção para não incluir no dicionário palavras mal grafadas

Desligue o "Check spelling as you type" para não morrer louco

DANIEL RONCAGLIA

Passou esta matéria por todos os corretores e verificou nos dicionários pra não sair nada erado.

F@ç@ loucur@s com seu em@il

Antes mesmo de o uso da Internet explodir mundialmente graças à Web, o email já era bastante popular, principalmente nos meios acadêmicos. Hoje o email faz parte da vida das pessoas, até mesmo das que nem têm computador em casa e mandam e recebem mensagens do trabalho ou do computador da casa do sogrão no domingo à tarde. Mas mesmo sendo o conceito do email supersimples, existem vários programas que podem simplificar mais ainda a sua vida e deixar você usar alguns recursos que talvez o seu programa de email favorito nem tenha.

A partir desta edição, os títulos dos programas vêm assinalados com um código:
9 X Roda nativamente no Mac OS X e também no Mac OS clássico
9 Roda no Mac OS clássico ou no ambiente Classic do Mac OS X
X Roda somente no Mac OS X

9 X MacSignify

Um programa talvez meio inútil, mas que pode fazer a alegria de alguns. É um gerenciador de "assinatura" *("sig")* de email. Você define a sua frase de despedida (algo como: *"Grato, Douglas Fernandes"*) e pode adicionar informações úteis (ou não) como sua página na Internet, seu cargo, a empresa em que você trabalha e uma frase ou citação (que se pode escolher numa lista com várias delas). A maioria dos programas de email possui a opção de anexar um arquivo de texto com a assinatura; você pode configurá-la para buscar o arquivo de texto gerado pelo MacSignify. A parte chata é que a frase da assinatura só muda quando o programa é acionado, mas aí você pode deixá-lo na pasta Itens de Inicialização (Startup Items); a cada nova reiniciada do seu Mac, ele escolhe uma nova frase ao acaso. Simpático.

MacSignify v2.0
MacSignify v2.0 | Randomize Sig
General | URLs | Quotes
Farewell tag (static): Grato,
Your name (static): Douglas Fernandes
Location where signature will be saved: iMac 350:Desktop Folder:Signature | Choose Location
Creator for text files: BBEdit

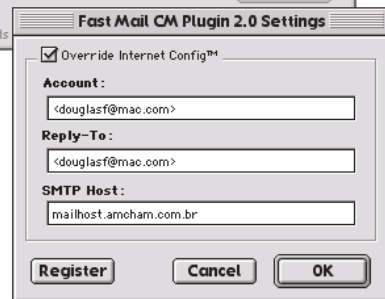
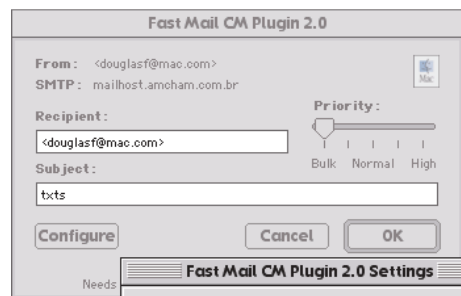
Current Sig
Grato,
Douglas Fernandes
http://homepage.mac.com/douglasf/Menu4.html
"She suddenly saw me, lost her head, and we met."
--traffic accident insurance form

9 Caem

Caso você precise um dia mandar um email para alguém que não pode saber que você foi o autor da mensagem, ou precisa por algum motivo mandar emails para várias pessoas ao mesmo tempo que não podem saber quem você é, apele ao Caem. Além de configurar quais endereços vão receber sua mensagem, você pode escolher um servidor de envio de mensagens "falso" na Internet e tornar mais difícil a quem recebeu o mail descobrir de onde veio.

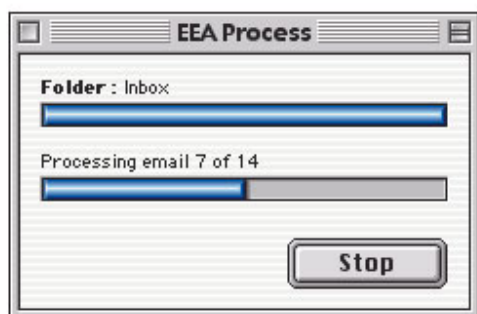
Mas atenção: não use o Caem para mandar mensagens pornográficas para a Ellen Rocche, porque mesmo escondendo as informações do remetente, ainda é possível localizar quem enviou a mensagem. Também não use para spam, pois essa prática é punida com a danação eterna. De grátis.

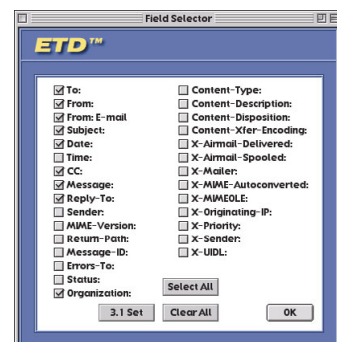
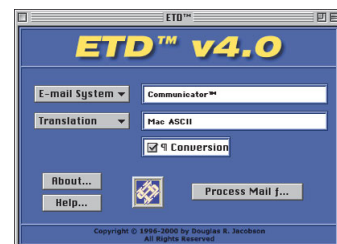
9 Fast Mail CM Plugin

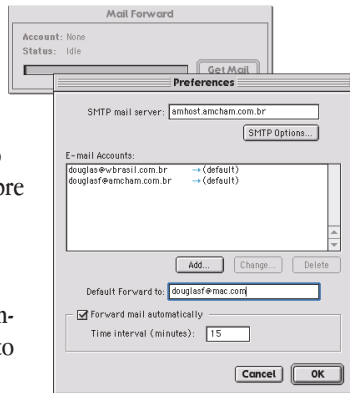
Selecione no Finder um ou mais arquivos, ou uma pasta. Clique em um dos ícones selecionados com a tecla Control apertada para aparecer o menu contextual. Escolha a opção "Fast Mail". Pronto! Agora é só digitar o assunto e o endereço de quem receberá a mensagem com os arquivos que você escolheu anexados. Tudo isso sem abrir o seu programa de email (ou até sem ter um programa de email instalado) e sem perder tempo.

Impressionante também é ver que, ao selecionar uma pasta, ele compacta o conteúdo para o envio sem você pedir, o que é muito legal. Tudo o que você precisa é ter uma conta de email e um endereço de servidor de envio de emails (SMTP). E saber apertar o botão do mouse.

9 Entourage/Outlook Email Archive

Apesar de os programas de email da Microsoft – Outlook e Entourage – serem muito completos, falta-lhes uma opção muito importante: exportar suas mensagens para deixá-las armazenadas em outro lugar que não o próprio programa de email. Existem funções para exportar o conteúdo de um email individualmente, mas não uma caixa de correio inteira de uma só vez. E guardar os arquivos anexados nos emails também acaba sendo um processo totalmente manual.

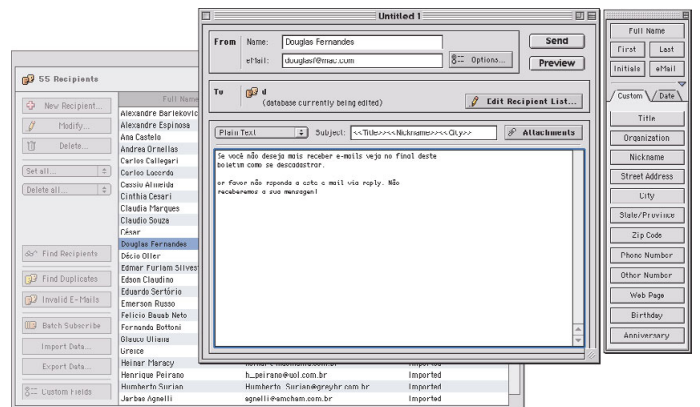
Dois sharewares "gêmeos", o Outlook Email Archive e o Entourage Email Archive, dão uma mão de uma forma muito fácil e simples. Você pode definir totalmente a forma como os emails serão armazenados (por exemplo, separando-os cronologicamente dentro de pastas) e por qual programa de texto eles serão lidos.

9 ETD

Se você precisa arquivar emails em massa e usa programas de mail que não sejam necessariamente os da Microsoft, pode baixar o ETD (abreviação de "*E-mail to Database*"), que exporta emails de Eudora, Mailsmith, PowerMail, Netscape Communicator, America Online e Outlook Express 4.5/5.0. Tem uma interface meio tosca e não extrai automaticamente os arquivos anexos. Mesmo assim, funciona bem.

9 Mail Forward

Como o próprio nome diz, serve para encaminhar ou direcionar mensagens automaticamente para outras contas de email. Isso também pode ser feito pelo seu provedor (que talvez cobre por esse serviço) ou automaticamente, caso você use uma conta Mac.com da Apple.
Mas se você quer uma solução simples e que possa ser utilizada junto com uma conta do Hotmail, por exemplo, baixe esse programinha. É bom lembrar, no entanto, que ele precisa de conexão ininterrupta à Internet, já que ficará verificando uma caixa postal e reenviando seus emails. Se você for usá-lo durante uma viagem, por exemplo, correrá o risco de fica sem o seu direcionamento após o computador dar algum pau ou perder a conexão. Mesmo assim, é bastante útil.

9 X Albert

Via email você consegue, além de enviar e receber mensagens, controlar processos de um Mac remoto. O Albert monitora todos os emails que chegam em uma determinada conta; quando chega um que contenha uma palavra-chave (que você configura previamente), ele executa um AppleScript. Esse script pode conter um comando para esvaziar o lixo, abrir determinado programa ou até desligar o seu computador. As opções são quase ilimitadas. O melhor de tudo: o programa é de graça.

9 X IntelliMerge

Parece até heresia falar sobre mala direta por email em uma época em que ninguém aguenta mais receber mensagens não solicitadas (mais conhecidas como spam). Mas vez ou outra você pode precisar de um programa que mande a mesma mensagem (por exemplo: um convite de festa) para um extenso número de endereços. Para essa função existem vários programas, incluindo (talvez) o seu próprio programa de email, mas o IntelliMerge consegue reunir listas de endereços vindas de diversas fontes, como Entourage, Outlook ou Now Contact (popular programa de agenda), e dá várias opções de personalização para as mensagens. Use-o para o Bem, e nem pense em usar o *meu* endereço para mandar propaganda!

9 X One Trick Pony

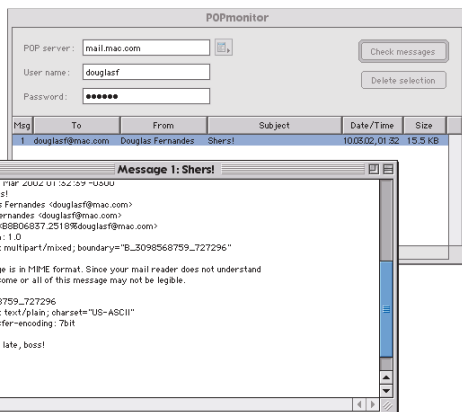
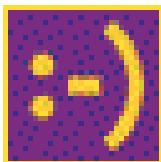
Mais uma excelente idéia. Em um computador conectado à Internet, você define uma pasta. Se algo for adicionado ou retirado dessa pasta, o One Trick Pony (que é de graça) envia um email para uma caixa postal com o texto que você quiser.
Isso é muito útil para quem, por exemplo, tem que administrar computadores de longe ou quer manter controle sobre vários processos.
Se você utilizar junto com ele o Albert, que executa scripts via email, dá para montar vários sistemas automáticos que funcionam remotamente.
E isso é só uma idéia do tipo de "bruxaria" que dá para fazer utilizando emails.

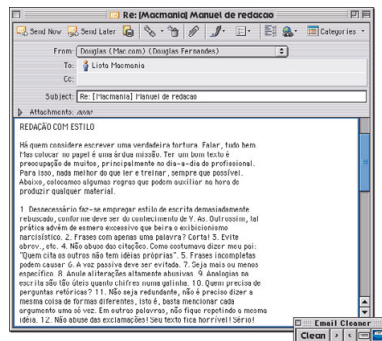
Onde encontrar

Albert	1,0 MB	www.stimpsoft.com/products/albert.html
Caem	967 K	http://logik.accesscard.org/caem.html
Email Cleaner	600 K	www.elfdata.com/emailcleaner/index.htm
Entourage Email Archive	1,0 MB	www.softhing.com/eea/info.html
ETD	1,4 MB	www.hypersolutions.org/pages/hsetd.html
Fast Mail CM Plugin	399 K	www.ribuoli.it
IntelliMerge	1,4 MB	www.intellisw.com/intellimerge/
MacSignify	831 K	www.fika.org/davew/judebear/MacSignify/index.html
Mail Forward	639 K	www.sspi-software.com/mailfwd_mac.html
One Trick Pony	934 K	www.stimpsoft.com/products/pony.html
Outlook Email Archive	1,0 MB	www.softhing.com/oea/info.html
POPmonitor	951 K	www.vechtwijk.nl/dev/popmonitor

9 X POPmonitor

Você já deve ter ficado aborrecido quando estava em casa com uma conexão estupidamente lenta, verificando seu email, e descobriu que um amigo mandou pela oitava vez aquele email com uma "videocassetada" que você já viu centenas de vezes. Só que o email tem 5 megas e, enquanto você não baixá-lo, não poderá poder ver as mensagens que chegaram depois. E isso se a sua conexão não cair durante o download! Sua opção é usar o POPmonitor, que deixa você se conectar à sua caixa postal, ver todos os emails que estão lá e apagar algumas ou todas as mensagens sem ter que baixá-las.

Existem vários outros programas semelhantes a esse por aí. É só adotar o que for mais com a sua cara e com as suas necessidades.

9 Email Cleaner

Todo mundo já cumpriu a chata missão de editar um email para mandá-lo adiante ou copiá-lo. E sempre que isso acontece, você se toca de que é uma pentelhação ficar editando todos aqueles símbolos estranhos e reformatar todo o texto, deletando e criando linhas. Para esses momentos difíceis, você pode usar o Email Cleaner, que dá uma força na limpeza é muito simples de usar.

Além de uma quantidade absurda de programas que lidam com emails, ainda existem clientes de email para você usar no seu dia-a-dia, caso não vá com a cara dos programas de email que a Microsoft ou a Netscape oferecem gratuitamente. Só não é possível ainda encontrar um programa que separe antes de você ler as mensagens boas das ruins. Se encontrar, por favor me avise. **M**

DOUGLAS FERNANDES douglasf@mac.com
Não aguenta mais receber emails com piadinhas idiotas.

MOTU 828

Seu estúdio musical em qualquer lugar

Por acaso eu já disse que montar um estúdio de gravação e produção de áudio no Mac é algo fácil? Bem, eu não sabia do que estava falando até ser apresentado à MOTU 828. Até seu lançamento, uma interface de áudio pau-pra-toda-obra só existia na forma de placa PCI, o que descartava a possibilidade de trabalhar com iMacs, PowerBooks ou iBooks. Mas agora a coisa mudou de figura.

A 828, da Mark of the Unicorn (mais conhecida como MOTU), é um sistema de gravação e playback de áudio digital que se comunica com o computador através da porta FireWire. Ou seja, você pode fazer gravação de áudio em disco rígido com alta qualidade e ótima performance em qualquer Mac atual, portátil ou não.

A 828 oferece oito entradas e saídas analógicas, oito canais ADAT Lightpipe (mais sincronia com ADAT), interface S/PDIF estéreo, monitoração de latência zero (ou seja, sem atrasos) e dois pré-amplificadores com *phantom-power* para microfones. Tudo com conversão 24 bits e *sample rate* de até 48 kHz.

A parte traseira da 828 traz duas entradas com conectores combo (banana e Canon) Neutrik, seis entradas banana, oito saídas banana, mais duas saídas principais também padrão banana (todas entradas e saídas balanceadas), além do conector para *footswitch* (para disparar a gravação com o pé, por exemplo).

No painel frontal encontram-se as chavinhas que ativam o *phantom-power* para os canais pré-amplificados (1 e 2) e os controles de ganho dos canais analógicos. Porém, o ganho é individual apenas para as entradas 1 e 2. Para os outros canais, o ganho é controlado em pares (3 e 4; 5 e 6; 7 e 8). Há ainda controles de volume de monitoração – os canais 1 e 2 são espelhados para a saída principal – e de fone de ouvido.

Open MOTU 828 Control Panel
MOTU 828 is connected
Sample Rate
Clock Source
Samples Per Buffer
Optical Input
Optical Output
Monitor Input
Sound Manager Driver
Enable
Input
Output
Off
ADAT
TOSLink

Módulo da barra de controle facilita a configuração

Estúdio portátil

A 828 funciona de modo similar à Digi 001, da Digidesign (*ver resenha na Macmania 85*), só que não inclui comunicação MIDI, que é a única coisa que falta para tornar completo o produto da MOTU. Em compensação, a 828 oferece controle de ganho para todas as entradas analógicas e indicadores de atividade para todas entradas e saídas, incluindo S/PDIF, coisa que a Digi 001 não tem.

A 828 é um pouco mais cara que o produto da Digidesign, mas é a solução ideal para músicos e produtores móveis que necessitam de uma interface versátil e confiável. Também é uma das melhores alternativas para quem possui um iMac. O acabamento da 828 é bem elegante – tem conectores banhados a ouro –, sendo que o dispositivo vem pronto para montar no rack de seu estúdio. E o cabo FireWire que acompanha a interface tem 4,5 metros, grande o suficiente para que a 828 possa ficar na posição mais cômoda em sua instalação.

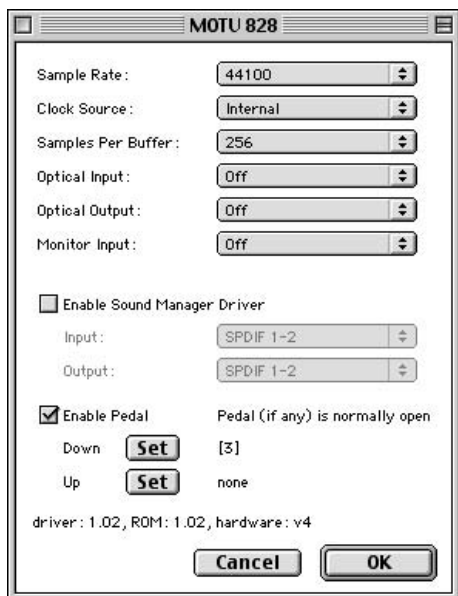
Mais fácil, impossível

Instalar e configurar a 828 é a tarefa mais simples do mundo. Basta conectar o cabo FireWire, instalar as extensões e restartar o Mac. O painel de controle e o módulo da barra de controle facilitam ao máximo a configuração de *sample rate*, fonte de clock, *sample buffer*, entradas ópticas e configuração de *footswitch*.

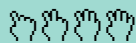
Aliás, a 828 pode ser usada inclusive como a interface de som padrão do Mac, o que serve para mostrar o quanto a Apple precisa melhorar a interface de áudio do Mac. Botar um bom CD no drive e escutá-lo a partir da saída digital da interface da MOTU é uma experiência muito mais gratificante. O som chega aos seus ouvidos com excelente definição e sem distorções, mesmo em volumes altos (utilizando bons alto-falantes, é claro). Voltar a usar a saída banani-

1 Apenas os canais 1 e 2 trazem controles de ganho independente;

2 Entrada pré-amplificadas trazem conectores "COMBO";

3 Conectores banhados a ouro dão toque especial ao acabamento

Painel de controle permite que a Motu 828 funcione como interface de áudio padrão de seu Macintosh

nha do Mac é uma grande frustração. (Acho que escutei o CD "Before These Crowded Streets", do Dave Matthews Band, umas cinco vezes seguidas depois que descobri que o som de meu Mac G4 poderia ser muito melhor.)
A caixa da 828 traz o software AudioDesk, um programa para gravar e editar áudio, que é basicamente o Digital Performer 2.4 sem as funções de MIDI, mas com vários plug-ins MAS. De qualquer maneira, é possível utilizar a 828 com qualquer programa que suporte a tecnologia ASIO, uma vez que o driver apropriado vem no CD de instalação. Ou seja, basicamente, só não dá para usá-la com o Pro Tools, que não aceita ASIO.
A 828 impressiona por sua qualidade, versatilidade e praticidade. Porém, o uso do padrão FireWire torna o produto um pouco menos estável do que sistemas baseados em placas PCI costumam ser. Por vezes, aconteceu de o som da interface da MOTU sumir repentinamente, quando o processamento de áudio e a quantidade de canais simultâneos atingiam níveis mais "agressivos". Nesses casos, foi preciso desligar e religar o equipamento para que o som voltasse. Tal fenômeno aconteceu usando o Logic Audio, que foi minha plataforma de testes.
Fora a ausência da interface MIDI, outra leve crítica vai para os dois pré-amplificadores, que são melhores do que os de qualquer mixer, mas não se mostraram tão silenciosos quanto os da Digi 001. Além disso, a 828 não permite que você roteie nenhum dos sinais digitais para a saída de monitoração, que só funciona com as entradas análogicas. Porém, isso é compreensível, já que a monitoração digital iria requerer um par adicional de conversores digital-analógico.
As falhas da 828 são pequenas, principalmente quando levamos em conta tudo que esse pequeno dispositivo pode fazer. Certamente é uma excelente opção para usários de iMac, PowerBook e iBook, possibilitando levar seu estúdio para qualquer canto onde haja eletricidade. É claro que eu também poderia reclamar que a 828 não oferece suporte a *sample rate* de 96 kHz, mas para usuários mais exigentes a MOTU já lançou o módulo 896, que oferece isso e outros recursos, utilizando também interface FireWire. Quem sabe numa próxima edição da Macmania. M

MOTU 828

Quanta: www.quanta.com.br
0800-55-4644
Preço: R$ 4.500

Pró: Interface prática e versátil; ótima qualidade de áudio

Contra: Não inclui interface MIDI; Não suporta sample rate de 96 kHz; menos estável que interfaces PCI

Começar de novo

Quando reformatar o HD é inevitável

Na reportagem de capa da Macmania 70 (de leitura recomendada para complementar esta matéria), mostramos os principais macetes para evitar e combater os imprevistos que podem paralisar seu Mac ou detonar seus dados. Porém, há momentos na vida em que é necessário mandar o exército retroceder, levantar a bandeira branca e se render, pois é chegada a fatídica hora de reformatar seu HD e reinstalar o Mac OS do zero. Tomar essa decisão não é fácil. Afinal, é um passo importante e definitivo na sua vida. Assim, se você quiser uns cinco minutos para considerar, fique à vontade.

Na verdade, o processo de "começar de novo" não precisa ser traumático, se for feito com os cuidados apropriados. Aliás, ele pode ser usado não apenas como uma medida extrema, mas também como algo preventivo para quando você achar que o comportamento do Mac OS ou do disco rígido não está lá muito "católico". Ou antes de migrar para o Mac OS X. Veja a seguir como se preparar para enfrentar tal empreitada e quais as precauções a serem tomadas para evitar futuras dores de cabeça.

Sinais de fumaça

Os indícios mais claros de que algo está muito errado com o disco rígido são:

1 O sistema trava frequentemente, sem qualquer motivo lógico aparente, mesmo quando apenas as extensões padrão do Mac OS estão habilitadas.

2 Erros de sistema aparecem sucessivamente, das formas mais diversas. Em outras palavras, você recebe mensagens estranhas dizendo coisas como "o comando não pôde ser executado por causa de um erro desconhecido", "o programa não pôde ser iniciado" ou "o arquivo não pôde ser aberto", sendo que você já realizou essas mesmas tarefas no mesmo dia – ou, pior, na mesma hora.

3 O misterioso aparecimento e desaparecimento de arquivos em seu HD, mensagens de "erro tipo -192" ao tentar abrir alguma pasta e dificuldades em esvaziar o Lixo. Esses são sinais claros de que o seu disco está corrompido, especialmente se você roda repetidamente o Disk First Aid e os paus reaparecem.

Como proceder

Quando surge qualquer um dos indícios ao lado, é preciso tomar medidas cautelares para garantir que nenhuma informação importante seja perdida. Isso vale não apenas para seus documentos pessoais, mas para vários arquivos e pastas, utilizados pelo sistema ou por programas, que também podem ser valiosos: sua base de dados de email, configurações de TCP/IP, extensões, painéis de controle e preferências de programas.

É chegada a hora de fazer um becape de segurança num CD-R, CD-RW, DVD-R, Zip, disquete ou qualquer outra mídia que estiver à mão. Se você tiver um segundo HD na máquina com espaço disponível, melhor. Assim, você pode rapidamente copiar todos os arquivos necessários para o outro disco e agilizar bastante o processo. Porém, como não é todo mundo que tem essa facilidade, a saída mais comum é o CD-R ou o CD-RW.

Juntando as tralhas

Agora você pergunta: *o que é importante becapear para evitar traumas futuros?* Além das coisas óbvias, que são seus documentos e informações pessoais, eis o seu rol básico de becape para o Mac OS clássico, começando pelo conteúdo da Pasta do Sistema (System Folder).

Extensões e painéis de controle

As pastas Extensões (Extensions) e Painéis de Controle (Control Panels), que ficam dentro da Pasta do Sistema (System Folder), são importantes porque podem abrigar arquivos sem os quais não é possível rodar confiavelmente alguns aplicativos.

Você não precisa copiar as extensões do Mac OS, pois essas vão ser reinstaladas com o novo sistema. Para descobrir quais extensões foram instaladas por programas, abra o Gerenciador de Extensões (Extensions Manager), selecione "Mac OS All" e restarte; o que tiver ficado dentro das pastas Painéis de Controle (desat.) (Control Panels (Disabled)) e Extensões (desat.) (Extensions (Disabled)) são os itens que estamos procurando. Depois disso, dê uma olhada na pasta Extensões (Extensions) na vista por data e pegue os itens que tiverem datas mais recentes que as dos itens do sistema.

Preferências

A pasta Preferências (Preferences) armazena as configurações de todos os programas e painéis de controle de seu Mac. Por isso, é importante fazer um becape dela. Assim, depois de formatar seu disco e reinstalar o sistema, você poderá restaurar os dados pessoais relativos aos aplicativos. Assim, em vez de configurar novamente o TCP/IP e o Remote Access com os endereços de IP, nomes de domínios, números de discagem e outros dados para acesso à Internet ou a redes internas, é mais fácil e igualmente efetivo copiar as preferências antigas para o sistema novo. O documento de preferências do QuickTime também é importante para quem fez upgrade para a versão Pro. Depois que você reinstalar o sistema do zero, o programa voltará para a versão não-paga do programa. No entanto, é só instalar a preferência antiga do QuickTime no lugar da nova e tudo voltará a ser como era.

As preferências quase sempre levam o nome do aplicativo seguido da palavra “Preferences”; por isso, é muito fácil encontrar o arquivo desejado. No entanto, há algumas exceções, como é o caso do Internet Explorer, que cria uma pasta chamada Explorer. Nela são armazenados todos os seus endereços favoritos e o histórico, entre outros dados que você não vai querer perder.

Fontes

Fontes também são itens preciosos. Todas as fontes instaladas no sistema ficam, convenientemente, na pasta Fontes (Fonts). Isso só não é necessariamente verdade caso você utilize programas de gerenciamento de fontes como o Adobe Type Manager ou o Suitcase, que permitem que as fontes fiquem em qualquer pasta. Mas nesse caso, você já sabe onde elas estão para fazer a cópia.

Programas

Depois de reinstalar o sistema do zero, o ideal é reinstalar também todos os programas, principalmente os mais utilizados. Porém, pode ser necessário becapar determinados softwares, sharewares e freewares; seja porque os discos de instalação foram perdidos, seja porque não é possível (ou você não está com saco de) baixá-los da Internet novamente.

Pasta Documentos

A pasta Documentos (Documents) armazena informações de vários programas, como as playlists do iTunes, e dados do Outlook e Office 2001 (mais especificamente do Entourage). Se

E no Mac OS X?

As instruções nestas páginas são para o Mac OS clássico. Se você usa o Mac OS X, a coisa é muito mais simples: basta fazer o becape completo da sua pasta de usuário (dentro da pasta Users), que tem o mesmo nome do seu login de sistema; é a mesma pasta que o Finder chama em alguns lugares de “Início” ou “Home”.
A sua pasta pessoal inclui praticamente tudo o que você usa no OS X. Entretanto, nem todos os arquivos contidos nela serão necessários depois. Assim, concentre-se apenas nas subpastas mais importantes: Pictures, Movies, Public, Sites e Desktop, conferindo se tudo o há nelas é realmente importante.
Dentro da pasta Library, os itens mais importantes são as pastas Preferences e Fonts, que são equivalentes às homônimas do sistema clássico.

você utiliza algum dos clientes de email da Microsoft, encontrá sua base de dados de mensagens dentro da pasta Microsoft User Data, que por sua vez contém a pasta Office Identities.
O mesmo acontece no Mac OS X se você utilizar o Office v. X, só que nesse caso a pasta Documents fica na sua pasta de usuário. Como ninguém gosta de perder todas suas mensagens e configurações de email, é importante ter um becape completo dessa base de dados.
Se você recebe muito email, é bem capaz que a base de dados do seu *mailbox* seja bem grandinha. Nesse caso, vale a pena abrir o Entourage (ou Outlook Express), deletar as mensagens de que você não precisa mais, abrir a pasta Deleted Items e apagá-los. Depois feche o programa e abra-o de novo segurando Option, para que ele reconstrua (e, por tabela, diminua) sua base de dados. Jogue fora o arquivo chamado `Old Database` e guarde apenas o novo.

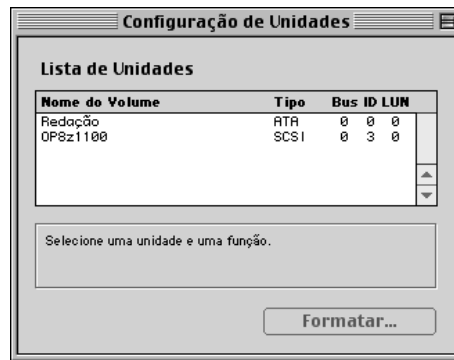
Becapando

Na hora de fazer o becape, faça uma cópia dos arquivos importantes de sistema numa pasta separada (arraste os objetos com a tecla Option pressionada para copiá-los). Se você simplesmente mover os arquivos, o funcionamento do sistema só irá piorar. Depois de juntar tudo, queime um ou mais CD-R ou CD-RW com o conteúdo dessa pasta. Quem tem drive Zip ou coisa do tipo pode copiar os arquivos diretamente para a mídia removível.

Como formatar

Já becapou tudo? Tem certeza? É bom estar certo disso, pois chegou a hora de formatar o HD. Para isso, inicie a máquina a partir do CD de instalação do Mac OS, segurando a tecla C enquanto o computador liga. Se o CD for do Mac OS 9, espere o processo de *startup* terminar e rode o programa Configuração de Unidades (Drive Setup), que fica na pasta `Utilities` do CD.

Configuração de Unidades

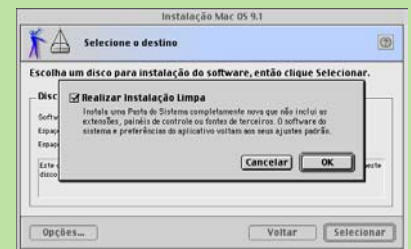
A janela do programa mostrará os discos conectados ao seu Mac. Para garantir que o processo seja eficaz, acione o menu Funções ▸ Opções de Formatação e clique nas opções "Formatação de baixo nível" ("Low Level Format") e "Zerar todos os dados" ("Zero All Data"), que garantem uma formatação completa e total. O "Zero All Data" apaga todos os dados, de maneira mais eficiente que o "Erase Disk". Já o "Low Level Format" refaz as trilhas físicas no disco, o que é um processo mais seguro, pois isola eventuais áreas danificadas do HD.
Por fim, selecione o disco que será formatado (certifique-se de que é o correto!) e clique no botão Formatar (Initialize). O processo deverá levar duas horas ou mais, dependendo do tamanho do HD. Vá à padaria tomar um café ou pegue um cineminha.

Se você iniciou o computador a partir do CD de instalação do Mac OS X, a tarefa é mais simples, já que o instalador do sistema oferece a opção de formatar o disco antes. Isso pode ser feito na etapa em que você assinala o HD em que o sistema vai ser instalado. No canto inferior direito, você pode marcar a opção "Erase disk" (confirmar), para que o disco seja formatado antes da instalação. Porém, se a suspeita é de que o HD está com problemas, é mais seguro realizar um "Low Level Format" antes (afinal, é bem provável que você tenha que instalar o Mac OS 9 mesmo).

Sistema novo, vida nova

Beleza, seu disco está como novo. Instale o sistema a partir do CD do Mac OS, seguindo as intruções do instalador. Feito isso, reinicie o Mac e comece a colocar a casa em ordem: reinstale os programas e coloque os itens becapados nos lugares apropriados. Os arquivos de sistema deverão voltar às pastas de onde foram copiados originalmente, à medida que necessário. Assim, se alguma extensão, por exemplo, for solicitada pelo sistema ou por um programa, arraste o arquivo solicitado do seu disco ou pasta de becape para a nova pasta Extensões (o mesmo vale para os painéis de controle).
No caso da pasta Preferências, o sistema vai gerar dentro dela novos documentos para os programas e configurações do Mac OS, que só deverão ser substituídos pelas preferências becapadas que realmente trazem informações importantes: configurações de Internet, QuickTime Pro, browsers etc.
O importante é fazer tudo com bastante calma e atenção. Com paciência, você reconstruirá seu império.

MÁRCIO NIGRO
Começou de novo, diversas vezes, mas não curte Ivan Lins.

Como fazer uma instalação limpa

Reformatar o HD é uma medida extrema que só deve ser tomada quando houver algum problema grave. Quando o Mac OS está se comportando estranhamente, muitas vezes realizar uma instalação limpa *(Clean Install)* é a medida mais fácil e menos traumática. Essa opção instala uma pasta de sistema novinha em seu disco e renomeia a antiga para `Pasta de Sistema Anterior` (Previous System Folder), para que você não perca nenhuma informação ou software importante.
Para fazer uma instalação limpa, reinicie o Mac a partir do CD de instalação do Mac OS, clique no ícone Mac OS Install dentro do CD, clique no botão Continue na primeira janela e, na seguinte, clique em Options. Na caixa de diálogo, marque a opção "Realizar Instalação Limpa" ("Perform Clean Install"). Em seguida, selecione o disco em que o sistema será instalado e siga em frente.

Quando a instalação terminar, você verá a Pasta de Sistema Anterior no HD. Tudo o que você precisa fazer é mover as coisas importantes (extensões, painéis de controle, preferências etc.) da pasta antiga para a nova. Você até pode fazer isso manualmente, mas o processo fica mais fácil se você utilizar um programa como o Clean Install Assistant (baixável de `www.marcmoini.com`), que é um shareware pensado justamente para realizar a transição entre duas pastas de sistema.

Quem usa o Conflict Catcher em vez do Gerenciador de Extensões padrão do Mac OS pode contar com a função "Clean Install System Merge" desse programa, que é ótima para essas situações.

Mate o Dock

Você é daqueles que acham que o Dock mais atrapalha do que ajuda? Então acabe de vez com essa barra translúcida pusilânime! Melhor: troque-a pelo seu lançador de programas favorito. Siga as instruções:

1 Restarte pelo OS 9.

2 Tire o programa Dock.app da pasta /System/Library/CoreServices e jogue em qualquer canto.

3 Coloque no lugar seu programa favorito para abrir programas e pastas (DragThing, Snard, Launcher etc.).

4 Renomeie o programa como Dock.app.

5 Volte ao OS X.

Pronto, aí está seu Mac sem Dock. O único problema é que você também vai ficar sem a lata de lixo, o que pode ser um tanto inconveniente. Mas, para isso, temos a dica ao lado.

Acerte as horas

No Mac OS 9.2 ficou bem mais fácil configurar o relógio do Mac. É só clicar no relógio da barra de menu com Option apertado que o Finder chama o painel de controle Date & Time. Nos sistemas anteriores, fazer isso apenas escondia o relógio.

Marco Kichalowsky marcoandrei@mac.com

Trocando 9 por X

Você instalou o Mac OS X na mesma partição do OS 9 e agora fica na bronca porque tem de usar o Disco de Inicialização (Startup Disk) para trocar de sistema? Temos a metade da solução dos seus problemas: para sair do OS 9 e ir para o OS X, segure a tecla X do teclado durante a inicialização. O Mac vai restartar novamente e entrar direto no OS X. Infelizmente, não adianta apertar a tecla 9 no OS X para voltar para o sistema clássico.

Um lixo sempre à mão

Se você não gosta do Dock, mas mantém ele visível só porque precisa arrastar alguma coisa para o Lixo, use esta simples receita: abra o Lixo e arraste o ícone da barra de título (aquele bem no meio da janela) para a barra de botões (ou de ferramentas, como prefere a Apple) do Finder. (Atenção: ao clicar, espere alguns instantes até o ícone de lixo ficar mais escuro antes de arrastar.)

Novos sons de alerta

Para acrescentar um som de alerta diferente daqueles que vêm como padrão, basta salvar o arquivo de som no formato AIFF e depois arrastá-lo para a pasta ~/Library/Sounds. Não adianta tentar copiar o som para a pasta Sounds do sistema (a não ser que você esteja logado como *root*). Abra o Preferências do Sistema, clique em Som e escolha o novo arquivo. Atenção: a extensão do arquivo de som deve ser .AIFF; .AIF não vai funcionar.

Um arquivo dentro do outro

Não é supresa que é possível incluir texto formatado e imagens diretamente no TextEdit. Porém, que tal incluir um programa ou outro arquivo de texto dentro dele? Se você arrastar o ícone de um aplicativo ou de um outro documento de TextEdit ou do Word, ele copia o arquivo ou aplicativo para a página. Quando você salva o texto, ele fica no formato RTFD (Rich Text Format com documentos anexados). Um duplo-clique no ícone do programa ou do texto vai abrir os itens anexados. Agora, tome cuidado: os ícones não são atalhos dos programas e documentos originais, mas cópias deles. O seu arquivo pode ficar com muitos megabytes se você exagerar na dose.

Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

Hubba Hubba

"Como compartilhar a conexão: entre dois Macs?"

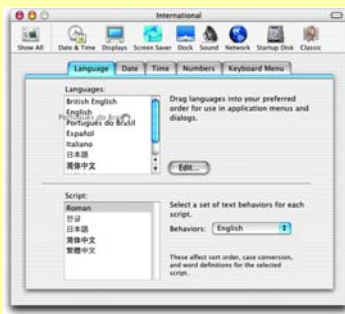
Pergunta: **Tenho um iBook e um G3 azul ligados em rede com um hub. Coloquei o Speedy no iBook, com a conexão na porta de rede, como manda o figurino. Só que agora fiquei com uma Internet rápida e uma rede desligada. Tem algum jeito simples e barato de usar a rede e a conexão ao mesmo tempo?**
Malu Calissi, malu.ca@terra.com.br

Resposta: Existem várias maneiras de fazer isso. Vamos a elas:
1) Maneira rápida e suja: coloque o cabo do modem do Speedy na porta Uplink do hub e os dois Macs nas portas seguintes. Você vai ter sua rede, mas só uma das máquinas vai poder ser configurada para acessar a Internet.
2) Maneira rápida e menos suja: Compre um software roteador, como o Vicomsoft SurfDoubler ou o IPNetRouter. Você vai usar as mesmas conexões da Maneira 1, só que agora um dos Macs pode rotear a Internet para o outro.
3) Maneira lenta e limpa: Compre uma segunda placa Ethernet PCI para o seu G3. O Mac OS X já vem com capacidade embutida para compartilhar a rede; baixe e instale o shareware Brickhouse (http://personalpages.tds.net/~brian_hill) para ativá-lo. No OS 9, você vai precisar de um software roteador.
4) Maneira cara, mas muito legal: compre uma base e uma placa AirPort para o iBook. Plugue o Speedy no Uplink e o G3 e a base nas portas seguintes. Ajuste o software da base para distribuir IPs pela Ethernet. Assim, você pode passear pela casa com seu iBook enquanto baixa os seus MP3 e responde seus emails (cuidado para não tropeçar). Infelizmente, o G3 não é compatível com o AirPort. Se fosse um G4, a opção sairia mais barata. Bastaria comprar duas plaquinhas AirPort e criar uma conexão *computer-to-computer*, para fazer o Power Mac rotear a Internet para o iBook.

Macs no Japão

"O Mac OS X é multilingual mesmo?"

Pergunta: **Estou no Japão, quero comprar um iBook, e gostaria de tirar uma dúvida sobre o Mac OS X. Ouvi dizer que ele tem vários pacotes linguísticos embutidos. Isso quer dizer que poderei comprá-lo aqui e passar para o português quando voltar para o Brasil? Ao retornar, só terei que trocar o teclado? Isso é realmente possível?!**
Karima Muramatsu, karima@mx2.sala.or.jp

Resposta: É isso mesmo. O Mac OS X é totalmente multilingual (e multiusuário). Para mudar a língua do sistema (e, automaticamente, de todos os programas que tiverem seus respectivos pacotes de localização), basta ir ao painel International, arrastar o idioma desejado para o topo da lista (figura ao lado), dar logaut e login de novo. Simples assim. Dá até para três pessoas usarem a mesma máquina: uma com o sistema em português, outra em inglês e outra em japonês. Tente fazer isso com o Windows!

Mudo de língua ou não?

"Vou ter problemas ao passar para o OS 9 em português?"

Pergunta: **Tenho um iMac DV-600 com Mac OS 9.1 em inglês e o Adobe Premiere 6.0 e o Office instalados. Se eu passar para a versão em português, haverá algum problema com relação a esses dois softwares? E quanto ao iMovie?**
Roberto, robertfb@mac.com

Resposta Quanto ao Premiere e o Office, não deve acontecer nenhum problema. Normalmente quem implica com o sistema em português é o QuarkXPress, mas mesmo para esse, já publicamos uma gambiarra para fazer rolar na edição 88. Quanto ao iMovie, você deverá solicitar ao AppleLine uma cópia do programa em português, só paga a taxa de envio, R$ 23,00. No Mac OS X, não há esse problema. Se você muda o sistema para o português, o iMovie também muda.

Arquivos pecezistas

"Como abrir PowerPoint no Mac?"

Pergunta: **Sou iniciante em iMac e gostaria de saber como faço para configurar o meu computador para visualizar arquivos recebidos de um PC. Outro dia recebi um arquivo em Flash e o meu iMac não o leu. Recebi um arquivo em PowerPoint e também não consegui abri-lo no AppleWorks 6.0.**
Rosangela M. Azevedo, azevedoro@uol.com.br

Resposta: Demos uma extensa matéria sobre como fazer seu Mac se relacionar melhor com os PCs à sua volta na Macmania 89. Arquivos Flash podem ser abertos no QuickTime Player, se bem que o melhor mesmo é utilizar o próprio Flash Player (www.macromedia.com). Quanto ao PowerPoint, o AppleWorks não ia abrir mesmo. O único jeito é comprar o Office e abrir o dito no programa certo.

Falta de memória

"Qual a memória certa para o iBook branco?"

Pergunta: **A memória do iBook branco é vendida com a mesma especificação das memórias de PC. Dá para entrar em uma loja qualquer de PC e sair de lá com o pente certo? Essa memória SO-DIMM de 144 pinos tem algum nome popular no mundo PC?**
Wellington Saamrin, wellington@njobs.com.br

Resposta: O nome é esse mesmo. É uma memória padrão para laptops, portanto não é tão fácil de encontrar quanto memórias para computadores de mesa. O ideal é você ir numa loja especializada em portáteis. Cá pra nós, os preços não devem ser muito mais baratos do que numa revenda Apple. Podem estar até mais caros. Pesquise bem antes de comprar.

MacPRO
o suplemento dos power users
Ano 5 - Nº 41
Parte integrante da revista **Macmania**
Não pode ser vendido separadamente

Java e Mac
O começo de uma longa amizade

por Daniel de Oliveira

Em dezembro, o *Brasília Java Users Group* (DFJUG), grupo que congrega os 4.800 usuários de Java no Planalto Central, realizou a *Maratona 4 Java* na Universidade Católica de Brasília. Durante 13 horas, 21 palestrantes *"round the clock"*, sem intervalo para almoço, apresentaram para 1053 desenvolvedores o que há de novo na plataforma de desenvolvimento Java.

Durante esse evento foram também realizados quatro minicursos básicos e três provas de Java. Duas provas foram individuais; foi proposto um problema e avaliou-se a solução mais elegante, criativa, simples e funcional.
A prova da tarde foi inspirada na prova de revezamento de 4x100 metros. A intenção foi valorizar o trabalho de equipe – fundamental, hoje em dia, no desenvolvimento de qualquer projeto importante. Foi proposto um problema e as oito equipes participantes, de quatro membros cada, tiveram 15 minutos para discutir o tema em conjunto. Em seguida, um desenvolvedor de cada equipe foi admitido no laboratório. Quinze minutos depois, dado um sinal de apito, ele copiou seu trabalho em um disquete *(token)* e retirou-se da sala, entregando-o ao segundo colega, que assumiu uma estação de trabalho qualquer e continuou codificando o software a partir do ponto em que o colega antecessor o deixou; e assim sucessivamente, até que o tempo se esgotou ou a tarefa foi completada. O problema proposto foi a criação em equipe de um jogo qualquer.
Tudo isso em 60 minutos!

Mac marca presença

Aí você perguntará: *o que este assunto tem a ver com uma revista dedicada ao Macintosh?* É que a Borland, Macromedia e a Apple foram algumas das empresas que participaram desse evento, e o Mac teve posição de destaque.
Desde o lançamento do Mac OS X, em março de 2001, o Java faz parte do núcleo do sistema operacional. Por isso, a Java Virtual Machine (JVM) da Apple é hoje uma das mais rápidas que existem, o que torna a plataforma Mac ideal para o desenvolvimento e execução de aplicações 100% Java. Um exemplo disso é a implementação de Java2D, que chega a ser até cinco vezes mais rápida que a da Sun.
O Mac OS X (versão 10.1.2) implementa o padrão Java 2 Standard Edition (J2SE) 1.3.1 e usa a máquina virtual HotSpot 1.3, que implementa as tarefas Java em modo preemptivo e as distribui automaticamente entre múltiplos processadores. A implementação da biblioteca Swing tem o visual similar ao Aqua do Mac OS X.
Os desenvolvedores Mac têm hoje nas mãos um leque de ferramentas de desenvolvimento de alto nível para a plataforma Java, para todos os bolsos e objetivos: desde ferramentas de desenvolvimento – IDEs (JBuilder, Code Warrior, Forte, NetBeans) –, ferramentas UML (Together Control Center), servidores ▶

Casa lotada; à direita, Tiago Ribeiro dá palestra sobre o estado atual da plataforma Java no Mac OS X

Java e Mac continuação

de aplicações (JBoss, WebObjects, Tomcat), até servidores de bancos de dados para interagir com as aplicações criadas (MySQL, PostgreSQL, OpenBase, Primebase, FrontBase, 4D, etc.).
Isso tudo é possível graças ao comprometimento da Apple com a tecnologia Java: hoje ela faz parte do Java Community Process (JCP, www.jcp.org) e vem contribuindo ativamente para o desenvolvimento da tecnologia, especificamente no segmento Java 2 Standard Edition (J2SE) – ao contrário daquela outra empresa do "Dark Side"...

Parceiros no Java

A exemplo disso, durante a Maratona 4 Java a Macromedia apresentou o JRun, que é um ambiente de desenvolvimento com a característica muito interessante de rodar totalmente em browsers. E a Borland apresentou sua ferramenta de desenvolvimento Java, o JBuilder 6, que já vem com a carinha azul do Mac OS X estampada na caixa e é a maior aplicação Java que já se escreveu até hoje.
Uma das queixas mais comuns dos usuários de Mac é que "não existe literatura no mercado para desenvolver para Mac". Isso não é mais verdade. Por ser o Java uma plataforma universal de desenvolvimento, qualquer livro sobre ele serve para você aprender a escrever código que possa ser executado no Mac, ou melhor, em *qualquer* equipamento que possua um processador. *Write once, run anywhere* (escreva uma vez e rode em qualquer lugar) é o lema dessa linguagem. Isso significa que o código Java que você escrever em um Macintosh poderá rodar em um supercomputador *(mainframe)*, em um PC, em um cartão inteligente *(smart card)* ou em um celular.
A propósito de celulares, o JBuilder 6 da Borland já vem com um emulador para programar uma série de telefones da Nokia.

A apresentação do Java no Mac OS X roubou a festa

Existem excelentes livros sobre o assunto, inclusive em português. Durante a Maratona 4 Java, Fernando Anselmo lançou o livro *"Tudo que você queria saber sobre a JDBC... mas ninguém quis (ou não sabia) lhe responder"* (www.visualbooks.com.br).
Por isso, essa história de dizer que programar no Mac não tem mercado, principalmente para desenvolvedores brasileiros, é uma ladainha que tem que acabar, pois é conversa fiada. Com o lançamento do MacOS X, o desenvolvedor Mac concorre em pé de igualdade com qualquer desenvolvedor Linux, Unix, Amiga ou "Ruindows". O Apple Developers Center (ADC, www.apple.com/developer) e o site da Sun (www.java.sun.com) são excelentes pontos de partida para o desenvolvedor que queira obter as mais recentes informações sobre desenvolvimento de software Java.

Tiago rouba a cena

No Brasil, dúvidas e perguntas em relação a desenvolvimento Java no Mac podem ser encaminhadas a Tiago Ribeiro, do ADC da Apple Brasil (desenvolvedor@apple.com.br). Ele foi um dos palestrantes da M4J e impressionou a platéia (e não foi porque ele é bonito!).
A maior parte dos presentes nunca tivera antes a oportunidade de ver um Macintosh funcionando. Uma pessoa da platéia disse, na sessão de perguntas e respostas, que agradecia a oportunidade que a Apple tinha dado, pois já havia ouvido falar no Mac mas nunca tivera a oportunidade de ver um "ao vivo e a cores", com a estonteante interface Aqua, e não tinha idéia de que o Mac possui a melhor relação custo/benefício para um desenvolvedor Java. Tiago teve que ser retirado do auditório, porque as perguntas não paravam e estavam impedindo que o palestrante seguinte entrasse para fazer sua apresentação.

No Mac ou para o Mac?

A grande polêmica, no momento, é: *"Cocoa or not Cocoa?"* – ou, em claro Tupiniquim: *"escrever programas Java no Mac ou para o Mac?"*
Ninguem discute que o Mac, com Java embutido no seu sistema operacional, é a melhor plataforma com que um desenvolvedor dessa linguagem poderia sonhar. Porém, nestes dezoito anos de Macintosh, os usuários se acostumaram de tal maneira ao jeitão dele

Para saber mais

Detalhes do evento você pode ler em http://waeny.2y.net/pesq/maratona e outras fotos podem ser vistas em www.x25.com.br/maratona.htm.

Metendo a mão no Unix

Parte 7: editor vi, lição 2 (apagando e movendo-se no texto)

por Alberto V. Mendonça

Já sabemos como criar e editar um arquivo texto utilizando o **vi**. Mas, e se for necessário alterar um texto, apagando e substituindo algo? Nesse caso, precisamos aprender também como mover o cursor até o ponto onde desejamos trabalhar.

Passo 1

Vamos aprender a nos deslocar no texto, de modo que possamos posicionar o cursor no local correto. Para isso iremos fazer uma cópia do arquivo hostconfig para o Desktop, e em seguida abri-lo com o vi. Ou seja:

```
cp /etc/hostconfig ~/Desktop/hostconfigcopia
cd Desktop
vi hostconfigcopia
```

Atenção! O arquivo hostconfig original guarda configurações importantes do sistema. Sugerimos que não mexa diretamente no original, pois isso poderá acarretar sérios danos ao funcionamento do seu sistema.
Seu arquivo hostconfigcopia deverá conter um texto muito semelhante ao apresentado à direita.

(look and feel) que, ao mostrarmos um programa Java escrito no Mac, mas usando classes da biblioteca gráfica Swing, faz com que os "Macxiitas" de plantão comecem a dizer que isso é "sacrilégio" e "blasfêmia" e ameacem lançar sobre o pobre programador todas as esconjuras do Demônio.

Para sobreviver, uma plataforma precisa de escalabilidade. Quanto mais programas existirem, maior será a sua chance de sobrevivência. Por isso a Apple optou pelo FreeBSD (Unix) para a base do Mac OS X.

Programadores Mac são uma minoria na área de desenvolvimento: as estatísticas mostram que esses valentes representam, no mundo todo, algo entre 3 e 5% do mercado profissional global. Agora surge a oportunidade de escrever um aplicativo e concorrer em condições de igualdade comercial nas outras plataformas, pois o mesmo software escrito em Java no Mac roda em todas as máquinas sem nenhuma modificação. Mas, como tudo que é bom, isso tem um preço: a interface visual não vai seguir rigidamente as regras do sistema operacional.

Rainer reina

Do lado oposto, Rainer Brockerhoff, que é o mais famoso desenvolvedor Macintosh que temos no Brasil, afirma:

"A ponte entre Cocoa e Java é muito interessante. Claro que, programando um aplicativo com as bibliotecas do Cocoa em vez das do Swing, abandona-se qualquer pretensão à portabilidade. Por outro lado, havia grande interesse por lado da Apple em convencer programadores já experientes em Java a implementar aplicativos e utilitários para o Mac OS X, e alguns utilitários da própria Apple supostamente seriam codificados em Java. Porém, isso não ocorreu. Atualmente, nenhum utilitário de uso geral da Apple é escrito em Java, e pouquíssimos aplicativos de outras empresas são anunciados como sendo escritos em Java. Aparentemente, na prática, as restrições e problemas encontrados na ponte Cocoa–Java são suficientemente grandes para levar as empresas a considerar outras soluções. O uso do Swing, por outro lado, parece não agradar aos usuários de Mac OS, por causa das divergências no método de operação. Em termos de formato, o Finder permite rodar diretamente os arquivos em formato `.jar` (Java ARchive); para usar o Cocoa–Java é preciso montar um *bundle* similar ao dos aplicativos Cocoa. Há também a possibilidade de escrever programas em Carbon ou Cocoa e chamar plug-ins ou rodar *applets* Java em janelas."

Polêmica à parte, o que você está esperando? Arregace as mangas e comece agora mesmo a escrever código Java no/para o seu Mac, pois esta é a oportunidade com a qual você sempre sonhou de desenvolver aquela *"killer application"* que o transformará em famoso(a), milionário(a) e formoso(a) ;-) **M**

DANIEL DE OLIVEIRA
daniel@dfjug.org
É coordenador do DFJUG.

Comandos de movimentação e edição do vi

0 (zero)	vai para o início da linha
$	vai para o final da linha
a	anexa texto
B	volta uma palavra delimitada por espaço
b	volta uma palavra
Control b	volta uma tela de texto
Control d	move uma página para baixo
Control f	move uma tela de texto para frente
Delete	move um caractere à esquerda
Esc	sai do modo de inserção e retorna ao modo de comando
h	move um caractere à esquerda
i	insere texto
j	move uma linha para baixo
k	move uma linha para cima
l	move uma linha à direita
O	abre uma nova linha para inserir texto acima da linha atual
o	abre uma nova linha para inserir texto abaixo da linha atual
Return	vai para o início da próxima linha
u	move metade da página para cima
W	move uma palavra delimitada por espaço para a frente
w	move uma palavra para frente
: w	grava o arquivo no disco
: q	sai do vi e retorna ao *prompt* do Terminal
: q !	sai do vi e retorna ao *prompt* do Terminal, descartando alterações feitas no arquivo

Cada linha determina a configuração de certas operações básicas do seu sistema. Leia atentamente e tente reconhecer algumas!

Passo 2

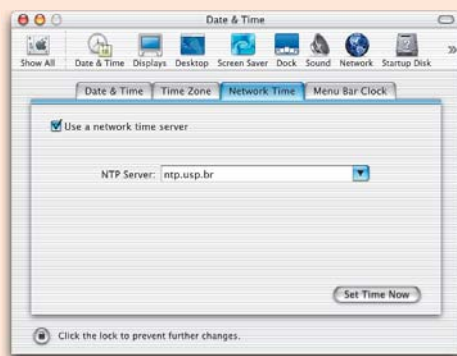
Quando o arquivo é aberto, você pode notar que o cursor estará sobre o primeiro caractere da primeira linha do texto. Lembrando que estamos no modo de comando, digite h para mover-se para esquerda. O cursor permanecerá no mesmo lugar e o vi emitirá um aviso sonoro. O mesmo ocorre usando-se o comando k, que move o cursor para cima.
Tente agora digitar o comando j para mover-se para baixo. Agora, o cursor está no início da linha # /etc/hostconfig. Tecle novamente k para voltar ao ponto inicial.
Usando as teclas H, J, K e L, movimente-se por todo o arquivo até se sentir a vontade com esses comandos. Tente também usar as teclas de direção do seu teclado para mover-se pelo arquivo.
Mova o cursor até o meio de uma linha qualquer e em seguida teste os comandos 0 (zero) para mover-se até o início da linha e $ para mover-se até o final da linha. Em seguida tente as teclas Delete e Return, para descobrir como elas podem ajudá-lo na movimentação.

Passo 3

Em alguns casos, precisamos nos mover um pouco mais rapidamente, e para isso também temos comandos especiais. Veja na tabela da página anterior os comandos e teste cada um deles para verificar os resultados.

Passo 4

Estamos prontos para alterar nosso texto. Usando os comandos de movimentação, vá até o item TIMESYNC no arquivo hostconfig original. Esse item configura o sincronismo automático do relógio do seu computador através da Internet.
Vamos alterar essa configuração manualmente, no nosso arquivo hostconfigcopia.

Observação: outra forma de mudar a configuração desse item é alterando as configurações do Horário de Rede (Network Time) no painel Data e Hora das Preferências do Sistema (System Prefs).

Passo 5

No final da linha, podemos ter duas opções:

```
TIMESYNC=-YES-
TIMESYNC=-NO-
```

Como queremos alterar a configuração, não importando qual seja a atual, mova o cursor até o final da linha e utilize o comando x, até que resulte:

```
TIMESYNC=-
```

Agora, entre com o comando a e digite a configuração oposta àquela que existia anteriormente. Tecle Esc para voltar ao modo de comandos.

Observação: tente fazer o mesmo utilizando o comando X e veja a diferença.

Passo 6

Eliminar texto caractere por caractere pode ser inconveniente em alguns casos, e por isso temos alguns comandos extras.
O comando D apaga toda a linha a partir do ponto onde estiver o cursor.
Uma outra opção é utilizar o comando d, que pode ser seguido por um w, para apagar uma palavra, ou por um outro d, para apagar a linha inteira.
Experimente os comandos dw e dd.

Agora você pode se considerar um usuário produtivo e que consegue editar facilmente textos utilizando o vi. Tente abrir outros arquivos nele, mas lembre-se de tomar cuidado para não fazer alterações em arquivos do sistema, o que causaria sérios problemas. M

ALBERTO V. MENDONÇA

ProNotas

Vídeo nota X

Os macmaníacos que trabalham com vídeo podem comemorar. O ano de 2002 está trazendo muitas novidades nessa área. Rapidamente, as principais empresas que desenvolvem software e hardware específicosestão convertendo seus produtos para o Mac OS X.

• A Pinnacle, que produz o sistema integrado (combinação de hardware e software) de edição de vídeo **CinéWave,** lançou uma nova versão, a 2.1, que é compatível com o Final Cut Pro 3 da Apple (o qual roda no Mac OS X). O CinéWave 2.1 adiciona várias ferramentas de edição em tempo real para o software da Apple, como correção de cor, balanço RGB e *chroma key* com filtros de cor, entre outras.

• A Apple comprou a **Nothing Real,** empresa que criou os programas Shake e Tremor (usados em efeitos especiais 3D). Segundo o anúncio, a Apple pretende usar as tecnologias da Nothing Real em futuras versões dos seus produtos (sem especificar quais seriam). Os softwares Shake e Tremor são programas para composição de imagens para a plataforma NT e Linux e custam, respectivamente, US$ 20 mil (Shake) e US$ 100 mil (Tremor).
Para entender o impacto que essa compra teve no meio do vídeo *high-end,* basta lembrar que o Shake está sendo utilizado para criar os efeitos visuais dos filmes da série "O Senhor dos Anéis".

• O programa **Xpress DV** da Avid, atualmente exclusivo para Windows, vai ganhar uma versão para Mac OS X. O aplicativo concorre com o Final Cut Pro em edição não-linear de vídeo. A empresa, que há quatro anos anunciou que estava largando o Mac para concentrar seus esforços na plataforma Wintel, está retornando depois do sucesso da Apple em recuperar sua posição no mercado de vídeo digital.

• O **Cleaner 5,** software para edição e compressão de vídeo e áudio da Discreet, ganhou um update que o torna compatível com o Mac OS X. Mas não traz nenhuma novidade além da conversão. Quem usar o programa no novo sistema não poderá criar arquivos no formato Real, pois ainda não há codificador nativo para esse formato.

• O **Media 100i** é um aplicativo para edição de vídeo que combina software e hardware. Ou seja, além do programa, vem uma placa que transporta dados de vídeo para o Mac. Fora o visual Aqua da versão para OS X, o upgrade traz novos efeitos de criação e ferramentas de design de som, e expandiu o uso do AppleScript. Com a nova versão é possível também exportar composições para o After Effects, da Adobe, ou para outros aplicativos de efeitos gráficos. Quem comprar nos EUA a versão antiga do Media 100 4 ganha o V8 quando este for lançado. Dependendo da configuração do sistema, o preço varia entre US$ 2.995 e US$ 14.995.

Media 100i: www.media100.com
Cleaner 5: www.discreet.com
CinéWave: www.pinnaclesys.com
Xpress DV: www.avid.com/index_f1.asp
Nothing Real: www.nothingreal.com

Kodak DCS 760

Objetiva 300mm/f2.8 e a câmera: conjunto de mais de 5 kg

A maior, melhor, mais pesada e mais cara câmera do Brasil

Basta bater o olho nela que todo mundo intui: "pô, deve ser muito boa! E muito cara!" É verdade. A câmera digital Kodak DCS 760 tem a melhor resolução entre as câmeras de 35 mm: 6 megapixels. E é a mais cara do Brasil: US$ 10.900. "Vale mais do que o meu carro!" é uma exclamação comum das pessoas, ao saber o preço. Além de ser a maior e mais pesada da categoria (quase 2kg). Mas ela vale quanto pesa? Veremos adiante. A 760 é basicamente uma câmera Nikon F5 adaptada pra trabalhar digitalmente. Por si só, a F5 já é cara (cerca de US$ 2.000 nos States). Como tal, utiliza todas as objetivas da Nikon. Diga-se de passagem: a F5 também é a base das concorrentes digitais da Kodak, a D1H e a D1X, ambas vendidas pela própria Nikon.

Peso pesado

A Nikon F5 original já é enorme. Agora, adicione-se um robusto compartimento inferior, para abrigar uma bateria tipo "câmera de vídeo antiga". Resultado: uma câmera realmente trambolhuda. E sendo tão alta, surgiu uma dificuldade: acoplá-la num tripé. Como eu usei, num dos testes, uma objetiva 300mm/f2.8, esta é afixada no tripé. Resultado: o corpo "raspa" na cabeça do tripé, obrigando a um certo (e instável) malabarismo. O que só foi possível porque a cabeça do tripé era articulável. Senão, só segurando a câmera na mão, ou usando um apoio improvisado. Curiosamente, a objetiva, no Brasil, sai mais cara do que a câmera: R$ 29.000. Usei, em alguns casos, o flash Nikon SB26. Não pesei, mas acredito que o conjunto todo somava uns 6kg. Mais o tripé de metal. (Ufa! Carregar tudo isso não foi das tarefas mais suaves.)

O DCS Photo Desk combina browser de imagens com algumas funções interessantes de retoque

Números generosos

Mas vamos aos pontos positivos, pra não dizerem que sou rabugento. A resolução de 6 megapixels (a maior disponível no momento em câmeras digitais 35 mm) possibilita fazer belas ampliações fotográficas. Em números precisos: gera um arquivo de 17,5 MB (8 bits). Em pixels: ▶

KODAK DCS 760

Kodak: www.kodak.com
0800-15-0000

Preço: US$ 10.900

Pró: Qualidade da imagem; resolução alta; usa todas as objetivas Nikon; conecta no Mac via Firewire; tem dois slots para cartão de memoria

Contra: Caríssima e pesadíssima

Diferença entre abrir o arquivo RAW e depois salvar para o Photoshop (à esquerda) e abrir via plug-in diretamente no Photoshop (à direita). É melhor a primeira opção, apesar de mais demorada

2008x3032. Por resolução: 17,00 x 25,67 cm, em 300 ppi (adequado pra uso gráfico e pra ampliação em Frontier; veja as edições 72 e 91); 40,80 x 61,61 cm, em 125 ppi (adequado para ampliação em Kodak LED Printer); 70,84 x 106,96 cm, em 72 ppi (adequado para plotagem). Fiz alguns pôsteres e banners com a câmera; ninguém percebeu que são imagens digitais (mesmo porque impressões grandes são pra se ver de longe).
Até pouco tempo atrás, curiosamente, a 760 só capturava as imagens no formato RAW. Qual a vantagem e qual a desvantagem desse formato? Ele comprime o arquivo sem perda aparente de qualidade, e suporta uma interpolação razoável (além de captar com profundidade superior a 8 bits). Por outro lado, exige um software proprietário (ou no mínimo, um plug-in de Photoshop) pra ser "revelado" (renderizado), o que é meio demorado. E no caso específico do software da Kodak (DCS Photo Desk, uma interessante combinação de browser com mini-Photoshop), observei algo curioso. Ao abrir o mesmo arquivo neste, e diretamente no Photoshop, as cores vêm diferentes. De qualquer forma, a definição e a saturação das cores são muito boas.
Com o update recente de *firmware*, a 760 também captura em JPEG e TIFF, mas não com muita velocidade. Ao que parece, ela continua capturando em RAW (.DCR) e o converte lenta e internamente para os outros formatos. Tem cheiro de gambiarra meio apressada. Mas funciona. E alivia o cartão de memória. Em RAW, cada imagem ocupa cerca de 7 MB.

Detalhes impressionantes com objetiva macro. Flash SB26, velocidade 1/160s, abertura 29

Conexão com Mac

Descarregar os arquivos no Mac é moleza. Ou diretamente da câmera, via FireWire, ou via leitor de cartão. A 760 usa CompactFlash e PCMCIA. Diga-se de passagem: há dois slots na câmera – uma providência muito boa, principalmente para fotojornalistas.
É impressionante a quantidade de cabos que acompanham a 760. Tem plugs pra tomadas do mundo inteiro. O alimentador também faz parte do kit. Muito útil para trabalhos em estúdio.
O carregador de bateria tem dois compartimentos. É recomendável comprar uma bateria reserva, pois a recarga é demorada.

Três flashes para clicar a arara de pelúcia. Velocidade: 1/30s. Abertura: f29

Moiré

Ao fotografar a arara mostrada no alto desta página, surgiu um problema curioso: o moiré (*"muarê"* pros íntimos). São padronagens ou faixas multicoloridas que se formam em áreas com detalhes muito pequenos, estragando parte da imagem. Para amenizar o problema, existe o filtro de *anti-aliasing*, colocado entre a objetiva e o corpo. Custa cerca de US$ 1.400. Acompanha a câmera um filtro infravermelho.
No software da Kodak, também há um recurso que diminui razoavelmente o *moiré*. Para ambos os recursos (filtro físico ou software), o efeito colateral é uma certa perda de nitidez na imagem (algo como aplicar Dust & Scratches no Photoshop).

Macros

A câmera teve excelentes resultados ao se usar a objetiva de 105mm micro, conhecida como a melhor que a Nikon já fabricou. Os detalhes da arara de pelúcia *(ao lado)* estão bastante nítidos. O ISO (sensibilidade) vai de 80 a 400, o que permite uma boa definição de imagem. Como se vê, foram usados três

Apesar do limite de sensibilidade de ISO 400, é possível fotografar shows

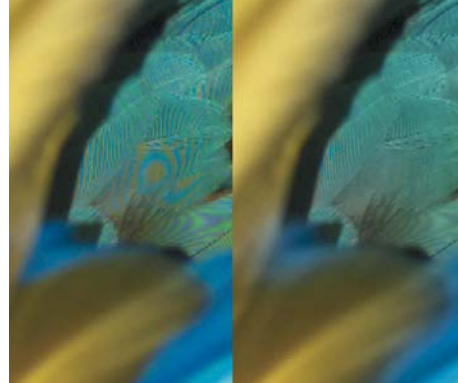
flashes normais, e a câmera reagiu muito bem a esse tipo de luz. Praticamente não houve ajuste no Photoshop.

Mesmo limitado ao ISO 400, fui fotografar um show. Tentei usar 5 pontos de superexposição (+5EV). Obtive um resultado bem razoável. Semelhante a usar um filme ISO 1600, recurso normal nesta situação. E não dá pra ignorar a conveniência de se descartar dezenas de fotos ruins que rolam durante um show, em que as luzes mudam o tempo todo.

Magnificação

Para fotos de shows, aliás, existe um lance interessante. Como as objetivas acabam tendo uma magnificação de 1,3x, as teles têm maior alcance. Usando a objetiva 300mm, ela se tornou uma bela 390mm. Por outro lado, as grande-angulares perdem um pouco de abrangência.

LCD legal

Ao fotografar e revisar as imagens, o LCD é legal, tem um bom tamanho e oferece muitas informações sobre a imagem, como abertura, velocidade, histograma etc. Todas elas são transferidas para o Mac ao se copiar os arquivos. Interessante também é o microfone embutido na câmera, que permite gravar informações adicionais.

Antes e depois da aplicação do filtro anti-*moiré* do software da Kodak; não resolve, mas ajuda

Enfim, a DCS 760 é essencialmente um objeto do desejo. São poucas as empresas que podem bancar seu custo. Mas não há dúvida de que a qualidade da imagem que a câmera proporciona é muito boa. Nesta faixa de equipamento (estilo 35mm reflex profissional), talvez seja a melhor qualidade disponível atualmente no Brasil. E é uma alternativa muito interessante pra uso em estúdio, pois custa bem menos do que um *back* digital. M

MARCOS KIM mskim@bol.com.br
Possui um terço de DCS 760 (um Monza 95).
Colaboraram: Zooparque de Itatiba e Bourbon Street Music Club.

InFocus LP530

O seu desktop vai para a parede

O que você faria se tivesse um belo projetor capaz de ampliar as imagens de seu Mac, ou qualquer outro equipamento com saída de vídeo XGA, composite ou S-Video? Para aplicações profissionais, o uso mais comum seria utilizá-lo para realizar apresentações para clientes ou em palestras. Já para aplicações pessoais, não consigo pensar em coisa melhor do que ligar o DVD nele e montar uma pequena sala de cinema em casa.

O projetor LP530 da InFocus é o tipo de produto que você não sabia que precisava desesperadamente até ter a oportunidade de usá-lo. Pesando pouco mais do que 2,6 quilos (quase o mesmo que um PowerBook Titanium), essa pequena maravilha oferece mais do que a maioria dos equipamentos similares desse porte, trabalhando com resolução de 1024x768 pixels, mas podendo adaptar para cima ou para baixo resoluções de até 1280x1024.

O LP530 inclui um cabo XGA que já traz um conector USB para controlar o projetor a partir do programa para Mac. O software é para Mac OS 9, mas o LP530 não tem problemas em identificar o sinal de vídeo do OS X, desde que o Mac seja iniciado já com o projetor conectado e ligado. O programa de Mac é bem completo, mas também é possível alterar todas as diversas configurações oferecidas a partir do controle remoto, que conta com botões para mudar a fonte de vídeo, dar *zoom* na imagem projetada e ainda realiza os ajustes trapeizoidais *(keystone)*, função fundamental em qualquer projetor. Nos menus de configuração é possível ajustar parâmetros como brilho, contraste, gama, balanceamento de cor, dimensão de tela (*widescreen*, formato nativo etc.) e nitidez, entre outras opções.

O dispositivo é bem inteligente e identifica automaticamente se há sinal entrando em alguma das entradas de vídeo, seja XGA, composto ou S-Video. Um módulo a parte pode ser encaixado no projetor a fim de possibilitar a conexão de um segundo computador, e mais uma entrada de vídeo composto e áudio.

A imagem proporcionada é excelente: sem qualquer defeito aparente de pixel e com ótima resposta de luminosidade e sombras. A luminosidade mostrou-se sempre uniforme e suave, independente da fonte de vídeo.

DVD 4 ever

Numa intensa semana de "testes" assitindo a diversos filmes em DVD a partir do LP530, foi possível constatar que ele é perfeito para um *home theater*, projetando cores bem vivas e bastante nitidez. O produto conta com um pequeno alto-falante, potente o suficiente para ser ouvido sem grandes distorções numa sala não muito grande. É claro que, para ver filmes e coisas do gênero, é melhor ligar as saídas de áudio do projetor num equipamento de som externo, ou então nem passar o sinal pelo equipamento.

O LP530 é feito para adaptar-se às mais diversas situações, fazendo a projeção de ponta-cabeça (se usado dependurado no teto) ou ao contrário, quando a imagem é projetada por trás da tela. Aliás, ele é compatível com os padrões NTSC, PAL, SECAM, PAL-M, e PAL-N; ou seja, funciona bem no mundo inteiro.

A grande frustração é na hora de saber o preço: US$ 7.900. Definitivamente, não é um brinquedo qualquer, mesmo levando em conta que o custo não é tão alto para um projetor tão pequeno e poderoso como este. Para empresas ou consultores que precisam viajar para dar palestras, ele vale o quanto (não) pesa. M

Para se ter uma idéia de como é pequeno

Altere as configurações do projetor a partir do Mac

INFOCUS LP530

Infocus: www.infocus.com
11-5535-3626

Preço: US$ 7.900

Pró: Ótima qualidade de projeção; pequeno; versátil; compatível com PAL-M

Contra: Caro

iMic e iVoice

Microfones USB fazem seu Mac ouvir melhor

Muita gente pode nem ter se dado conta, mas já faz algum tempo que os portáteis da Apple (além do Cubo e do novo iMac) vêm sem entrada de áudio. Para muitos isso não faz a mínima falta. Afinal, o microfone interno dos iBooks e PowerBooks já dá para brincar um pouco: gravar alguns sons, mesmo que toscamente, fazer o latido do Rex virar “sound alert” e por aí vai.

Até bem pouco tempo atrás, mexer com áudio não era trabalho para qualquer Mac: era preciso um bom *clock* e era essencial ter slots PCI para colocação de placas de áudio. Com o advento de sistemas completos, e até móveis, de som, interfaces de áudio como a MOTU 828 *(ver resenha nesta edição)* ou a Digi 001 *(Macmania 85)*, que ligam-se à sua máquina via FireWire, está cada vez mais comum esbarrar com algum músico que trabalha, compõe, edita e até mesmo finaliza e masteriza a música num PowerBook. Alguns até usam seus portáteis para fazer apresentações ao vivo.

Mas se você não tem muito dinheiro para gastar com um equipamento desses ou não leva o áudio assim tão a sério, a solução é apelar pros adaptadores USB de *audio in*. Não dá para saber muito bem por que a Apple resolveu “esquecer” a entrada de áudio miniplug em algumas de suas máquinas, mas a meu ver, o ideal não seria ter que gastar mais dinheiro num aparelhinho extra, depois de ter comprado um computador caro e de última geração.

Então, vamos aos fatos: testamos dois adaptadores do mercado: o iVoice, da Macally, e o iMic, da Griffin Technology.

São produtos extremamente simples. Nem manual ou instruções de uso são necessários. Não requer prática nem tampouco software extra, pilhas ou cabos de força. Apenas encaixe-os em qualquer porta USB na traseira do seu Mac e saia pro abraço. É o legítmo “plug & play”, tanto no OS 9 como no OS X. Imediatamente os sistemas reconhecem a presença do adaptador, permitindo que você escolha tanto no seu painel de controle como no seu software de gravação preferido o *line in.*

Os dois aparelhos também têm uma saída de áudio miniplug, idêntica à que já vem no Mac, que pode servir para plugar um equipamento de som extra ou mesmo um fone de ouvido. É um equipamento fundamental para quem tem um desses Macs “surdos” e quer, por exemplo, converter seus velhos vinis para MP3. Ambos são de tamanho pequeno, reforçando a portabilidade do produto, funcionando em Macs com OS 9.0.4 em diante.

iMIC

Griffin Technology: www.griffintechnology.com

Preço: US$ 35 (EUA)

Pró: Versátil; combina com o Titanium

Contra: Não vende no Brasil

As diferenças

Ambos os miniplugs podem funcionar como entrada de áudio no iMic. O mesmo *jack* de saída de som pode ser usado para entrada de um microfone externo, bastando apenas mudar o seletor que fica entre os dois *jacks*. Caso você queira ligar uma fonte, sonora de impedância menor que um microfone como, por exemplo, um CD player ou um videocassete, é só usar a outra entrada, que conta com uma pequena amplificação de sinal. Solução inteligente que torna o iMic totalmente versátil. Além de *line in* e *line out*, o iVoice traz também um microfone embutido. Se fosse um bom microfone, que se diferenciasse em qualidade do que já vem de fábrica no seu Mac, até faria sentido a sua existência, mas não é o caso. E é nesse *mic* embutido que reside o maior problema do adaptador da MacAlly: mesmo com um *audio in* plugado nele, o seu microfone embutido continua funcionando. Não há maneira de você escolher entre o *mic* e o *line in*. Isso faz com que o uso do iVoice se limite apenas à função de microfone ou *line-out*, ambas as funções já presentes no seu Mac. Além disso, aparentemente o adaptador não possui um limitador de impedância, tornando bem difícil a gravação, já que qualquer som plugado nele, principalmente microfones externos, tende a distorcer.

iVOICE

Macally: www.macally.com
11-287-0448

Preço: US$ 49 (EUA)

Pró: Compacto

Contra: Microfone embutido atrapalha o line in; não vende no Brasil

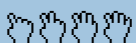
Conclusão

O iMic é sem dúvida a melhor opção. Ele faz um perfeito par com um bom microfone, possibilitando resultados excelentes no seu portátil ou Cubo. Já o iVoice... bem, caso o microfone do seu Mac tenha quebrado, pode ser uma opção a se pensar.

Infelizmente, nenhum dos dois fabricantes têm seu produto vendido no Brasil. A MacAlly até conta com um representante aqui (a MGI), mas que até o momento não se interessou por importar o iVoice. A Griffin não possui representante local, mas vende o iMic e o envia para qualquer lugar do mundo. Só que o preço do produto, com o frete, salta de US$ 35 para US$ 65, tornando a brincadeira um pouco cara.

O mesmo é válido para a MacAlly. **M**

CARLOS BÊLA

Já pode finalmente tirar do baú seu Casiotone rosa-choque para gravar “Da Da Da” no Titanium.

SpyPen Memo

Espionagem rola até no escuro

Já tive a oportunidade de analisar dois modelos da linha de minicâmeras "espiãs" SpyPen, que tradicionalmente são pequenas e funcionais. A SpyPen Memo não foge à regra, só que inclui mais funções do poderíamos esperar desse dispositivo de bolso. A câmera traz memória embutida de 8 MB, o que permite tirar 26 fotos a 640x480 pixels (o modo de "alta resolução") ou 107 capturas a 352x288. Ela também possui um *timer* de dez segundos para disparar fotos e, como os outros modelos já testados, é capaz de gerar pequenos filmes, que na verdade são fotos tiradas consecutivamente e "juntadas" num arquivo QuickTime, resultando num filme mudo de oito segundos, ligeiramente acelerado (e em baixa resolução).

No escuro

O pacote inclui um módulo de flash que pode ser acoplado à câmera. Assim, ela é capaz de tirar fotos em qualquer ambiente e nível de iluminação. O único inconveniente é que o flash requer duas pilhas "palito" (além das duas da própria câmera), tornando-o quase tão pesado quanto a Memo. Um recurso interessante da Memo é a capacidade de tirar fotos a intervalos regulares que podem variar de um minuto até uma hora. A utilizade disso varia de acordo com a pessoa e sua índole: pode servir para tirar fotos de pessoas ou ambientes sem que você esteja lá (só tome cuidado porque a câmera emite um bipe a cada foto e isso pode estragar seus planos), ou para aplicações mais científicas como registrar o desabrochar de uma flor ou uma aranha trabalhando em sua teia. Para facilitar essa tarefa, vem com o produto um suporte de plástico para manter a câmera parada na posição vertical, mas que pode ficar meio instável se ela estiver com o flash acoplado.

A Memo também funciona como gravador digital de áudio, com capacidade de até 12 minutos. Só é meio chato o fato de a gravação só ser feita enquanto o botão frontal permanecer pressionado. Depois de algum tempo, seu dedo pode ficar cansado...

O flash é encaixado em dois plugs na lateral

A comunicação com o Mac é feita a partir da porta USB; há um driver para Mac OS 9, que funciona também no ambiente Classic do OS X. (O iPhoto ignora completamente a câmera.)

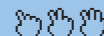
Quando você conecta o cabo USB à Memo, um programinha lançado automaticamente pergunta para onde as fotos serão transferidas e se você quer que tudo seja deletado da memória da câmera após o processo.

A lente oferece ângulo de visualização de 55 graus, o que não pode não ser muito para ambientes pequenos, e o macro permite aproximação de, no máximo, dez centímetros.

O pequeno visor é um problema em potencial, uma vez que o enquadramento que se vê não é exatamente o obtido. As fotos muitas vezes ficam mais à esquerda do que o desejado. Pode ser impressão minha, mas achei que os outros dois modelos SpyPen que já testei, Xion e Cleo, proporcionavam melhor qualidade de imagem. Muitas fotos ficaram com a luminosidade "estourada", mesmo quando a luz ambiente não era tão forte. As imagens também apresentaram pouco contraste e o foco mostrou-se meio indeciso com objetos localizados a menos de 50 centímetros da lente.

Enfim, não dá para esperar muito do resultado final, mas o preço de US$ 239 é menor do que praticamente qualquer outra câmera digital. **M**

Dois problemas nesta imagem: o auto-ajuste de exposição tende a "estourar" a luz, e a paralaxe em relação ao visor a tira de centro

SPYPEN MEMO

Absolut Technologies: www.abs-tech.com 71-379-4113

Preço: US$ 239

Pró: Pequena; oferece várias funções e vem com flash

Contra: Baixa resolução; problemas com luminosidade

IBM Memory Key

Carregue seu becape no bolso

Vamos encarar a realidade: o Mac não tem drive de disquete. Não que ele tenha deixado muita saudade mas, convenhamos, às vezes você quer transportar meia dúzia de arquivos e fica sem saber como. Ou é muito pouco para queimar um CD, ou é muita coisa pra mandar por email... mandar um Zip? Raramente eles são devolvidos. Como diria o camarada Vladimir – o que fazer?

Felizmente, Deus colocou portas USB em nossos iMacs. E alguém teve a brilhante idéia de colocar um chip de memória Flash em um chaveirinho com uma porta USB. E fez-se o meio de transporte de dados multiplataforma definitivo.

O Memory Key, da IBM, vem em dois tamanhos: 8 MB e 32 MB. O primeiro é mais barato, mas o segundo traz uma relação custo/megabyte bem melhor. Ele vem acompanhado de um simpático "porta-isqueiro" de couro para pendurar no pescoço, mas o charme mesmo é usá-lo como chaveiro.

Acompanha também um CD com drivers para Windows 98. No Mac, não é preciso driver. Basta plugá-lo em uma porta USB (a do teclado é a mais prática) para o HD-chaveiro montar no seu desktop, pronto para ser utilizado.

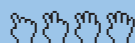
Quer dizer, em termos. Quando é plugado pela primeira vez, o Memory Key monta como um disco formatado para MS-DOS. Pode ser uma boa idéia deixá-lo assim, caso você troque frequentemente arquivos com PCs e seu Mac esteja no Mac OS 9. Tivemos alguns problemas quando tentamos copiar arquivos no Mac OS X para o Memory Key com sua formatação original, mesmo ele funcionando a contento no OS 9. Felizmente, utilizando o Disk Utility foi possível reformatá-lo para Mac OS Extended. Daí para a frente, ele se comportou muito bem em ambos os sistemas, mas perdeu a compatibilidade multiplataforma. Para reformatá-lo novamente para DOS, só plugando o bicho em um PC.

O Memory Key não é nada impressionante em termos de velocidade, mas como também não tem uma capacidade muito grande, isso não faz muita diferença. Você vai demorar cerca de dois minutos para encher seus 32 MB e a metade desse tempo para copiar seu conteúdo de volta para o disco.

Faltava só o teste final. Arrastei o Finder, o System, o Mac OS ROM e o System Resources para uma pasta no chaveirinho, que renomeei como System Folder. Escolhi o chaveiro como disco de startup. Restartei a máquina e... não é que ela "bootou" pelo Memory Key? E com espaço para jogar um Norton Disk Doctor e dar uma checada no HD. Todo consultor deveria ter um desses.

O Memory Key é baseado na tecnologia Diskonkey, da M-Systems. Existem outros licenciadores da mesma tecnologia que vendem chaveiros de até 128 MB, mas a IBM preferiu se concentrar nos modelos de 8 e 32 MB. O único problema é que, por ter a grife IBM, o Memory Key é mais caro que os concorrentes. Em compensação, ele tem um design melhor, chato e retangular, enquanto os outros parecem umas canetas Bic anãs e gordinhas.

De qualquer forma, vale o investimento. Poder carregar no bolso um becapezinho de 32 MB pode salvar sua vida. Ou pelo menos, o seu HD. **M**

IBM MEMORY KEY

IBM: www.ibm.com.br
0800-78-1426

Preço: R$ 196,51 (8 MB),
R$ 382,06 (32 MB)

Pró: Minúsculo; extremamente prático

Contra: Pequenas incompatibilidades com o Mac OS X; caro

PowerBook G4 Titanium Combo

Revisto e melhorado

Externamente, esse novo Titanium não tem diferença em relação à primeira versão, lançada em janeiro de 2001. Apenas usando ele por algum tempo é que acaba ficando perceptível que a Apple se tocou de várias bobagens que tinha feito e conseguiu consertar uma coisa ou outra. Exemplo disso é a sensível melhora no lendário problema de aquecimento da máquina. Nos primeiros PowerBooks G4, o calor chega a ser insuportável depois de usá-lo no colo por uma porção de minutos. Ele ainda esquenta muito, mas deu uma aliviada, provavelmente devido a mudanças feitas no *cooler* (dissipador térmico). Outra coisa que mudou – e isso não só no Titanium, mas em toda a linha de portáteis – foi a fonte de alimentação. O velho "ioiô" que apareceu junto com os primeiros iBooks, embora simpático, era muito grande e desajeitado para ser transportado com facilidade em uma pasta, por exemplo. A nova fonte é pequena, tem uns ganchos para enrolar o fio e deixa você usar a extensão que vem junto. Uma solução bem mais prática que a anterior.

Combo Drive combina

Os novos modelos (550 e 667 MHz) vêm equipados com o Combo Drive, que funciona ao mesmo tempo como leitor de DVD e gravador de CD-R. O drive continua sendo *slot-loaded* (você insere um CD em uma pequena fenda, como em um CD player de carro), mas traz uma sutil melhoria em relação aos primeiros modelos. Em vez de agarrar o CD (ou DVD) logo de cara, ele deixa o disco entrar suavemente quase até o fim, para então puxá-lo com um tranco. Assusta, na primeira vez. Mas logo você se acostuma.

O Combo Drive é o típico equipamento que deveria ter vindo com o Titanium desde o início. Queimar CDs em um Mac portátil é qualidade de vida. Baixe MP3, jogue-os no iTunes, queime um CD de áudio, ouça no carro. Nunca foi tão fácil. A velocidade de 8x do Drive Combo do Titanium não é exatamente a coisa mais rápida do mundo, mas dá pro gasto, queimando um CD inteiro em 9 minutos. O drive também não se dá muito bem com mídias vagabundas, acusando erros variados até você baixar a velocidade de gravação para 4x ou menos. Tanto o Disk Burner quanto o Toast ou o Jam, da Roxio, se dão às mil maravilhas com o drive Combo.

Debugado!

As pequenas falhas que existiam nos primeiros PowerBooks G4 (bateria meio bamba, CDs que prendiam no drive) viraram coisa do passado. O *case* de titânio, embora resistente, continua sendo facilmente riscado. Por isso, é bom tomar cuidado com o seu. Infelizmente, algumas coisas continuam na mesma: o teclado continua frágil, e aparentemente as teclas têm a mesma facilidade de saírem voando ao se digitar mais violentamente. O botão de ligar feito de metal esquenta muito e pode fritar o seu dedinho. Incomoda também a falta dos "pezi-

Apple: www.apple.com.br
11-5503-0090
0800-1-APPLE
Preço: R$ 8.250 (550 MHz)
R$ 11.900 (667 MHz)
Pró: Excelente desempenho; tela grande; poder gravar CDs na estrada é tudo
Contra: Muito caro; fácil de riscar e sujar

nhos" dos modelos antigos para deixá-lo mais alto e mais cômodo para se digitar em cima de uma mesa. E uma porta FireWire só é muita merrequice por parte da Apple. O Titanium continua sendo o Mac mais complicado para se instalar uma placa AirPort, mas em compensação, ela agora vem instalada de fábrica no modelo top de linha, o de 667 MHz.

Uma coisa que permaneceu imutável, um ano depois do lançamento, é o seu irresistível charme, que atrai olhares de curiosos por onde se ande. Goste ou não do seu design limpo, o que sempre chama atenção são as suas linhas retas, seu visual bem resolvido, seu peso leve e sua espessura fina. E saber que ele é feito de titânio dá uma idéia de robustez e de modernidade ao mesmo tempo.

Nem é tão caro assim

A boa notícia é que o Titanium 550 MHz é hoje o Mac com preço mais atrativo no Brasil – praticamente uma promoção não anunciada. Por R$ 8.250, ele está apenas 50% mais caro que seu preço nos EUA, uma taxa rara em modelos de linha da Apple. A título de comparação, o novo iBook com tela de 14 polegadas está saindo apenas R$ 250 mais barato. O que faz a gente pensar: "quem em sã consciência iria comprar uma máquina mais lenta, com tela menor, menos recursos e quase o mesmo preço?"

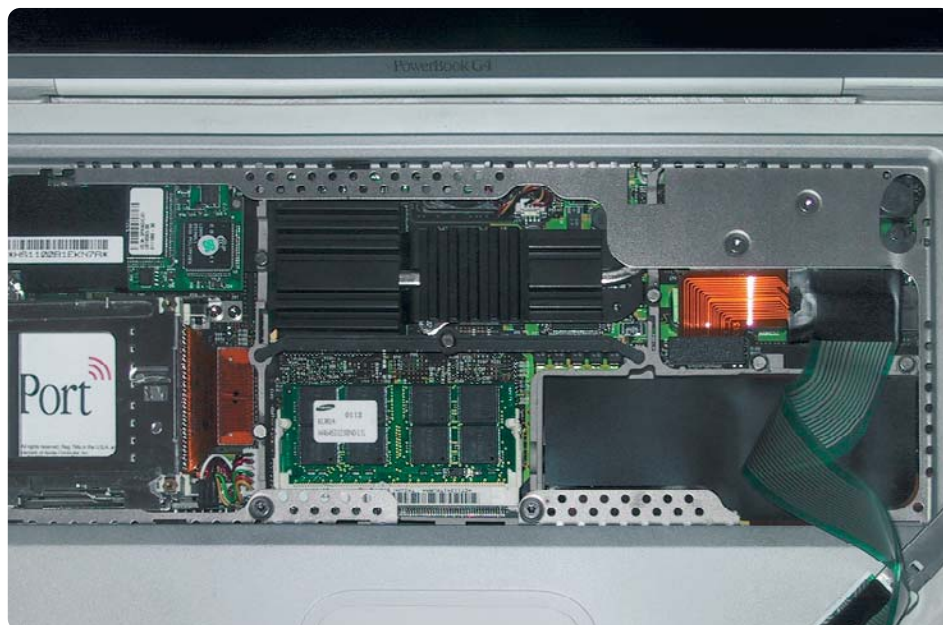
À primeira vista, essa diferença parece um erro contábil, já que nos EUA o vão entre os dois produtos é de quase US$ 500. Mas o que provavelmente ocorre é que lá o PB G4 não é mais um produto tão "hot" quanto o novo iBook, deve estar superestocado e, com isso, a Apple Brasil consegue importá-lo por um preço melhor. E é nosso dever apontar essas boquinhas.

Mais do que nunca, o modelo de 667 MHz é indicado para quem está atrás de velocidade. Além dos megahertz a mais, ele também conta com um *bus* ("barramento" – o canal por onde caminham os dados entre o processador, memória e acessórios internos) de 133 MHz, contra 100 MHz do modelo mais barato, o que aumenta consideravelmente a diferença de desempenho entre os dois. E você ainda ganha mais 10 GB de disco, 256 MB de RAM e uma plaquinha AirPort de lambuja.

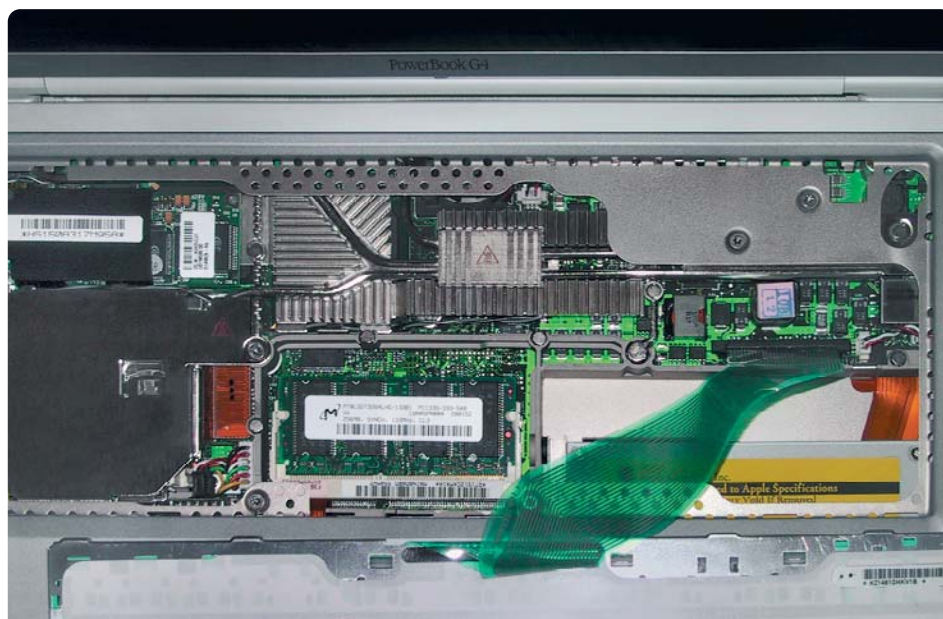
Mesmo não sendo mais novidade, o Titanium continua uma boa compra, graças aos updates frequentes que vem sendo feitos pela Apple. Em termos de relação preço/performance, ele bate os melhores laptops do mundo PC.

DOUGLAS FERNANDES
douglasf@mac.com
Com a grana de um Titanium, termina de mobiliar o seu apartamento.

Ficha técnica

Chip	550 MHz	667 MHz
Preço	R$ 8.250	R$ 11.900
RAM instalada	256 MB	512 MB
Barramento	100 MHz	133 MHz
HD	20 GB (4200 rpm)	30 GB (4200 rpm)
Drive óptico	Combo Drive (lê DVD a 8x e CD a 24x; grava CD-R e CD-RW a 8x)	
Portas	Ethernet, modem 56k, infravermelho, 2 USB, 1 FireWire, 1 PC Card, VGA, S-Video	
Chip gráfico	ATI Mobility Radeon	
Tela	Matriz ativa de 15,2 polegadas (1152 por 768 pixels)	
Medidas externas	2,6 x 34,1 x 24,1 cm	
Peso	2,45 kg	

Acima, o PowerBook G4 original; abaixo, o novo. Note o *cooler* ampliado, com aletas dissipadoras de calor e uma misteriosa tubulação. De resto, a máquina continua fácil de abrir, mas instalar o cartão AirPort ainda é uma tarefa pra lá de chata

Reaktor 3

Sintetizador virtual vai onde nenhum som jamais esteve

Toda vez que a Native Instruments manda um novo produto para a Macmania avaliar, é a mesma coisa: não dá para falar mal. Aliás, é difícil não ficar abobado com os feitos desses alemães. Quando o assunto é Reaktor, a coisa vai ainda mais longe, pois esse software é conhecido como o rei dos sintetizadores virtuais. Agora na versão 3, o Reaktor é o sintetizador virtual mais poderoso do mercado, misturando moduladores, processadores de efeitos, *sampler*, *loops*, sequências e outros recursos que podem ser manuseados em tempo real apenas com o uso do mouse. Que tal utilizar o *sampler* para ressintetizar o áudio e transformá-lo em algo completamente novo? Ou então, juntar vários *loops* rítmicos, acertar automaticamente o tempo de cada um e combiná-los, criando um som radical? Ou quem sabe, você quer utilizar todas as técnicas de síntese possíveis para gerar um timbre sem precedentes? Essa é a função do Reaktor: reinventar o universo sonoro.

O Reaktor funciona como um programa independente, mas ele é bem mais útil na forma de plug-in, trabalhando com os formatos VST 2.0, DirectConnect e MAS. Também suporta os padrões ASIO e FreeMidi. Todo o poder desse software vem de sua arquitetura modular, que inclui mais de 200 módulos básicos que podem ser combinados das maneiras mais diversas. Entre eles encontram-se osciladores análogos ou de *sampler*, vários filtros e envelopes (ataque, sustentação, decaída e soltura do som), distorções e *sequencers*.

Os novos módulos do Reaktor 3 incluem o Audio Array (que possibilita criar osciladores a partir de arquivos de áudio), o Event Array (para desenhar envelopes com número ilimitado de curvas), *delay* com até oito repetições (8-Tap Delay) e o mixer de oito canais. Mais do que novos módulos, o Reaktor 3 inclui um mecanismo de áudio completamente reescrito e otimizado para tirar proveito das instruções AltiVec do chip G4, além de nova interface com novas barras de ferramentas e botões, *faders* e controles redesenhados para deixar o programa mais intuitivo. O Reaktor também melhorou o suporte a *drag and drop* – que passa a funcionar com arquivos de áudio, intrumentos e macros –, e possibilita importar *samples* no formato Akai.

A interface do Reaktor não é exatamente intuitiva, mas as possibilidades são ilimitadas

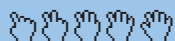
No final das contas, a interface não mudou radicalmente e nem se parece muito com um programa de Macintosh. Quem sabe a Native Instruments não implementa um visual mais Aqua no dia em que lançar uma versão para Mac OS X? Um dia ela vem.

Mas e aí, é simples de usar? Não vou mentir para a freguesia: o Reaktor pode ser bem complexo. Se você não entende nada de síntese sonora ou processamento de áudio, talvez seja melhor começar com um produto mais simples como o Absynth, da própria Native Instruments *(ver Macmania 88)*. A complexidade do programa está intimamente ligada ao seu poder, mas isso não quer dizer que ele é um bicho de sete cabeças. O produto vem com um ótimo manual do usuário, que contém vários tutoriais que facilitam bastante o aprendizado. Com dedicação e prática, você começa a dominar o seu formato modular e a criar seus próprios sons.

Se você não quiser sair do zero, o Reaktor traz uma grande e variada biblioteca com intrumentos de timbres fantásticos – desde loops rítmicos, passando por sons suaves, até ruídos assustadores. A partir desses instrumentos você poderá explorar as diversas facetas do software que incluem, além dos recursos de síntese tradicionais, compressores, equalizadores, alteração de *pitch*, *delay*, distorção e muito mais.

Para completar, o site da Native Instruments abriga uma vasta comunidade de usuários do Reaktor, onde é possível baixar e trocar arquivos com outras pessoas.

Definitivamente pentelho é o *dongle* (proteção por hardware) USB do Reaktor, que me obrigou a ficar desconectado da impressora toda vez que tinha de rodar o programa. Mas isso chega a ser uma reclamação fútil. O fato que mais me incomodou foi que, ao contrário da versão anterior, o plug-in VST só rola com o programa aberto em segundo plano, o que implica em precisar de maior poder de processamento para rodá-lo (a empresa diz que está trabalhando num update para corrigir esse detalhe). Independente disso, utilizar um Mac com chip G4 para rodar o Reaktor é ultra-recomendável, embora o software role em máquinas G3, só que de modo mais sofrível. M

REAKTOR 3

Native: www.nativeinstruments.de

Preço: US$ 499 (no site da empresa; imposto e taxa de entrega não incluídos)

Pró: Arquitetura modular abre possibilidades criativas ilimitadas; qualidade sonora impressionante; suporte a AltiVec

Contra: Plug-in só rola com o software em plano de fundo; curva lenta de aprendizado; não tem representante no Brasil

Office v.X

Chegou o aplicativo mais importante para o Mac OS X, mas ainda falta uma revisão

Muito se falou que, para o Mac OS X deslanchar de vez e se tornar o sistema operacional padrão da grande maioria dos macmaníacos, faltava o Office da Microsoft ser "carbonizado" (ou seja, adaptado para o OS X). Bem, desde novembro o pacote de aplicativos está disponível em versão para o novo sistema. E agora? A mudança é definitiva? É o que pensa a Microsoft; tanto que o novo Office é exclusivo para o novo sistema, ou seja, o Office 2001 será a última versão disponível para o OS 9. Daqui para a frente, vida nova na divisão Mac da Microsoft: uma vida totalmente Aqua.

Numa primeira análise, o Office v. X tem tudo a ver com o Mac, mas ainda existem certas situações que continuam a importunar os macmaníacos. Isso sem falar em pequenos bugs novos, exclusivos do Office v. X. Bem, mas isso já era de se esperar, não é?

Escritório do X

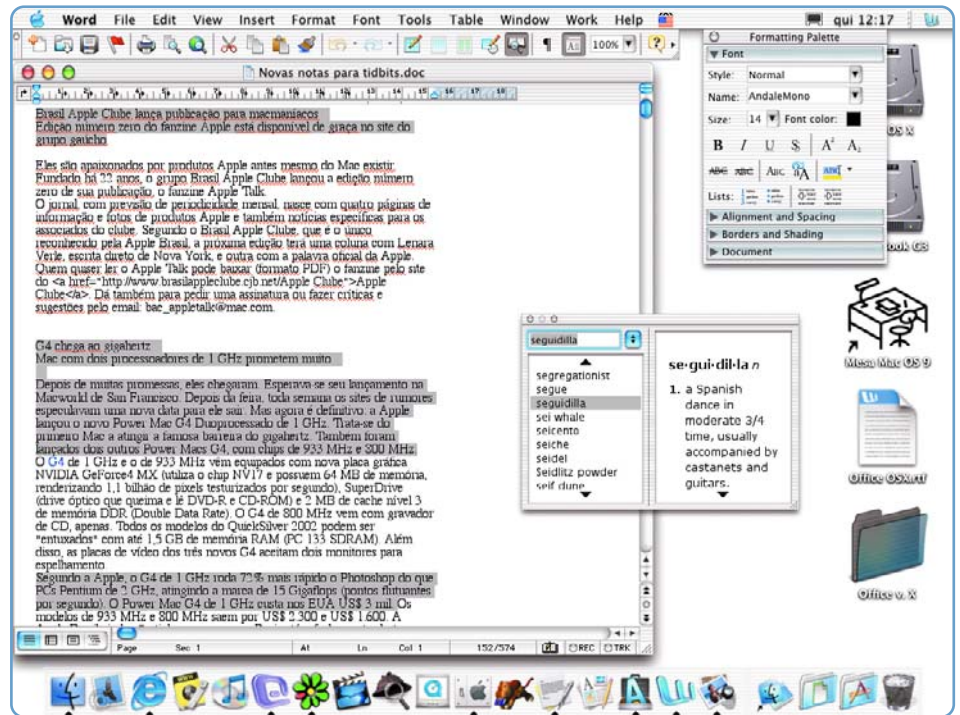
Em primeiro lugar, o Office v. X não é uma mera adaptação do Office 2001. O pessoal se esmerou em colocar funções exclusivas e não simplesmente implantar a interface Aqua.

O Office foi otimizado para o OS X, beneficiando-se da multitarefa preemptiva e também do Quartz (sistema de desenho de tela), agregando velocidade sem perder desempenho. Mas o método de desenho das fontes na tela continua sendo o mesmo usado no sistema clássico, e não o do Quartz. Assim, ironicamente, o mesmo texto exibe um visual muito mais realístico no humilde TextEdit do que no Word.

Algumas mudanças podem atrapalhar os usuários mais antigos, acostumados a certos atalhos de teclado. A Microsoft optou por trocar vários dos atalhos anteriores para se manter consistente com os novos atalhos padrão do sistema. Exemplo: no Office 2001, para enviar e receber todas as mensagens, bastava digitar ⌘M. Mas no OS X esse atalho é para minimizar janelas. Sendo assim, para mandar e receber seus emails agora é preciso teclar ⌘K.

Poucas mudanças

Dos quatro programas que compõem o Office, três deles tiveram pouquíssimas inovações além do visual Aqua. O Word, o Excel e o PowerPoint foram remodelados, sim, mas funções novas são poucas.

No caso do Word, o principal destaque é poder selecionar textos não-contínuos. Com o mouse, selecione um bloco de texto e depois, com a tecla ⌘ apertada, escolha outro pedaço. Qualquer formatação aplicada somente nesses pedaços de texto não afeta o restante. Essa função não é uma invenção da Microsoft. O Nisus Writer já faz isso há tempos, porém, apenas o Word funciona no OS X; portanto... Além disso, o programa ganhou um gerenciador para dados (Data Merger), que permite criar cartas e formulários mais facilmente, e uma interação maior com o Entourage, podendo digitar contatos novos no Word e adicioná-los ao Entourage com um clique.

Selecionar textos não-contínuos é legal, mas poder acentuar seria melhor

Se o Excel e o PowerPoint também não trazem grandes novidades, o fato de eles utilizarem o sistema de desenho de telas do OS X, o Quartz, já é uma boa notícia. Gráficos e apresentações ganham uma nova vida com o controle de opacidade dos objetos, transformando gráficos apenas coloridos em translúcidos.

No Excel agora é possível também personalizar atalhos de teclado, assim como no Word (PowerPoint e Entourage não têm essa função), e há uma maior integração com o REALbasic para criar programas que utilizem dados do Excel.

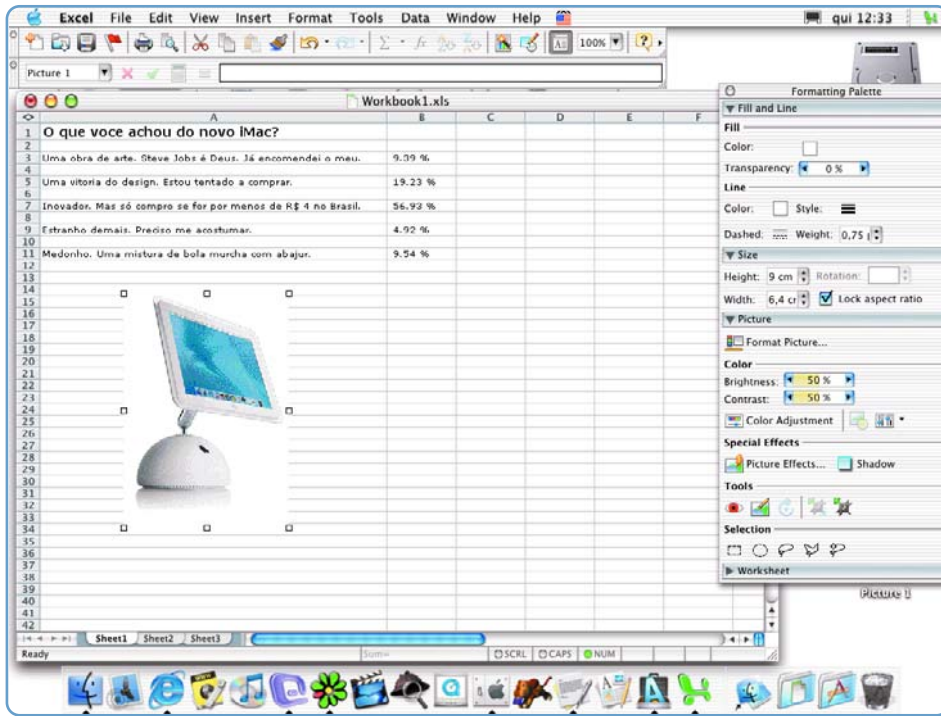
No caso do PowerPoint, as mudanças foram também mínimas: além do visual Aqua, as imagens ou outros documentos "linkados" numa apresentação agora ficam numa pasta única,

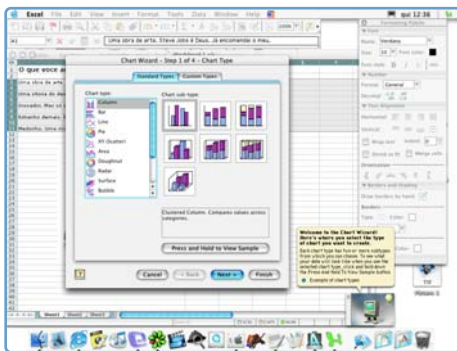
MICROSOFT OFFICE v.X

Microsoft: www.microsoft.com/mac 11-3444-6841

Preço: US$ 499 (versão completa) US$ 299 (upgrade)

Pró: Visual Aqua, com novas funcionalidades, multitarefa; Entourage reformulado; gráficos transparentes

Contra: Cadê o dicionário? Por que não acentua? E não tinham prometido sumir com aquele assistente chato?

Faça planilhas e gráficos estilosos no Mac OS X

Apresentações legais com efeitos bacanas, podendo-se exportá-las para QuickTime

facilitando o gerenciamento de arquivos e melhorias na função de exportar para QuickTime, podendo usar as transições do QT na apresentação. Além disso, pode-se usar no QuickTime as ferramentas de Web da Microsoft, como *clip art* e coisas assim.

Entourage, o grande

Enquanto os outros três programas do pacote vieram com poucas firulas, o Entourage v. X foi quem passou pela maior recauchutagem. Criado para o Office 2001 e exclusivo para Mac, o Entourage mistura um gerenciador de informações pessoais com cliente de email. (Para saber mais sobre ele, leia a matéria na edição 92.)

A mudança no Entourage foi radical. Sai o visual "Outlook Express" do Office 2001 e entra a interface Aqua, com seis grandes botões para facilitar o acesso às funções do programa. Cada uma delas possui uma barra de ferramentas diferenciada, para melhorar a navegação. Além disso, o banco de dados do Entourage foi remodelado para se integrar ao ambiente multitarefa do OS X. Assim, o banco de dados fica rodando em segundo plano *(background)*, pronto para receber as informações vindas diretamente dos outros programas do Office, mesmo com o Entourage desligado.

Para receber e enviar emails, não há muito o que falar. Tudo funciona como no OS 9. Mas, para quem usa o programa para gerenciar seus contatos e o seu dia-a-dia, há novidades. O calendário foi reformulado, agora com três painéis distintos. No maior, o calendário em si, é possível mudar o modo de visualização (Dia, Semana, Semana de Trabalho – sem o final de semana – e Mês) com um botão. Agora, quando uma tarefa vai durar mais de um dia, ela é mostrada como um banner passando pelos dias, e não mais como a mesma tarefa repetida em diversos quadros. No outro painel, as Tarefas aparecem listadas, mas atenção: depois de completada uma tarefa, ela some dali. O último, um minicalendário, pode parecer reduntante, mas é possível colocar o calendário do mês anterior e o do próximo, para quem gosta de saber o que passou e o que ainda virá.

Uma nova função que pode ser uma mão na roda ou um tormento (dependo do seu ponto de vista) é a de recuperar endereços de email recentes. Funciona assim: você recebe um email de alguém que não está no seu Catálogo de Endereços e o Entourage "guarda" o endereço. Assim, quando você digitar as primeiras letras, ele também aparecerá na lista para o caso de você precisar. Mas, e se você não quiser usar esta função? Basta desligá-la nas preferências Mail & News, na aba Compose. Vai de gosto do freguês.

No quesito "problemas temporários que devem ser resolvidos rapidamente", o Entourage v. X ainda não exporta contatos, calendários e notas para o Palm. Segundo a Microsoft, o problema não é dela, mas da Palm, que ainda não liberou

uma versão oficial do seu conduíte para o OS X. A empresa garante que, assim que a Palm fizer a sua parte, um *patch* (remendo) será colocado à disposição no site da Microsoft, de graça.
No quesito bug, o Entourage tem um que poderia ser engraçado, se não fosse irritante. Se você clicar no ícone do programa no Dock com a janela Mail minimizada, ela virá para a frente, mas permanecerá cinza, como se estivesse em *background*, e você não vai conseguir navegar entre suas mensagens. Para ativar a janela, é preciso reduzi-la de novo e clicar no ícone da janela Mail no Dock. Chato.

Mais do que um cliente de email, o Entourage é um organizador da sua vida

Falhas imperdoáveis

Apesar de todo o esforço da turma do Bill Gates em criar um conjunto de programas de primeira linha para o Mac, ainda existem alguns problemas com o Office que não foram sanados, e alguns novos que atrapalham a vida de quem optou por pagar (e pagar bem) pelo pacote de programas.
O primeiro grande problema do Office é a falta de um dicionário de correção ortográfica para português. Será que o pessoal da divisão Mac da Microsoft não sabe que existem macmaníacos por estas paragens? Desde o Office 2001 essa situação não muda. Nem a Apple Brasil nem a Microsoft parecem entender a absoluta necessidade dessa função. E não estamos falando de um programa baratinho, não. Paciência. Ficamos esperando. É claro que vamos esperar sentados...
Outro problema interessante e que nunca foi detectado em versões anteriores do Word foi a recusa repentina do programa em acentuar palavras. Como é que é? Vejam só! Em nossos testes, de uma hora para a outra, ao utilizar qualquer outra fonte que não a Times ao digitar os acentos, o programa se recusava a acentuar (algumas vezes, nem mesmo a Times funcionou). Isso ocorreu em máquinas diferentes, mas não em todas. Será que é algum descaso com usuários que não usam a língua inglesa? E não estamos falando exclusivamente daqui: macmaníacos europeus também já reclamaram com a Microsoft sobre o bug. Esse problema não é só irritante, como a falta de dicionários, mas também uma afronta total aos macmaníacos não-angloparlantes. Até o fechamento desta edição, não havia disponível um remendo que o resolvesse.
O Office para OS X está aí. Mas para nós, macmaníacos brasileiros, ainda precisa melhorar para ser perfeito.

Não perca mais seus encontros ou fechamentos

SÉRGIO MIRANDA
Foi obrigado a escrever este texto no TextEdit, porque o Word se recusou a acentuar palavras decentemente...

To X or not to X?

Domingo à noite, depois de um fim de semana *offline*, vou pegar meu mail e lá vem a pilha de mensagens represadas. Amigos (poucos e bons), propaganda (lixo, muito lixo, quanto lixo!), *mailing lists* (listas de discussão; o nome em português é mais correto :-)) etc. Numa das listas, sobre Mac, encontro uma longa cadeia de mensagens, coisa rara em um domingo. Como o título não permitia saber o que se discutia, abro a mensagem inicial, e me surpreeendo com um protesto contra o Mac OS X e um elogio ao 9, que o autor usava e não pretendia trocar tão cedo pelo X, especialmente diante do que via. "O que via" era uma mensagem em que se discutia truques de linha de comando. Em uma lista de Mac, para seu desagrado e espanto. Bem, isso tudo para começar a falar o que pretendo sobre o Mac OS X.

Primeiro que tudo: vamos ser realistas. Não adianta reclamar. É desperdício de energia. O Mac OS X é o Mac OS daqui para a frente. Ou seja: hoje. Para ele serão escritos os programas e projetados items de hardware, CPUs, placas de vídeo e até interfaces de áudio profissionais.

Segundo: enquanto, no passado, a Apple e os desenvolvedores de software se preocupavam com a compatibilidade das novas versões do OS e dos softwares com as máquinas antigas, com pouca RAM, pouco HD e processadores lentos, hoje escrevem praticamente apenas para as máquinas que estão em linha. Para a Apple – sempre é bom lembrar, a Apple é uma empresa de capital aberto, da qual se espera lucro – significa redução de custo, o que é importante em uma indústria que vive de margens estreitas e em uma época de crise. Para o usuário que compra máquinas novas, significa aproveitar melhor o computador que comprou. Mas para quem tem modelos antigos, é a morte anunciada do seu equipamento. Ruim? É, negócios não são arte. Lucro não é uma coisa simpática. Mas a Apple se tornou novamente lucrativa após a volta de Jobs, não por conta do sucesso de vendas do iMac, iBook ou G3s beges ou azuis, mas sim porque a equipe que veio com Jobs tomou decisões drásticas e impopulares como essa, mas que têm gerado lucros sucessivos. Todo usuário convicto gosta de enumerar esses dados, para garantir à oposição que "o Mac não está morto", e que "Bill Gates não comprou a Apple" (para quem ainda não sabe, a Microsoft comprou alguns milhões em ações sem direito a voto, à prestação, aparentemente como parte de um acordo legal, e também para evitar que o único concorrente fechasse e seu monopólio fosse indiscutível). Enfim, ao engolirmos este sapo, estamos pagando para ter a Apple aberta e funcionando. Antes a Apple era pródiga, e dava prejuízo.

Mas voltemos ao OS X. Ele tem um outro aspecto. Redefine os papéis do usuário e o do técnico. No Mac OS "antigo", quase todo usuário se considerava um *expert* (e quase nenhum era, a experiência mostra), e, frequentemente, se arvorava a "conselheiro" de neófitos e até mesmo consultor de empresas. Isso porque o usuário precisava intervir muito mais frequentemente no OS, fosse por conta de programas, fosse por conta do sistema. O X é um sistema muito mais sólido. O usuário leigo – seja ele apenas um leitor de emails e autor de textos, seja um designer gráfico ou editor de vídeos – precisa intervir muito menos no OS e nas suas "entranhas". Por outro lado, "abrir o capô" do Mac OS X não é mais coisa para usuários. É assunto sério, para profissionais habilitados, e, principalmente, estudiosos e experientes (assim, tipo o Freitas). Não dá mais pra sair arrastando qualquer coisa para qualquer lugar. Para quem, como eu, trabalha em ambientes de produção, é uma bênção. Não precisarei mais me desviar do caminho de casa à meia-noite porque durante o dia alguém mexeu no Extensions Manager de uma estação de vídeo e agora não funciona mais e há trabalho precisando ser finalizado. Basta configurar a máquina como administrador e criar um usuário para o operador da estação, sem permissão para deletar, instalar ou configurar nada além do estritamente necessário. Estou legislando em causa própria? Não. Na minha experiência como consultor, vejo que muitos dos problemas do Mac vêm exatamente desse usuário interventor que, ao contrário do usuário de Windows que teme pôr tudo abaixo, não tem o menor temor de revirar o seu Mac.

Finalmente, a afirmação categórica é: "o X não tem programas!" Mais ou menos. Não tem todos. Vai ter mais, em breve. Não tão rápido quanto sonham os entusiastas de carteirinha (fala, Alê!), mas mais rápido do que gostariam os pessimistas de plantão.

Falei muito, mas você deve estar se peguntando: "Mudo para o X ou não?". Se você tem um Mac com processador mais rápido que 400 MHz, 256 MB ou mais de RAM e seus programas importantes de trabalho (ou prazer) já foram portados para o X, a resposta é: "Sim!", com certeza. Se o seu Mac é lento, se você não tem RAM o bastante ou se precisa usar o Photoshop, por exemplo, então espere um Mac mais rápido e com mais RAM e/ou o seu software de fé ser portado para o X, o que (o porte, não o upgrade do seu Mac) deve significar "até o fim deste semestre". Mas não fique pensando que você vai escapar dessa. Mac OS X, você ainda vai ter um! M

MARIO JORGE PASSOS
É consultor e acha que está precisando casar de novo.